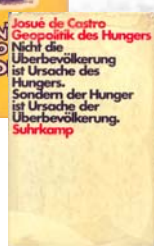


Antônio Alfredo Teles de Carvalho

JOSUÉ DE CASTRO NA PERSPECTIVA DA GEOGRAFIA BRASILEIRA – 1934/1956

(Uma Contribuição à Historiografia do Pensamento Geográfico Nacional)



Recife
2001

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS
CURSO DE MESTRADO EM GEOGRAFIA

JOSUÉ DE CASTRO NA PERSPECTIVA DA
GEOGRAFIA BRASILEIRA – 1934/1956

(Uma Contribuição à Historiografia do Pensamento Geográfico Nacional)

Dissertação apresentada por **Antônio Alfredo Teles de Carvalho**
ao Curso de Mestrado em Geografia da Universidade Federal de
Pernambuco sob a orientação do **Prof. Dr. José Borzacchiello da
Silva** como requisito parcial à obtenção do grau de mestre.

Recife/2001

911.3

C33j Carvalho, Antônio Alfredo Teles de

Josué de Castro na Perspectiva da Geografia Brasileira –
1934/1956 - uma contribuição à historiografia do pensamento
geográfico nacional / Antônio Alfredo Teles de Carvalho. –
Recife: O Autor, 2001.

179 f.: il.

Dissertação (Curso de Mestrado em Geografia) – Universidade
Federal de Pernambuco. CFCH, 2001.

Inclui Bibliografia

- 1- Josué de Castro, Pensamento Geográfico Brasileiro.
- 2- Geografia Humana
- 3- Geografia Social

Banca Examinadora

Prof. Dr. José Borzacchiello da Silva
(Orientador)

Prof. Dr. Armen Mamigonian – USP
(Examinador Externo)

Prof. Dra. Edvânia T. Aguiar Gomes – UFPE
(Examinador Interno)

Prof. Dr. Cristovam R. C. Buarque – UNB
(Suplente Externo)

Prof. Dra. Tânia Bacelar de Araújo – UFPE
(Suplente Interno)

À

Minha mãe, **Quitéria Teles de Carvalho** (*in memoriam*), mulher de grandes qualidades, pelo amor, dedicação e desprendimento com que criou e educou a mim e aos meus dois irmãos.

Minha avó **Dona Maria Teles** (*in memoriam*) Berço de sapiência, humanidade e que muito me ensinou o valor da simplicidade e do amor ao próximo; presença marcante na minha vida;

Meu sobrinho **Urbano José** (*in memoriam*) que por dez anos me presenteou com o seu amor e a sua alegria.

Maria de Fátima e José Urbano, meus irmãos e grandes amigos. Duas grandes dâdivas divinas. Presenças imprescindíveis em todos os momentos da minha trajetória.

Francisco Antônio, sobrinho muito querido, fonte de motivação permanente.

Prof. Dr. Roberto Lobato Corrêa, eminente mestre, que através dos seus escritos contribuiu grandemente na minha formação acadêmica e científica.

Prof. Dra. Edvânia Torres Aguiar Gomes, a quem também devo parte fundamental da minha formação profissional e humana, pelos ensinamentos pautados no humanismo, na multidisciplinaridade e responsabilidade na construção do saber.

Dedico este trabalho. Não fosse a energia procedente do amor, do carinho, dos ensinamentos e do incentivo incessante de vocês, não teria a mesma disposição à sua concretização.

Agradecimentos

Inúmeras foram as contribuições logradas no decorrer da realização deste trabalho, que aos poucos foi perdendo a sua natureza meramente acadêmica para se constituir em um projeto de vida. Assim, este momento que supostamente seria integralmente prazeroso, apresenta-se também muito difícil face a possibilidade de incorrer as omissões a despeito dessas contribuições advindas de pessoas e instituições com as quais interagi e exerci a arte da convivência e do aprendizado. Entretanto,

Aos mestres *Manuel Correia de Andrade* e *Milton Santos* agradeço por aguçarem o meu interesse em Josué de Castro através dos seus escritos.

Agradeço ao meu orientador *Prof. Dr. José Borzacchiello da Silva*, pela honestidade e seriedade expressas nas suas sugestões e palavras de incentivo. Utilizando-se da sua tranquilidade e competência me fez trilhar agradavelmente pelos meandros da história do pensamento geográfico brasileiro. Ao mestre José o meu muito obrigado e a certeza que as reflexões aqui dimanadas engendrarão trabalhos futuros.

A *Prof. Dra. Edvânia Torres Aguiar Gomes*, sou especialmente grato pelo acompanhamento em todas as etapas de realização deste trabalho, observando, criticando e sugerindo. O seu apoio, também configurado nas palavras de incentivo e encorajamento, se tornou imprescindível para que o mesmo se tornasse uma realidade. A ela, além do muito obrigado, meu respeito e admiração.

Aos todos os meus Professores ao longo do curso – especialmente *Dr. Nilson Crócia*, pela atenção que sempre me dispensou, me presenteando com o a sua inteligência; *Dr. Cláudio Castilho*, pelas traduções dos documentos escritos em francês e italiano; *Dra. Tânia Bacelar* pelos ensinamentos e a atenção dispensada; *Dra. Veronique Durand* que me recebeu calorosamente no PPG em Serviço Social – elevo os meus agradecimentos.

Meus agradecimentos são extensivos aos funcionários da Secretaria do Mestrado, que mais que simples funcionários, revelaram-se grandes amigos. Sou agradecido a *Antônio Carlos Duprat Barros*, exemplo de profissional e ser humano, sempre disposto a ajudar especialmente nos momentos mais difíceis. A *Rosa Cristina Marques*, o meu muito obrigado pela boa vontade, atenção e carinho. A amizade nascida nesse curto espaço de tempo é reflexo dessas características que lhe são peculiares. Agradeço ainda a *Klebert Montarroyos*, que apesar da ligeira passagem pela secretaria se faz sentir presente nas amizades construídas.

Aos meus colegas de curso, especialmente *Geane Bezerra*, *Marcos Vinícios* e *Josabeth Leal*, pelas discussões acaloradas, as trocas de informações e sobretudo a cumplicidade e o respeito que sempre marcou o nosso convívio

Expresso aqui um agradecimento especial a *Noberto Francisco Barros Júnior*, que a despeito das circunstâncias adversas, mais que um colega, revelou-se um grande amigo, um irmão. A Noberto sou grato pela sua amizade, do seu filho, namorada, pais, irmãos (especialmente a *Karla* que bondosamente se propôs a traduzir algumas correspondências), sobrinhos e cunhados. Certamente uma das minhas aquisições mais significativas no mestrado.

Aos colegas das turmas posteriores que também se transformaram em amigos e sempre mostraram-se solícitos e companheiros nas dificuldades, especialmente *Clélio Cristiano* e *Hadman Santos*, que muito me ajudou na tradução dos textos em francês.

A *Fabiana Farias*, um agradecimento especial por tudo o que representou no decorrer desse percurso e pela solidez da amizade construída.

Aos Professores *Lucivânio Jatobá* e *Vanice Selva*, sou grato pela amizade e incentivo que sempre marcaram o nosso convívio; a *Jaci Câmara* pela atenção e apoio desde o início do curso, quando comecei a garimpar e catalogar informações no Núcleo de Apoio à Pesquisa Acadêmica – NAPA, por ela coordenado.

A *Prof. Dra. Graça Ataíde* (DLCH-UFRPE), agradeço pelo incentivo no meu ingresso na pós e as significativas contribuições no exame de qualificação. No mesmo Departamento sou igualmente grato a *Prof. Auxiliadora Gonçalves* pelo carinho e confiança que sempre marcaram a nossa amizade.

No Centro Josué de Castro, onde fui levado pelas mãos de *Nancy Lourenço*, a quem sou agradecido, encontrei as bases documentais e bibliográficas necessárias à construção desse trabalho. Agradeço a então Presidente do Centro, *Jacirema Bernardo* que me liberou um acervo ainda em fase de organização e onde passei aproximadamente um ano. Contei com a assistência competente da estagiária *Maria do Céu* (Selma), da secretária *Enide Pinheiro*, além *Flávio Oliveira*, *Márcia Andrade*, *Wellington Mello* e *D. Joana*. A todos, muito obrigado.

Aos meus amigos *Jackson Bezerra*, *Charles Cavalcante*, *Marcos Lira*, *Dário Alencar* e *Hugo Henrique* sempre presentes nos momentos que careceram das suas presenças.

A *José Cardoso Filho*, grande amigo, exemplo de seriedade e competência, agradeço pela confiança e pelo apoio desde os tempos da graduação.

O levantamento realizado para elaboração deste trabalho, entretanto, não se restringiu aos órgãos e pessoas instalados na cidade do Recife. Nesse sentido, pesquisas em outras cidades se tornaram uma necessidade e me colocaram em contato com pesquisadores e instituições que foram fundamentais e aos quais sou agradecido.

Na Universidade Federal do Rio de Janeiro tive a honra de contar com o *Prof. Dr. Roberto Lobato Corrêa*, que me brindou com as suas sugestões sempre oportunas e emprestou textos para reprodução; *Prof. Dr. Maurício de Almeida Abreu*, que orientou no uso da biblioteca do PPGG-UFRJ e o *Prof. Dr. Paulo César da Costa Gomes* que me conduziu ao eminente *Mestre Orlando Valverde* que me recebeu para uma entrevista e a quem sou agradecido por este privilégio.

Na Universidade do Estado do Rio de Janeiro contei com o apoio inestimável do *Prof. Dr. João Baptista Ferreira de Mello*, a quem agradeço por este momento e pela sua

importância na minha formação intelectual através dos seus textos permeados de sabedoria e brilhantismo, e da *Prof. Dra. Zeny Rosendahl* que afora a acolhida calorosa, demonstrou uma generosidade ímpar, revelados na disposição em contribuir mais e mais...

Na Fundação Oswaldo Cruz, recebi a atenção da *Prof. Dra. Rosana Magalhães*, que tendo desenvolvido sua dissertação de mestrado sobre Josué de Castro, me brindou com a sua boa vontade e disposição em somar ainda mais. A Rosana o meu agradecimento.

Na Universidade de São Paulo sempre que se fez necessário tive o apoio do *Prof. Dr. Armen Mamigonian* que em diferentes momentos, até fora do país, abriu mão dos seus afazeres para se preocupar comigo. Também na USP, pude contar com a *Prof. Dra. Maria Adélia Aparecida de Souza*, entusiasta e sempre disposta a falar sobre Josué de Castro. A eles serei sempre agradecido.

Aos amigos *Rafael Faleiros* (USP), *João Paulo Jeannine* (UNESP – Rio Claro) e *Luis Carlos Tosta* (UFRJ), agradeço pelo apoio, estímulo, boa vontade, as discussões entusiásticas e especialmente, pela amizade.

Para concluir, expresso a minha gratidão a *Prof. Dra. Heleniza Ávila Campos* (UNISC-RS), profissional exemplar, pela confiança expressa e sugestões sempre cabíveis.

A *Prof. Denize Tomaz de Aquino* (UPE), meu primeiro contato com a geografia na academia, agradeço pelas lições conscientes, pautadas no compromisso com as transformações sociais. Este trabalho, é certamente, mais um produto resultante da semente por ela semeada.

A eminente Mestra *Prof. Dra. Raquel Caldas Lins* (UFPE), pelas contribuições e lições que remotam ao nosso convívio no Departamento de Geografia da Fundação Joaquim Nabuco, reservo a minha eterna gratidão.

‘*In memoriam*’ ao mestre Josué de Castro, o que faço através dos seus filhos *Josué Fernando* e *Anna Maria* e do seu neto *Josué Fernando Filho*, que me abriram as suas portas e também de outras pessoas que gozaram do convívio com o ‘Cidadão do Mundo’, dentre

os quais ressalto a insigne mestra *Yedda Linhares*, que carinhosamente me recebeu pra contar história e estórias de e sobre Josué. A professora Yedda, assim como a Josué Fernando, Anna Maria e Josué Fernando Filho, um agradecimento todo especial.

A Santíssima Trindade, por tudo...

Resumo

O trabalho apresentado consiste em um esforço de resgate do cientista Josué de Castro à luz da evolução do pensamento geográfico brasileiro no período compreendido entre 1934 e 1956. Nascido na cidade do Recife na primeira década do século passado, o médico e professor catedrático de Geografia Humana dedicou-se teórica e nas suas práticas mais diversas, aos estudos sobre a fome desvendando as relações econômicas e políticas que cercam socialmente esse fenômeno e suas consequências. O interstício utilizado como recorte para este trabalho sobre a contribuição de Josué de Castro à Geografia representa um dos mais representativos da geografia brasileira, assinalando a sua institucionalização e consolidação e, confunde-se com a escalada do geógrafo pernambucano, que se destaca nesse contexto pela geografia marcadamente de contestação e denúncia das desigualdades sociais reveladas sobretudo, no mundo da fartura e do desperdício paradoxalmente ao mundo da escassez e da fome, emanados do processo de colonização e do imperialismo das potências europeias e dos Estados Unidos da América. Esta dissertação busca assim iluminar a importante matriz ao estudo da geografia social no Brasil legada pelas obras e reflexões de Josué de Castro. Esse esforço de resgate está, metodologicamente, apoiado em fontes documentais primárias do próprio autor – trocas de correspondências, anotações e obras – e secundárias – obras escritas sobre o autor e/ou suas idéias e teses– assim como entrevistas e depoimentos obtidos junto aos cientistas contemporâneos e estudiosos da obra ‘castrina’, além da própria família do Josué de Castro. Nesta dissertação são apontadas algumas linhas mestras que fundaram escolas, a partir de Josué de Castro, na análise da fome numa perspectiva crítica e do mundo social, numa visão de vanguarda e de inovações, como expressões de resistência cultural ao mundo de consensos e padrões estereotipados. Reencontrar elementos oriundos da obra de Josué de Castro nos movimentos contemporâneos é um dos marcos gratificantes e desafiadores propiciados por este trabalho.

Résumé

Le travail présenté représente un effort pour redécouvrir le scientifique Josué de Castro pendant la période d'évolution de la pensée géographique brésilienne, bien compris comme période entre 1934 et 1956. Né dans la ville de Recife pendant la première décennie du siècle passé, le médecin et professeur universitaire de Géographie Humaine s'est engagé dans la théorie et pour son application pratique, donc dans les études sur la faim en montrant les relations économiques et politiques qui tournent socialement autour de ce phénomène et autour de ses conséquences. La période utilisée comme extrait pour ce travail analysant la contribution de Josué de Castro pour la géographie, en représente une des plus représentatives de la géographie brésilienne qui marque son institutionnalisation et sa consolidation et qui, confondu avec le surgissement du géographe pernambucain, se détache dans ce contexte comme géographie marquée par la contestation et la dénonciation des déségalités sociales qui se montrent paradoxalement dans un monde de abondance et de gaspillage d'un côté et de manque et de faim de l'autre, originé du procès de la colonisation et du impérialisme des potences européennes et des Etats-Unis. Cette dissertation recherche donc à illuminer la base importante dans les études géographiques sociales au Brésil, qui sont liées aux œuvres et réflexions de Josué de Castro. Cet effort de redécouvrir Josué de Castro est – en ce qui concerne la méthodologie – renforcer par des documents de fontes primaires de l'auteur (correspondances, annotes et œuvres), par des fontes secondaires (œuvres sur l'auteur et/ou sur ses idées et thèses) et aussi par des entrevues et des dépositions reçues à travers de scientifiques contemporains et studieux de l'œuvre castrina, aussi bien que reçues à travers de la propre famille de Josué de Castro. Dans cette dissertation sont appointées quelques lignes maîtres qui ont fait que, à partir de Josué de Castro, se sont fondées des écoles pour analyser la faim à partir d'une perspective critique du monde social, d'une vision innovatrice comme expressions de résistance cultural à un monde de consensus et de modèles stereotypiques. Rencontrer des éléments originaire de l'œuvre de Josué de Castro dans les mouvements contemporains est une des marques gratifiante de ce travail.

Lista de Correspondências

- 1- Carta do Professor Pierre Deffontaines a Josué de Castro. Paris, 30 de setembro de 1937.
- 2- Carta do Professor Pierre Deffontaines a Josué de Castro. Paris, 15 de agosto de 1937.
- 3- Carta de Christovam Leite de Castro a Josué de Castro. Rio de Janeiro, 25 de abril de 1938.
- 4- Carta de Alceu do Amoroso Lima a Josué de Castro. Rio de Janeiro, 07 de junho de 1938.
- 5- Carta de Érico Veríssimo a Josué de Castro. Porto Alegre, 05 de agosto de 1938.
- 6- Carta de Josué de Castro ao Professor Preston James. Rio de Janeiro, 18 de maio de 1941.
- 7- Telegrama do Presidente Getúlio Vargas a Josué de Castro. Rio de Janeiro, janeiro de 1944.
- 8- Carta de Christovam Leite de Castro a Josué de Castro. Rio de Janeiro, 04 de junho de 1946.
- 9- Carta de Alzira Vargas do Amaral a Josué de Castro. Rio de Janeiro, 01 de novembro de 1946.
- 10- Telegrama de Osório Dutra a Josué de Castro. Paris, 26 de setembro de 1947.
- 11- Carta de Josué de Castro ao Professor Preston James. Rio de Janeiro, 19 de fevereiro de 1948.
- 12- Carta de Josué de Castro a Getúlio Vargas - Presidente da República. Rio de Janeiro, s/d.
- 13- Carta de Jacques M. May a Josué de Castro. New York, 12 de setembro de 1952.
- 14- Carta do Professor Milton Santos a Josué de Castro. Salvador, 16 de outubro de 1954.
- 15- Carta do Professor Milton Santos a Josué de Castro. Salvador, 22 de maio de 1955.
- 16- Telegrama de Juscelino Kubitschek a Josué de Castro. Belo Horizonte, 19 de fevereiro de 1955.
- 17- Carta de Caio Prado Júnior a Josué de Castro. São Paulo, Porto Alegre, 01 de maio de 1955.
- 18- Carta do Professor Francis Ruellan a Josué de Castro. Rio de Janeiro, 24 de junho de 1955.
- 19- Carta de Josué de Castro ao Deputado Miguel Arraes. Rio de Janeiro, 06 de abril de 1956.

Lista de Fotografias

Foto 01- Josué de Castro aos 21 anos.

Foto 02- Josué de Castro ao concluir o Curso de Medicina na Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Distrito Federal em 1929.

Foto 03- Josué de Castro nos Estados Unidos (Aeroporto de Miami) em 1943 onde desenvolveu estudos sobre alimentação a convite do governo local.

Foto 04- Josué de Castro recebendo a Grande Medalha Cidade de Paris em 1953.

Foto 05- Josué de Castro aos 21 anos, graduado pela Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Distrito Federal.

Foto 06- Solenidade da posse de Josué de Castro na Cátedra de Geografia Humana da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil em 14 de julho de 1948.

Foto 07- Josué de Castro recebendo o Prêmio Internacional da Paz em Helsinki -1954.

Lista de Mapas

1 - Mapa das Áreas Alimentares do Brasil.

2 - Mapa das Principais Carências Existentes nas Diferentes Áreas Alimentares do Brasil.

Lista de Anexos

Anexo 01- Curriculum Vitae de Josué de Castro apresentado a Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil para submeter-se ao concurso público à Cátedra de Geografia Humana em 1948.

Anexo 02- Saudação de Arthur Ramos ao Professor Josué de Castro em nome da Congregação da Faculdade Nacional de Filosofia na sua posse como Catedrático de Geografia Humana, em 14 de julho de 1948.

Anexo 03- Programa e Ementa da Disciplina Geografia Humana ministrada pelo Professor Josué de Castro na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil para o ano letivo de 1942.

Anexo 04- Cronologia bibliográfica de Josué de Castro no período 1934-1956.

"A esta Geografia Humana, renovada em seu espírito, ou, talvez mais exatamente, recolocada no caminho que lhe abriram nossos mestres, presta Josué de Castro uma excelente contribuição".

Max Sorre

"Josué de Castro não é apenas o trágico escalpelador da 'Geografia da Fome' é a própria Geografia Humana".

Tristão de Athayde

"Poderíamos dizer, se isso não fosse uma redundância, que Josué de Castro humanizou a Geografia Humana".

Arthur Ramos

"Foi Josué que me pôs em contato com a relação do homem com o mundo"

Milton Santos

"Eu digo mesmo que Josué é o homem mais inteligente e brilhante que eu conheci (...) Incrível!"

Darcy Ribeiro

"Tem que saber pra onde corre o rio, tem que saber seguir o leito, tem que estar informado, tem que saber quem é Josué de Castro... rapaz!"

Chico Science

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA
AGRADECIMENTOS
RESUMO
RÉSUMÉ
LISTA DE FOTOGRAFIAS
LISTA DE MAPAS
LISTA DE ANEXOS

CONSIDERAÇÕES INICIAIS..... 18

CAPÍTULO I – SUBVERSÃO AOS ENQUADRAMENTOS ATRAVÉS DA QUADRATURA DOS CÍRCULOS.....21

1.1 – Da Descoberta de Josué de Castro à Construção de um Objeto de Estudo.....22

1.2 – No Encontro com as Fontes a (Re)Descoberta de Josué de Castro.....27

1.3 – 1934/1956: Da Institucionalização a Consolidação da Geografia no Brasil – Recorte Temporal.....43

1.4 – Dialogando com o tempo e o espaço das Idéias: Josué de Castro no Contexto.....48

CAPÍTULO II – DA UNIVERSALIDADE DAS IDÉIAS À UNIVERSALIZAÇÃO DO PENSAR E OS ALVOS FORTES EM CONSTRUÍDAS ELABORAÇÕES DO PENSAR A SOCIEDADE.....71

2.1 – No Bojo dos Pensadores, a Insurgência de Josué de Castro: a sua Incursão pela Geografia, seus Caminhos, suas Trilhas.....72

2.2 – As Linhas, Preocupações Centrais e suas Obras, suas Antecipações: um Homem a Frente do Espírito do seu Tempo.....75

2.2.1. O Médico.....79

2.2.2. O Nutrólogo.....83

2.2.3. O Cientista Social.....90

2.2.4. O Geógrafo.....	93
2.1.5. O Ativista Josué de Castro.....	102
2.3 - O Caráter Subversivo de seu Pensamento Interdisciplinar: um Homem sem Fronteiras.....	116
 CAPÍTULO III - UM HOMEM DE MÚLTIPLAS CONTRIBUIÇÕES REVISITADO EM SUAS IDÉIAS.....	 119
3.1 Josué de Castro Revisitado pelos Estudiosos.....	120
3.1.1. Da Fome e da Nutrição.....	122
3.1.2. Da Geografia.....	126
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	136
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	139
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR.....	148
ANEXO 01.....	150
ANEXO 02.....	161
ANEXO 03.....	165
ANEXO 04.....	175

Considerações Iniciais

A necessidade de aprofundamento dos estudos acerca da história do pensamento geográfico no Brasil constitui atualmente uma preocupação que tende a alargar-se face a premência de revisitar e discutir questões epistemológicas, teóricas e históricas que dêem aporte à compreensão da evolução da disciplina nos interstícios que precederam ou se seguiram a sua institucionalização em 1934.

Assim, subjacente ao contexto a ser reconstituído emerge o levantamento das ‘vozes esquecidas’¹ da Geografia no país, que revela-se através de entidades, publicações ou insígnies mestres² que em consonância, ou não, com as circunstâncias se incrustaram nos anais dessa história, se constituindo em referência na análise e apreensão desse processo. Com efeito, assinala P. C. C. Gomes (Op. Cit: 336) que

“refletir sobre a geografia hoje é pensar forçosamente estes personagens em seus contextos - vê-los em ação não como ser movidos por uma iluminação em busca de uma verdade transcendente mas como atores-autores escrevendo uma narrativa, uma história, uma história da geografia”.

Nessa perspectiva, o trabalho ora apresentado se traduz em um esforço de resgatar o médico, cientista social e geógrafo Josué de Castro à geografia brasileira tomando por base o recorte temporal de 1934 a 1956, evidenciando a sua contribuição e a sua importância na construção de uma geografia social crítica a partir de obras de denúncia como *A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana*, *Geografia da Fome* etc. contextualizando-o historicamente, recuperando o seu percurso geográfico, bem como a sua releitura por especialistas de diferentes áreas do conhecimento. Segundo Machado (Op

¹ Expressão instituída pelo Professor Carlos Augusto Figueiredo Monteiro. Segundo ele, no desenvolvimento desse processo, constatar-se-á, ‘felizmente (ou não), que não temos sido o deserto total das idéias’ (1980: 39).

² De acordo com P. C. C. Gomes (1999: 336) “Idéias, instituições, projetos sociais movem as nossas personagens, nossos geógrafos, mas não só isso; eles se movem também por prestígio, por ambição, por vaidade. Eles se movem igualmente segundo as circunstâncias precisas de ambientes e momentos diferenciados”.

Cit: 177) "esses são estudos quase biográficos, uma mistura de biografia com contexto. Essa linha de estudo é, sem dúvida, muito importante e deve-se ainda investir nela".

Entrementes, é conveniente aludir a complexidade de trabalhar um autor e a sua obra sem cair num quadro cronológico empobrecedor ou sem sucumbir à sedução de uma determinada temática, especialmente tratando-se de um pensador plural e antecipatório como Josué de Castro.

Assim, não por acaso, optou-se por um trabalho descritivo, objetivado sobretudo o resgate do geógrafo, desprendido do imperativo de revisitar todo o conjunto da sua obra, esgotar o tema ou os conceitos e categorias por ele evocados ou instituídos, por enxergar o trabalho científico como uma tarefa inconclusa, ao passo em que se busca aprofundar determinados aspectos, outras questões são suscitadas e por conseguinte novas reflexões vêm à tona, engendrando questionamentos que dimanam inquietações e tornam o processo um contínuo recomeçar.

Metodologicamente o trabalho foi realizado com base na 'arrumação' das reflexões e das conclusões derivadas de três fontes de pesquisa facilmente identificáveis no decorrer da sua leitura:

- (i) correspondências, documentos, livros, artigos e rascunhos do próprio Josué de Castro;
- (ii) bibliografia existente sobre o autor que vai desde livros e teses à breves citações;
- (iii) entrevistas e depoimentos de familiares e pessoas que tiveram contato com o geógrafo.

Na esteira desse formato foi possível focalizar os desdobramentos da construção do universo castrino, sem a preocupação de decompor e reconstruir o discurso do autor, seja através da obra, seja através das correspondências analisadas. Observe-se, portanto, que não constitui prioridade um diálogo mais amigável com estas bases documentais. Mas sim,

trazê-las ao conhecimento dos interessados no estudo da história do pensamento social brasileiro contemporâneo e, da geografia em especial.

No primeiro capítulo é apresentado o objeto de estudo à luz das investigações em história do pensamento geográfico no Brasil, sucedido da justificativa e algumas considerações acerca do seu processo de construção. Em seguida, é reconstituído o contexto histórico configurado no interstício compreendido entre 1934 e 1956, onde a inserção e atuação de Josué de Castro no mesmo é enfatizada, constituindo assim, o cerne dessa parte inicial.

O capítulo subsequente discorre sobre o pensamento de Josué de Castro e da sua insurgência no bojo dos pensadores que trilharam por novas formas diferenciadas de pensar o Brasil, desmistificando os simulacros subjacentes às leituras da realidade nacional. A sua incursão pela geografia, seus caminhos, suas preocupações, suas obras e a interdisciplinaridade nelas contidas são então destacadas, revelando um cientista (o médico, o nutrólogo, o cientista social, ou até mesmo o ativista através do qual desencastela-se não apenas o geógrafo humano, mas um pouco mais, o geógrafo humanista) na vanguarda do seu tempo.

O derradeiro capítulo compreende a obra de Josué de Castro revisitada por especialistas das áreas da nutrição e da geografia. Trata-se de um capítulo emblemático à justificativa do trabalho, pois evidencia a dimensão da apreensão do legado castrino a partir de autores que o retomaram e o adotaram como matriz ao desenvolvimento de estudos relacionados a estas temáticas por ele contempladas.

Trilhando por esta perspectiva, Josué de Castro emergirá do trabalho para uma centralidade indiscutível à compreensão do universo intelectual e geográfico brasileiro dos meados do século XX.

Capítulo *1*

SUBVERSÃO AOS ENQUADRAMENTOS ATRAVÉS DA QUADRATURA DOS CÍRCULOS

1.1- Da Descoberta Josué de Castro à Construção de um Objeto de Estudo

A avidez pelo 'novo' em detrimento dos seus clássicos tem se constituído em uma das particularidades mais significativas da Geografia brasileira. Entretanto lembra Capel (1999: 15) que "nos trabalhos sobre história da Geografia, uma 'visão' ou uma 'perspectiva' sempre predomina sobre as outras, em determinados momentos". Por conseguinte, enquanto as 'novas' tendências despertam interesses e engendram debates, grandes mestres são olvidados e sua obra ignorada.

Nessa perspectiva Santos é mais enfático e assinala que a "Geografia brasileira tem uma velha tradição que é o de sabotar os trabalhos importantes escritos na área. Isto é tão antigo quanto a Geografia brasileira (...) Então Josué de Castro foi sabotado pela Geografia brasileira" (1992: 174). Partindo dessa premissa pode-se afirmar que várias gerações de brasileiros jamais ouviram falar em Josué de Castro ou qualquer um dos seus livros¹. Entretanto adverte Ribeiro (1995): "os livros dele são de intensa atualidade, só que o Brasil deixou de ler os brasileiros". E acrescenta:

"Quando eu voltei aqui para o Brasil e reassumi a minha cátedra no Instituto de Ciências Sociais, conversei com estudantes de Filosofia que nunca tinham lido os filósofos brasileiros. Na casa em que esses escritores fizeram a sua obra. Não sabiam porque era praticamente proibido falar de brasileiros. De Josué ninguém falava".²

¹ A exceção de **Geografia da Fome** – o dilema brasileiro: pão ou aço, que teve a sua 11ª edição publicada pela Editora Gryphus em 1992, e mais duas edições, sendo uma pelo Círculo do Livro e outra, patrocinada pelo Governo do Estado de Pernambuco no cinquentenário da 1ª edição, e ainda os artigos reunidos na coletânea **Fome – um Tema Proibido**: os últimos escritos de Josué de Castro, organizada por Anna Maria de Castro, em três edições consecutivas. Em maio de 2001 a Editora Civilização Brasileira lançou a 14ª edição da Geografia da Fome e a 2ª edição de Homens e Caranguejos, durante a Bienal do Livro do Rio de Janeiro.

² In: **Josué de Castro – Cidadão do Mundo**. Vídeo Documentário. Direção de Sílvio Tendler. Rio de Janeiro: Bárbaras Produções/Verj Vídeo, 1995.

Mas a negação a Josué de Castro não restringiu-se apenas ao universo acadêmico, conforme se supõe, mas a outros níveis. Nesse sentido lamenta o músico pernambucano Chico Science (1995):

"Eu nunca soube nada de Josué de Castro. Eu não aprendi na escola sobre Josué de Castro. É uma pena isso. Mas depois eu fiquei conhecendo o Josué de Castro quando a gente fez essa coisa do mangue e, vi o quanto é importante a figura de Josué de Castro".³

O lamento de Science pode ser observado nas letras das suas músicas, onde à luz de uma crítica a realidade dos mangues recifenses evoca Josué para denunciar a fome, a miséria, a desorganização, as transformações derivadas da questão social e das agressões ambientais que entre outras coisas resultou na metamorfose do homem caranguejo em homem gabiru.

Da Lama ao Caos

*Posso sair daqui para me organizar/ Posso sair daqui para desorganizar
Da lama ao caos/ Do caos a lama
Um homem roubado nunca se engana/ O sol queimou a lama do rio
Eu vi um chiê andando devagar/ Vi um aratu pra lá e pra cá
Vi um caranguejo andando pro sul/ Saiu do mangue virou gabiru*

Oh Josué

*Eu nunca vi tamanha desgraça
Quanto mais miséria tem, mais o urubu ameaça
Peguei o balão, fui na feira roubar um tomate e cebola
Lã vai passando uma veia, pegou a minha cenoura
Ai! Minha veia, deixa a cenoura aqui
Com a barriga vazia não consigo dormir
E com o bucho mais cheio comecei a pensar
Que eu me organizando posso desorganizar
Que eu desorganizando posso me organizar
Da lama ao caos, do caos à lama
Um homem roubado nunca se engana*

³ In: **Josué de Castro - Cidadão do Mundo**. Vídeo Documentário. Direção de Sílvio Tendler. Rio de Janeiro: Bárbaras Produções/Verj Vídeo, 1995.

Assim, a 'redescoberta' de Josué de Castro no final da década de oitenta e início dos anos noventa, consistiu apenas em uma tentativa da parte de alguns segmentos das classes intelectual, artística e religiosa de resgatar o seu pensamento no que concerne a questões relativas a fome, a miséria e ao meio ambiente e cidadania, quando lideraram campanhas ou movimentos⁴ associados a estes temas, não sendo, portanto, suficiente para evidenciar a sua dimensão.

Muitos são aqueles, que tomaram conhecimento da sua obra através da bibliografia de autores estrangeiros que o usavam como referência⁵. Insiro-me nesse universo. Tal fenômeno despertou-me curiosidade e suscitou algumas indagações sobre esse pernambucano "Cidadão do Mundo", emanando daí a idéia de desenvolver esta pesquisa.

Seguramente Josué de Castro foi um dos brasileiros de maior notoriedade universal no século XX e, por conseguinte dos mais lidos e discutidos. A esse respeito, destaca Amado (1958: 348):

"Possuímos um pequeno grupo de homens de ressonância universal (...) O nome mais conhecido de todos, no sentido da extensão desse conhecimento pelas fronteiras do mundo, é, no campo científico e social, o de Josué de Castro. As traduções dos seus livros, o eco despertado, por suas obras, fazem dele um dos grandes nomes, dos mais célebres e dos mais respeitados da cultura contemporânea".

Nessa perspectiva, optei, sobretudo por seu resgate e, também, a sua contextualização à luz da trajetória do pensamento geográfico brasileiro entre a primeira metade dos anos trinta e meados dos anos cinquenta.

⁴ A exemplo da "Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida" sob a liderança do sociólogo Herbert de Souza – Betinho; "Ano 2000 sem Miséria", comandada pelo arcebispo emérito de Olinda e Recife Dom Hélder Câmara e o movimento "Mangue Beat" liderado pelo músico pernambucano Chico Science.

⁵ Um típico exemplo desse fenômeno é o geógrafo francês Yves Lacoste, cuja obra, antes mesmo do advento da Geografia Crítica entre nós, já era bastante disseminada e apreciada pelos geógrafos brasileiros. Veja-se, à guisa de exemplo **Geografia do Subdesenvolvimento** – geopolítica de uma crise. 7 ed. São Paulo: Difel, 1985. Neste livro o mestre francês cita na sua bibliografia três obras de Josué de Castro em língua francesa, *Géopolitique de la Faim*, *L'alimentation et la Faim* e *Le Livre Noir de la Faim*, afora *Geopolítica da Fome*, *Geografia da Fome* e *O Livro Negro da Fome*, como bibliografia disponível em língua portuguesa.

É importante aludir que nessa mesma perspectiva, na década de oitenta, surgem importantes trabalhos que se propõem a analisar significativos nomes da nossa Geografia ou da Geografia universal, suas obras e suas contribuições e, mesmo, alguns 'não geógrafos', mas que contribuíram na elaboração de um discurso geográfico sistematizado. Assim, tornam-se objeto de estudo, entre outros, Delgado de Carvalho⁶, Everardo Backheuser⁷; Aroldo de Azevedo⁸, Manuel Correia de Andrade⁹ e os clássicos Humboldt, Ritter e Ratzel¹⁰, Vidal de La Blache¹¹, Max Sorre¹² e Leo Waibel¹³. Ainda nessa mesma perspectiva, outros trabalhos, igualmente importantes, versando sobre a construção de um pensamento geográfico nacional, foram desenvolvidos a partir do universo de autores como, Senador Pompeu¹⁴, Tobias Barreto¹⁵, Euclides da Cunha¹⁶, Oliveira Vianna¹⁷, Manoel Bonfim¹⁸ e Ignácio Rangel¹⁹, pois de acordo com Mello (1999:

⁶ FERRAZ, Cláudio Benito O. **O Discurso Geográfico: a Obra de Delgado de Carvalho no Contexto da Geografia Brasileira – 1913 a 1942**. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. São Paulo, 1989.

⁷ ANSELMO, Rita de Cássia M. de S. **Geografia e Geopolítica na Formação Nacional Brasileira – Everardo Adolpho Backheuser**. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Geografia) Instituto de Geociências e Ciências Exatas – UNESP. Rio Claro, 2000.

⁸ SANTOS, Wilson dos. **A Obra de Aroldo de Azevedo: uma avaliação**. Dissertação (Mestrado) Instituto de Geociências e Ciências Exatas – UNESP. Rio Claro, 1984.

⁹ SANTIAGO, João Phelipe. **A Geografia no Brasil: a contribuição de Manuel Correia de Andrade**. Dissertação (Mestrado) Centro de Filosofia e Ciências Humanas – UFPE. Recife, 1990.

¹⁰ MORAES, Antonio Carlos Rorbert de. **Contribuição para uma História Crítica do Pensamento Geográfico: Alexander von Humboldt, Karl Ritter, Friedrich Ratzel**. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. São Paulo, 1983. Veja-se ainda MARTINS, Luciana de Lima. **Friedrich Ratzel: através de um prisma**. Dissertação (Mestrado) Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza – UFRJ. Rio de Janeiro, 1993 e GUIDI, Eduardo Zons. **Considerações sobre a Gênese da Geografia Humana Moderna: Friederic Ratzel e Paul Vidal de La Blache**. Dissertação (Mestrado) Centro de Filosofia e Ciências Humanas – UFSC. Florianópolis, 1995.

¹¹ Vide GUIDE (Op. Cit.).

¹² MEGALE, Januário Francisco. **Geografia e Sociologia: introdução ao estudo de Max Sorre**. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Geografia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. São Paulo, 1980.

¹³ ETGES, Virgínia Elisabeta. **Geografia Agrária: a contribuição de Leo Waibel**. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Geografia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. São Paulo, 1997.

¹⁴ SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. **Senador Pompeu: um geógrafo do poder no império do Brasil**. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. São Paulo, 1997.

¹⁵ CONCEICÃO, Alexandrina Luz. **As Margens do Beberibe e do Capibaribe: a crítica de Tobias Barreto nos meandros da geografia**. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Geografia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. São Paulo, 2001.

¹⁶ ANTONIO FILHO, Fadel D. **O Pensamento Geográfico de Euclides da Cunha**. Dissertação (Mestrado) Instituto de Geociências e Ciências Exatas – UNESP. Rio Claro, 1990.

¹⁷ ANSELMO, Rita de Cássia M. de S. **Oliveira Vianna e a Unidade-Identidade do Espaço Brasileiro**. Dissertação (Mestrado) Instituto de Geociências e Ciências Exatas – UNESP. Rio Claro, 1995.

¹⁸ OLIVA, Terezinha A. de. **O Pensamento Geográfico em Manoel Bonfim**. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Geografia) Instituto de Geociências e Ciências Exatas – UNESP. Rio Claro, 1999.

114) "o sujeito pode ser 'objeto' de estudo desde que suas obras estejam escritas na paisagem".

Observa-se, então, que começa a constituir-se uma linha de estudo que certamente contribuirá ao preenchimento de lacunas, especialmente no que concerne a historiografia da nossa Geografia²⁰, que acredita-se, continua a carecer do resgate e da análise de autores que outrora contribuíram com o processo de consolidação e desenvolvimento desta disciplina através da propagação das suas obras e das suas teorias na época em que foram concebidas, constituindo-se, portanto, em alicerce às tendências que emergiram posteriormente. Nesse sentido, resgatar e discutir o pensamento e a obra de Josué de Castro torna-se um imperativo, face ao que estes representam à Geografia brasileira, especialmente se vistos à luz do interstício aqui estabelecido para estudo.

¹⁹ AMARAL, Raquel Maria Fontes do. **A Geografia e as bases da Formação Nacional Brasileira**: uma interpretação fundamentada nas idéias de Ignácio Rangel. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Geografia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. São Paulo, 1997.

²⁰ Para Capel (Op. Cit: 14) na verdade é "a partir dos anos 60 e principalmente nos anos 70 (...) que houve uma retomada do interesse, entre geógrafos com a História das Idéias Geográficas. Particularmente no Brasil, a Geografia passava por uma crise epistemológica, e a intensificação das discussões visava uma ampla revisão dessa ciência".

1.2- No Encontro com as Fontes a (Re) Descoberta de Josué de Castro

Foi o Centro Josué de Castro²¹, onde encontra-se o arquivo pessoal do eminente cientista pernambucano, a minha principal referência. Aí estão documentos, recortes de jornais e revistas, textos inéditos, e, sobretudo, um grande número de correspondências (cartas e telegramas

s) que denotam um Josué plural e congruente em seus propósitos, marcado pela originalidade e versatilidade ao desencastelar temas complexos e até então jamais evocados em tal amplitude²², e constitui uma importante trilha à compreensão da sua identidade intelectual, especialmente no que concerne ao diálogo que ele mantinha com um grupo estratégico – os intelectuais, fundamental para o reconhecimento de uma imagem que era ao mesmo tempo a de um homem público e de um intelectual.

Trata-se, portanto de um privilégio poder, mesmo que parcialmente, trazer à tona o diálogo entre Josué de Castro e algumas das personagens mais expressivas da sua época, revelando um círculo de afinidade que por vários anos ilumina as relações intelectuais nesse significativo momento da história e da geografia brasileiras (Gomes, 2000:18). As correspondências de Pierre Deffontaines, Caio Prado Júnior, Preston James, Milton Santos, ou ainda, Miguel Arraes e Juscelino Kubitschek, exemplificam esta realidade (*Documentos 1, 2, 3, 4, 5 e 6*), afora contribuir ao entendimento da realidade política, econômica e social do país naquele momento.

²¹ Sediado em Recife, o Centro Josué de Castro, foi fundado em 1979 por intelectuais pernambucanos exilados na França. Conforme Sérgio Buarque, preocupados em criar um grupo que reunisse os que ficaram e os que saíram de Pernambuco, para pensar o Nordeste sem as amarras da censura que ainda existia dentro das universidades e de instituições governamentais, apesar da abertura. É uma organização não governamental que produz pesquisas e realiza intervenção social. Formado por pesquisadores, educadores e técnicos (...) seus projetos de pesquisa são voltados, particularmente para analisar a atuação do Estado, através de sua política para as populações excluídas. Veja-se **Mucunã**, dez/1999-jan/2000, n 01, p. 1/4. Recife: CJCEP, 2000.

²² Creio que o arquivo pessoal revela a pessoa, porque o ideário não muda, muda o discurso. Por conseguinte a correspondência constitui o depositário do ideário de uma época.

Paris 30. 9. 31

Cher Monsieur le Professeur.

J'ai toujours grande joie de recevoir des nouvelles de votre activité scientifique qui s'élargit sans cesse. Je vous félicite vivement de prendre la direction d'une nouvelle collection "Bibliothèque d'Investigation et de culture" dont le titre est très prometteur.

Merci aussi de m'adresser le volume de José Americo de Almeida sur l'Etat de Parahyba. C'est un de nos grands desirs de connaître votre Nordeste, une des régions les plus extraordinaires du monde pour la géographie humaine.

Je ferai certainement un compte rendu de ce volume et je le ferai précéder d'une petite note sur la nouvelle collection que vous dirigez pour la signaler au public scientifique français.

Votre compte-rendu sur le livre que vous avez publié sur l'Alimentation a été retardé par suite des deux numéros spéciaux qui ont été consacrés à l'Exposition internationale de Paris, il va paraître en octobre ou novembre.

Je vous l'adresserai aussitôt.

La demande que vous me faites de traduire quelques uns des livres de ma collection "Géographie humaine" dans votre collection m'honore beaucoup et me fait plaisir. Le mieux serait que vous écriviez à l'imprimeur de ma collection pour lui demander comment la chose pourrait s'organiser. Voici son adresse:

Monsieur Parain. Librairie Gallimard
5 rue Sébastien Bottain Paris VI -

Quant au livre sur la Géographie de l'Habitation, il n'est pas encore près de paraître, il n'est même pas encore commencé de rédiger.

J'aimerais parler de toutes ces questions à mon retour à Rio de Janeiro que j'espère pour Mars 1938.

Veillez croire, cher Monsieur, à mes sentiments très reconnaissants et affectueux.

Pierre Deffoux-Karnes

10 rue d'Alcumbert
Lille (Nord)

1º de Maio de 1956

CAIO PRADO JUNIOR
805 R. MAESTRO ELIAS LOBO
SÃO PAULO

Prezado amigo Josué de Castro,

Escrevo-lhe porque tenciono viajar no fim desta semana, ausentando-me por um mês; e preciso dar-lhe por isso o destino do seu trabalho para a Revista, esperado para o fim de Maio, segundo sua promessa. Remeta-o ao Elias Chaves Neto, Rua Barão de Itapetininga, 93. Elias será o secretário da Revista, e qualquer assunto a respeito poderá ser tratado com ele.

Além d'essa questão da Revista, outro assunto para o qual estou esperando andamento é o da edição de suas obras pela Brasiliense. Reafirmo nosso grande interesse no caso, confirmando o que já tive ocasião de lhe declarar verbalmente. Logo que retornar a S. Paulo, escrevo-lhe ou irei ao Rio afim de assentarmos a coisa definitivamente. Será então, aliás, segundo o que você me disse, a ocasião própria.

Escrevi ao Pinto Ferreira, de acordo com sua indicação, convidando-o para participar da Revista. Ainda não recebi resposta.

Receba um cordial abraço,



Rio de Janeiro, 18 de Maio de 1941.

Prof. Preston James
University of Michigan
U.S.A.

Meu caro Preston James:

Recebi ha alguns dias sua carta e já conversei com o Delgado de Carvalho sobre novas possibilidades da publicação da sua Geografia. Como estamos no mesmo Departamento de Geografia, ele com Geografia do Brasil e eu com Geografia Humana, temos constantes diálogos na Universidade e estamos estudando com vagar uma solução oportuna.

Fiquei muito satisfeito em saber que está terminando esta grande obra - uma Geografia Humana da America Latina, cuja publicação sera da mais alta significação para um melhor e mais profundo conhecimento panamericano. Este seu trabalho prestara um grande serviço aos estudiosos norteamericanos desejosos de ter um conhecimento global desta America Latina tão varia, tão caotica, tão ameaçada e tão necessitada de compreensão. Estou certo que será uma magnifica contribuição ao acertado programa de aproximação e unificação continentais.

Impressionado pela necessidade de se trabalhar o maximo para execução deste programa (creio que ainda se recorda de minhas ideias politicas!), venho trabalhando desde Março com alguns alunos da Faculdade, na organização de material para escrever - um compendio de Geografia Humana dos Estados Unidos - onde os estudiosos da America Latina possam adquirir uma noção exata e global da paisagem cultural norteamericana, de sua vida economica e social e dos fundamentos geograficos que serviram de substratum a esta estrutura. Pensei em realizar este trabalho, porque a verdade é que não existe nem em portuguez, nem em hespanhol um livro deste genero, dando uma visão de sintese da geografia do seu país.

Que pensa do plano? Estamos na fase de documentação bibliografica e de sistematização, cabendo a cada aluno do curso de doutorado o estudo de uma região economica norteamericana, de acordo com a divisão didatica que achei util proceder. Breve lhe enviarei um esquema mais detalhado da obra e terei o maximo prazer em receber seus conselhos e sugestões de toda ordem. Por este plano vera, que pretendo escrever uma geografia dos Estados Unidos, - olhando este país na perspectiva em que ele se deve situar aos olhos dos povos latinoamericanos.

Quanto a trabalhos sobre alimentação publicados ultimamente no Brasil, ha muita coisa, porem de valor secundario; contudo, estou lhe enviando pelo correio comum alguns volumes onde poderá encontrar alguns informes dos que deseja acerca do conteúdo de vitas e minerais.

Desejava enormemente conversar consigo sobre outros problemas de interesse comum e universal - mas o universo é grande e o papel é curto por isto good-bye

Sincerely and cordially yours,

PH 200.11

José de Castro



Salvador, 22 de maio de 1955

Eximamente mestre e amigo
Prof. José de Castro

Espero que o querido amigo tenha recebido o telegrama em que o felicito pela sua consagração, ganhando o "Prêmio da Par", com a sua magistral "Geopolítica da Fome". Ouvi, ante-ontem, pelo rádio, o seu discurso na Câmara. Bravo! Seus admiradores e amigos somente têm razões para abraçá-lo, com efusão, pelo galardão que lhe coube.

E, mudando de assunto, quero reclamar a sua resposta, para a carta que lhe dirigi, a propósito do

convite do Instituto de Geopolítica, para
uma visita sua a Salvador. Aguardamos,
ansiosamente, que o senhor marque a
época. Gostarei de receber uma palavra
sua, nesse sentido.

Ataco-o, cordialmente
Milton Santos

Milton Santos

Arestides Attico, 20 - apt. 36

Salvador - Bahia

UNIVERSIDADE DO BRASIL

Rio, 6 de abril de 1956

Deputado Miguel Arraes
Assembleia Estadual
RECIFE - PE

Meu caro Arraes,

Recebi sua cartinha acompanhando o relatório enviado ao Dr. Barbosa sobre a situação política do Estado. Li com toda atenção e achei bastante judiciosas as suas considerações a respeito do assunto.

Como pretendo ir ao Recife ainda no corrente mês, reservo-me para, nesta ocasião, conversar com V. sobre os problemas políticos de nossa terra. Pretendo antes de viajar ter um encontro ou um almoço com o Dr. Barbosa quando focalizaremos o assunto de sua carta.

Com os agradecimentos e um abraço amigo do


Josué de Castro

(Doc. 6)

DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS		TELEGRAMA	
NÚMERO DE EXPEDIÇÃO	4	INDICAÇÃO DE SERVIÇO	DEPUTADO JOSUE DE CASTRO PALACIO
Recebido	19 FEV 55	TAXAS E ENDEREÇO	TIRADENTES RIO DE
De			
por			
PRÉAMBULO: BELO HORIZONTE MG 0049 47 17 1600			
TENHO A SATISFAÇÃO DE COMUNICAR AO PREZADO AMIGO HAVER A CONVENÇÃO NACIONAL DO PARTIDO SOCIAL DEMOCRATICO VG REUNIDA NO RIO DE JANEIRO A DEZ DE FEVEREIRO CORRENTE VG HOMOLOGADO MINHA CANDIDATURA A PRESIDENCIA DA REPUBLICA PT CORDIAL ABRAÇO JOSCELINO KUBITSCHEK			
TEXTO E SINATURA	Assinado f		

Aí identifica-se desde a troca de informações acerca do universo intelectual individual dos correspondentes – publicações, intenções de viagens, divulgação do trabalho de outros amigos ou questões editoriais (Deffontaines e Prado Júnior); atividades acadêmicas (James); congratulações e convites (Santos), à questões meramente políticas (Kubistschek e Arraes).

Todo o processo de levantamento e análise fora iniciado no primeiro trimestre de 1999, prolongando-se até meados de 2000. Muitos foram os esforços, considerando as adversidades enfrentadas e os desafios superados de colecionar informações em um arquivo ainda em fase de organização. Porém, no desenvolvimento de um estudo que se insere em uma área como história do pensamento geográfico, independente do tema ou da perspectiva, afora as leituras que perpassam a esfera que se quer trabalhar, a pesquisa em arquivos é imprescindível para que se possa desenvolver um trabalho com seriedade (Machado, 1999: 117).

Assim, buscou-se levantar o que já havia sido produzido sobre Josué de Castro, ou mesmo que lhe fazia referência, dentro e fora do âmbito acadêmico, ao mesmo tempo em que foram realizadas pesquisas bibliográficas na Biblioteca Nacional, IHGB, afora outras bibliotecas de alguns dos principais Programas de Pós-Graduação em Geografia do país, a exemplo da UFRJ, USP, UNESP– Rio Claro, UFSC e UFPE, partindo do pressuposto de que é impossível, no trabalho científico, assumir a autoria de algo sem ter lido outros autores que tenham desenvolvido trabalhos similares. Com propriedade, destaca Gomes (1997:17) que

“O implícito e exigente ato de pesquisar produções anteriores sobre o objeto a ser investigado, tem como pressuposto a articulação daquilo que está separado, ao mesmo tempo em que, em não poucos casos, o pinçamento tão somente de aspectos pertinentes a determinados enfoques e perspectivas de abordagem. reconhecimento dessa complexidade, implica, portanto, na certeza apriorística da impossibilidade de esgotamento do seu conjunto”.

Nesta perspectiva, ainda nos programas de pós-graduação supracitados, foram levantadas as dissertações e teses que versam sobre autores na perspectiva da Geografia ou, sobre a história e/ou epistemologia do pensamento geográfico.

Ademais, as entrevistas realizadas com os professores Orlando Valverde e Yedda Linhares, foram bastante ricas e esclarecedoras, por se tratarem de contemporâneos de Josué. O primeiro, seu aluno na lendária Universidade do Distrito Federal, e a Professora Yedda Linhares, sua colega na mesma Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, e amiga pessoal.

Finda essa etapa, fez-se acuidada análise do que fora catalogado e uma posterior triagem, o que permitira uma melhor apreensão do objeto de estudo. Pois conforme Santos (1996: 18)

“Cada vez que um geógrafo decide trabalhar sem se preocupar previamente com o seu objeto, é como se para ele tudo fossem ‘dados’, e se entregasse a um exercício cego sem uma explicitação dos procedimentos adotados, sem regras de consistência, adequação e pertinência”.

Proceder da forma pela qual optou-se foi fundamental no sentido de evitar o desandamento dos propósitos estabelecidos à pesquisa em face do volume e a riqueza da totalidade levantada. É inegável, entretanto, que alguns pontos foram repensados e, por conseguinte, redimensionados, emanando daí um maior amadurecimento dos objetivos propostos no projeto inicial, haja vista ser Josué de Castro um autor buliçoso ou ainda, a interdisciplinaridade implícita na sua obra o que, conseqüentemente, definiu a identificação de novas matrizes como desenvolvimento e meio ambiente, ética, técnica e tecnologia, ensino, questão urbana e consumo. Deve-se, aqui, esclarecer que nem todas essas matrizes identificadas constituirão diretamente objeto de análise. Dar-se-á ênfase aquelas mais constantes no recorte temporal analisado²³.

²³ As demais matrizes certamente serão aprofundadas em trabalhos futuros.

Já a essa altura se faz importante tecer duas considerações, que certamente serão retomadas mais adiante: a primeira é que o conjunto da obra de Josué de Castro não se trata de um marco apenas no processo de compreensão do fenômeno da fome, mas também de questões atuais, mormente quando as atenções se voltam às discussões que dizem respeito aos Organismos Geneticamente Modificados – OGMs, ao Índice de Desenvolvimento Humano – IDH, ao papel da técnica e ao desenvolvimento sustentável, entre outros.

À alusão da segunda faz-se mister que a *a priori* discrimine-se o que seja círculo de afinidade²⁴. Nesse sentido ancorei-me em Berdoulay (1999: 317) e no seu conceito, segundo o qual

“o círculo de afinidade designa uma rede de comunicação e de afinidades não somente entre os cientistas, mas também homens de letras, filósofos, artistas, homens políticos. Retraçar os encontros, a convivência, as alianças familiares, os campos ideológicos quando das crises na sociedade, as participações, as escolhas de revistas para publicar, suas leituras favoritas etc., são tanto quanto maneiras para cercar estes círculos de afinidade”.

Assim refiro-me às incongruências existentes entre o pensar e o agir de Josué de Castro dentro do seu círculo de afinidade. Percebe-se que ao mesmo tempo em que situava-se na contramão da Geografia praticada sua época, estava ao lado de Getúlio Vargas, compartilhando de um projeto de governo com figuras como Felinto Muller²⁵. Ou seja, observa-se nele um pensar independente, na medida em que circulava comodamente por ‘territórios opostos’. Observa Pernambuco (1983: 222) que o autor

²⁴ Concorde com Berdoulay (1981: 13/14) quando este contrapõe o conceito de ‘círculo de afinidade’ ao de ‘comunidade científica’ partindo do pressuposto que a identificação de articulações entre cientistas apenas não é suficiente na explicação do contexto da pesquisa geográfica ou a existência de diversas tendências. É imperativo enfatizar mais as ideologias do que as instituições. Ademais, qualquer estudioso relaciona-se com o que pode limitar um ‘círculo de afinidade’ que circunda mais do que uma ‘comunidade científica’ (tradução própria).

²⁵ De tendência nazifasci, simpatizante do ‘Eixo’ durante a Segunda Guerra Mundial, Felinto Müller constitui-se em uma das figuras mais controvertidas do Estado Novo. Chefe da Polícia Política (secreta), fez do Departamento da Ordem Política e Social (onde encontravam-se as informações sigilosas de interesse do Estado e da manutenção da ordem patriótica) o seu quartel general. Aí, auxiliado por seus cães de guarda, conforme os sobreviventes das sessões de tortura, extraía informações a força, forçava o dedurismo e eliminava aqueles que almejavam um modelo de Estado distinto do idealizado por Vargas.

Era tratado com muita consideração pelo ditador e a família, admirava a filha Alzira pela personalidade forte e a Sra. D. Darcy pela simpatia extrema, como dizia, esposa e mãe como qualquer mulher deste mundo”.

A afirmativa de Pernambucano clarifica-se nas muitas cartas e telegramas trocados entre Josué e Vargas, onde são tratados desde as questões pessoais e mais complexas, àquelas mais simples e corriqueiras, que demonstram a aproximação existente entre ambos ou, mesmo, entre Josué e a família do ditador. Numa primeira instância, o telegrama de Josué a Vargas por ocasião da sua posse na Academia Brasileira de Letras em 1944 (*Doc. 7*) é ilustrativo o bastante e, numa segunda, apesar do tom formal da carta (*Doc. 8*), é possível perceber a ligação do autor com a filha do ditador. Segundo Valverde *apud* Silva (1998: 65) “Josué era muito amigo da Alzirinha”, e deste contato resultaria a João Zarattini o prefácio do seu livro *Coquetéis Vitaminosos e Alcoólicos* por Josué de Castro em 1944.

Em contrapartida mantinha laços estreitos com figuras de tendências opostas ao varguismo e ao nazifasci. Neste último caso pode-se mencionar o geógrafo norte-americano Preston James²⁶, que conforme o Professor Orlando Valverde, era um “homem dos Estados Unidos, mas ligado à América Latina. Autor de um importante livro sobre esta parte do continente americano, era também coronel do exercito, sendo encarregado da contra-espionagem dos nazistas, dos fascistas no Brasil”. E acrescenta, “eu dei informações a ele”²⁷.

²⁶ Em seu artigo sobre as influências estrangeiras no desenvolvimento da geografia brasileira, destaca Bernardes (1982: 524) que “Preston James era considerado pelos geógrafos da sua época como decano dos geógrafos latino-americanistas, tendo realizado pesquisas pioneiras sobre o potencial de utilização da terra no sertão nordestino”

²⁷ Em entrevista concedida a Antônio Alfredo Teles de Carvalho. Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1999.

(Doc. 7)

DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAFOS		TELEGRAMA	
Assinatura e rubrica	Endereço do remetente	Nome do destinatário	Código de correio
Rua nº 38		DR JOSÉ DE CASTRO ARANHA	PORTO ALEGRE RS QUINTO
Data	Hora	ARABIC RIG DE =	nº 299
Mensagem de P. CATETE RIO DE JANEIRO RJ =			
Observação: De acordo com o Regulamento dos Correios e Telégrafos, o remetente deve indicar a hora em que o telegrama será entregue ao destinatário.			
HABITUE-SE A INDICAR NO RECIBO DO SEU TELEGRAMA A HORA EM QUE O RECEBER, COM ESSA PROVIDENCIA AUXILIARA O DEPARTAMENTO NA FISCALIZACAO DA ENTREGA DOS TELEGRAMAS.			
MUITO GRATO COMPIMENTOS S-O TELEGRAMA POR MOTIVO POSSE ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS PT GETULIO VARGAS=			

TEXTO E ASSINATURA

Rec. 2. 3. 1. 1. 43

Rio, 1 de novembro de 1943.

Prezado Prof. Josué de Castro.

Tenho o prazer de apresentar-lhe o Sr. JOÃO ZARATTINI, funcionário da Presidência da República e autor de um livro sobre vitaminas. Ele desejaria ouvir a autorizada opinião do técnico em alimentação com referência ao seu trabalho e isto é o que venho solicitar ao prezado Professor.

Muito grata pela atenção que lhe dispensar, saúdo-o cordialmente.

Alzira Vargas do Amaral
(Alzira Vargas do Amaral)

sem

Essas conclusões advindas de um pensar, de um agir e sobretudo, de um discurso iminente e paradigmático, que não somente outorgou, conforme já fora aludido, o redirecionamento desta pesquisa, foi condutor de novas reflexões acerca de um contexto efervescente e de intensas contestações que norteia o mesmo e, no qual obviamente, o autor está inserido.

À luz desse referencial foi possível trazer à tona fatos e questionamentos relacionados a Josué de Castro e a Geografia brasileira que principiava o seu processo de institucionalização e afirmação, e a um importante período da história brasileira. Ademais, um autor que está envolvido, imbricado em uma ordem de um espaço de tempo dessa não pode ser olvidado.

1.3- 1934/1956: Da Institucionalização à Consolidação da Geografia no Brasil – Recorte Temporal

Considerando-se a dimensão do universo desvendado através das fontes aludidas anteriormente, determinou-se que o interstício a ser analisado não extrapolasse um quarto de século, por julgar uma tarefa por demais complexa, o resgate e contextualização de um autor plural, cuja obra estende-se por quase cinco décadas do pensamento social brasileiro, em uma dissertação de mestrado.

Assim, pensando em Josué de Castro na perspectiva da trajetória do pensamento geográfico em nosso país, decidiu-se por um recorte que se estende de 1934 a 1956, por compreender a um dos períodos mais representativos da Geografia brasileira, assinalando a sua institucionalização e consolidação e também uma fase de importantes indagações, questionamentos e produção do geógrafo Josué de Castro em diferentes níveis (social, político e econômico) e escalas (da local a global).



Entre os autores que discorreram sobre a historiografia da geografia brasileira convencionou-se tomar a implantação Universidade de São Paulo em 1934 e particularmente, a sua Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que no elenco dos cursos oferecidos incluía o de Geografia e História²⁸, como o momento da sua institucionalização

²⁸ Conforme o Professor Pedro Geiger (1988: 61) "esta junção Geografia-História reproduzia o modelo francês tradicional, que por sua vez, refletia certa influência do pensamento de Ritter".

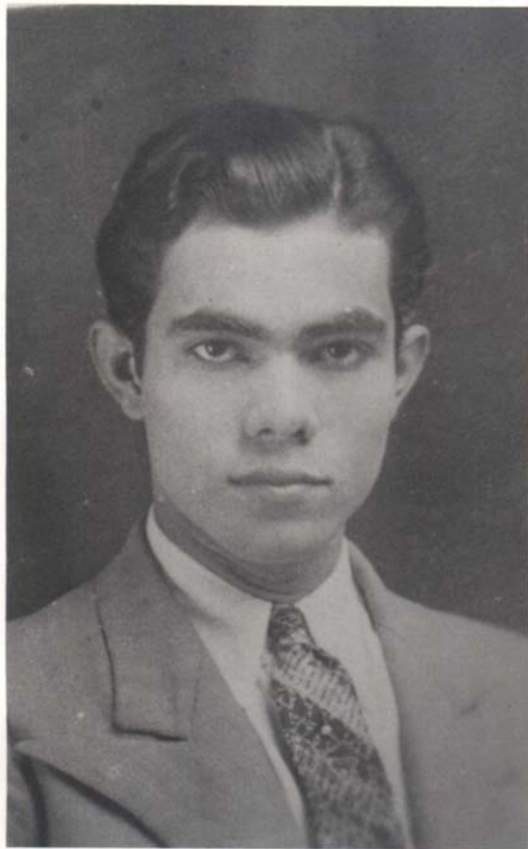
(Monteiro, 1980; Bernardes, 1982; Valverde, 1984; Andrade, 1986; Corrêa (1989); Dias, 1989; Geiger, 1988; Abreu, 1994).

Em 1956 realiza-se no Rio de Janeiro o XVIII Congresso Internacional de Geografia sob os auspícios da União Geográfica Internacional – UGI, onde “já se verifica um primeiro sintoma de mudanças em relação à geografia tradicional”, (Corrêa, 1982: 121), constituindo-se em um divisor de águas na historiografia geográfica brasileira. Segundo Abreu (1994: 225) este evento

“representa um marco divisório importante na história do pensamento geográfico brasileiro. Símbolo da ‘maturidade’ a que havia chegado nossa disciplina em tão pouco tempo, como não cansarão de salientar alguns geógrafos. Ele apenas não mostrou a capacidade da comunidade geográfica brasileira organizar uma reunião infinitamente mais complexa do que as assembléias da AGB, como propiciou a essa mesma comunidade uma oportunidade ímpar de intercâmbio científico”.

Nesse intervalo de vinte e dois anos delimitado por estes dois grandes eventos, a Geografia brasileira iria conhecer um significativo desenvolvimento, derivado do êxito dos cursos das emergentes Universidades de São Paulo e do Distrito Federal, que fora implantada em 1935, e ainda do papel desempenhado pela Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB e o Conselho Nacional de Geografia – CNG que foram fundamentais nesse processo.

Ao longo desse período dar-se-ia também a escalada intelectual e humanista de Josué de Castro (o médico, o cientista social, o geógrafo, o filósofo, o pesquisador, o ativista, o homem público e o escritor) que na verdade inicia-se um pouco antes. Em 1929 conclui o curso de Medicina na Faculdade Nacional de Medicina (*fotos 1 e 2*) e já produz textos para periódicos; posteriormente, em 1932, conquista aos vinte e quatro anos, a Livre-Docência em Fisiologia na Faculdade de Medicina do Recife.



(Foto 1) Josué de Castro aos 21 anos



(foto 2) Josué de Castro ao concluir o curso de Medicina na FNM/UB em 1929, aos 21 anos.

Do ponto de vista da Geografia, em 1933 torna-se Professor Catedrático de Geografia Humana da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais do Recife, aí permanecendo até 1935 quando transfere-se para o Rio de Janeiro e por intermédio do amigo Roquete Pinto ingressa na UDF como professor de Antropologia Física em 1936.

A partir dos anos 40 já se projeta no cenário internacional, sendo convidado para desenvolver estudos sobre alimentação em países como Argentina e Estados Unidos (foto 3).



(foto 3) Josué de Castro nos EUA (Aeroporto de Miami) em 1943, onde desenvolveu estudos sobre alimentação a convite do governo daquele país.

Na década seguinte preside a FAO, dirige o Instituto de Nutrição da UB, se inicia na política dentro do PTB e ao longo desse período (entre os anos 30 e os anos 50) publica o que há de mais expressivo no conjunto da sua obra, desde o artigo *Metabolismo Basal de Clima*, publicado na Revista Médica de Pernambuco em 1932 e do livro *O Problema da Alimentação no Brasil* em 1933, aos clássicos *Geografia da Fome* e *Geopolítica da Fome*, em 1946 e 1951 respectivamente.

Entretanto, freqüentemente, as interpretações sobre o autor detêm-se na análise de sua produção na década de 50, o que está atrelado à veemência da análise do subdesenvolvimento (Magalhães, 1997: 62). Contudo, a pluralidade de Josué inscreve-se no contexto sócio-político e cultural brasileiro ao menos duas décadas antes, fazendo-se sentir em diferentes áreas do conhecimento, revelando, que o "homem é grande não porque suas particularidades individuais imprimam uma fisionomia individual aos grandes acontecimentos históricos, mas porque é dotado de particularidades que o tornam indivíduo mais capaz de servir às grandes necessidades sociais da sua época..." Plekhânov (1980: 110).

1.4– Dialogando com o Tempo e o Espaço das Idéias: Josué de Castro no Contexto

Respalçado na afirmativa de Plekhânov (Op. Cit.), ou melhor, partindo do pressuposto que Josué de Castro serviu às necessidades sociais da sua época, torna-se imprescindível trilhar pelos meandros da mesma e assim contextualizá-lo, considerando que o seu pensamento e, por conseguinte a sua obra, refletem uma realidade que se insere dentro de um contexto histórico do qual são indissociáveis. Nesta perspectiva, destaca Berdoulay (Op. Cit., pág: 14) que “a abordagem contextual consiste menos em examinar a possível ‘influência’ de uma idéia que em observar as razões por trás da ‘demanda’ ou ‘uso’ desta idéia” (tradução livre).

O interstício analisado, conforme já fora mencionado, corresponde a um recorte temporal de vinte e dois anos e, aqui, será revisitado à luz do que preconizou Monteiro (Op. Cit.) ao periodizar a evolução da pesquisa geográfica no Brasil desde 1934 até 1977. Entretanto aportar-me-ei tão somente nos dois primeiros dos três períodos por ele estabelecidos. O primeiro que compreende ao ponto inicial do recorte, designado de implantação da chamada geografia científica prolongar-se-á até 1948 quando tem início a Cruzada Agebeana de Difusão Nacional que culmina com a realização do XVIII Congresso Internacional de Geografia no Rio de Janeiro em 1956²⁹.

Jamais será uma redundância aludir que o período ora evidenciado está intimamente associado à figura emblemática do presidente Getúlio Vargas que entre 1930 e 1954, comandou o país por dezenove anos. Após revolução de 1930, foi presidente provisório até 1934 quando é eleito indiretamente pelo congresso constituinte para mais um quadriênio à frente da nação, todavia sem direito a reeleição para mais um mandato.

²⁹ O terceiro período, ou Caminho da Afirmção, que inicia a partir desse evento, subdivide-se em dois momentos: primeira época-1956/1968 e segunda época – 1968/1977 (Monteiro, Op. Cit.).

Não obstante a este novo mandato que lhe fora conferido, três anos depois, Vargas toma uma série de medidas arbitrárias e implanta um regime ditatorial que ficaria conhecido por Estado Novo, que na verdade consistiu na degeneração de um estado em construção. Assim, permaneceu à frente do governo por sete anos, ao qual ainda retornaria mais uma vez após um intervalo de seis anos, respaldado pelo apoio de seguimentos sociais diversos: parte da burguesia nacional, consideráveis setores da classe média e da grande maioria dos trabalhadores³⁰.

Com efeito, percebe-se que o período que se abre a partir da Revolução de 1930³¹ traduzir-se-á em um dos mais importantes da história brasileira do século passado, refletindo-se nas décadas subseqüentes, política, econômica, cultural e socialmente, pois o conjunto de práticas implementadas pelo governo emergente resultou em efeitos cruciais que fundamentaram as transformações que efetuar-se-iam no panorama do país nas perspectivas supracitadas e ainda alicerçaria a construção de uma unidade nacional. A propósito, destaca Ianni (1996: 29) que “foi em 1930 que o Brasil realizou uma tentativa fundamental no sentido de entrar no ritmo da história, tornou-se contemporâneo do seu tempo e organizou-se segundo os interesses dos segmentos sociais mais avançados”. Para uma melhor apreensão desse contexto mostra Sodré (1976: 68) que

“é fácil distinguir duas faces no período histórico que se inicia no Brasil com a Revolução de 1930: a que vai até a Segunda Guerra Mundial, englobando-a, isto é, de 1930 a 1945, e a que tem início em 1945; as mudanças entre uma e outra são mais de intensidade, quantitativas, mas essa divisão ajuda a melhor compreender tais mudanças”.

³⁰ Nesse sentido, é importante observar que Getúlio Vargas rompe com uma tradição que vinha se mantendo até então: o governo já não era mais representante exclusivamente de um único segmento da sociedade. A despeito do que ocorria durante o Império quando estava intimamente comprometido com a aristocracia escravocrata, ou na República Velha quando constituía-se num exímio representante das oligarquias do café, agora o governo representava setores múltiplos e antagônicos que ao aglutinar-se promoveram a sua ascensão.

³¹ Para Sodré (Op. Cit: 63/64) “o traço essencial da etapa histórica iniciada no Brasil com a Revolução de 30 é o da aceleração do desenvolvimento das relações capitalistas e, conseqüentemente, no crescimento quantitativo e qualitativo da burguesia e do proletariado. Só no campo tais relações desenvolveram-se muito desigualmente e com lentidão, pelo menos nas décadas dos trinta aos cinquenta. A disparidade entre áreas urbanas e as áreas rurais cresce; a desigualdade de desenvolvimento entre regiões do país reflete, em parte, tal disparidade; o desenvolvimento de umas se opera em prejuízo de outras, que transferem às mais desenvolvidas a força de trabalho que as suas velhas estruturas marginalizam, enquanto se colocam como dependentes e consumidoras, semelhando colônias”.

Observe-se que as mudanças a que se refere o autor são percebidas, especialmente, na primeira das faces por ele apontadas, por referir-se a um momento em que se deu a formulação das principais interpretações do Brasil Moderno, configurando uma compreensão mais exata do país que nesse momento passa a ser "redescoberto", o que segundo Mota (1994: 27/8) pode ser registrado na própria sucessão das produções historiográficas³² posteriores à Revolução de 1930, que se não foi suficientemente longe para romper com as formas de organização social, ao menos abalou as linhas de interpretação da realidade brasileira, já arranhadas pela intelectualidade que emergia em 1922, com a Semana de Arte Moderna, de um lado, e com a fundação do Partido Comunista, de outro.

Paralelamente a essa "redescoberta" emerge uma linha pragmática nacionalista e desenvolvimentista referendada pelo populismo varguista que passa a constituir o paradigma que permeia as discussões em torno das questões políticas, econômicas e sociais do país³³. Assim, sobretudo a partir da instalação do Estado Novo, o populismo constituir-se-á em um meio de viabilização das ações do Estado que passa a atuar como coordenador e planejador econômico de uma nova sociedade brasileira, isto é, urbano-industrial, em detrimento da sua tradicional condição de agrário-exportadora.

Importantes órgãos e entidades são instituídos objetivando o alargamento de setores preexistentes, a exemplo dos Institutos³⁴ ou aqueles direcionados à elaboração do planejamento e sua execução³⁵. Grandes estatais são implantadas (Companhia Siderúrgica Nacional, Companhia Vale do Rio Doce e Companhia Hidrelétrica do São Francisco)

³² Conforme esse mesmo autor (Op. Cit:31-32) a crise da ordem oligárquica, com a revolução de 1930, provocou a elaboração do conjunto de reflexões que atingiria seus pontos mais elevados nas obras de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Hollanda e Caio Prado Jr. (*Casa Grande & Senzala*, *Raízes do Brasil* e *Evolução do Brasil*) e, ainda, Roberto Simonsen (*História Econômica do Brasil*), no momento em que o Brasil urbano-industrial começa a despontar na historiografia a partir de 1937.

³³ Nesse contexto, é importante observar que ao contrário do que se propunha *a priori*, qual seja, a criação de um capitalismo nacional, ao término desse período o país torna-se subordinado à política de dominação dos Estados Unidos.

³⁴ Instituto da Borracha, Instituto do Açúcar e do Alcool, Instituto do Café etc.

³⁵ Comissão de Planejamento Econômico, Coordenação de Mobilização Econômica e Carteira de Crédito Agrícola e Industrial entre muitos outros.

contribuindo à justificativa do emblema de modernização conservadora³⁶ atribuída a 'Era Vargas'. Para Ianni (1994: 33) "essa etapa de desenvolvimento industrial consiste na aplicação de medidas destinadas a propiciar a diversificação do setor (...) É a época da implantação do modelo de 'substituição de importações'. As experiências de Vargas e o seu padrão de atuação marcam profundamente essa fase".

Outrossim, essa fase ainda apresentar-se-á evidenciada pela ebulição cultural derivada do modernismo que desde os anos 20 ramificou-se sobretudo pelos principais centros urbanos em suas diversas perspectivas³⁷ e passa a ser estimulado oficialmente. Nesse momento as matrizes da formação nacional são revistas e analisadas sob um prisma crítico por autores como Caio Prado Júnior, Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre³⁸; as explicações fundamentadas nas teorias deterministas³⁹ para justificar o atraso brasileiro são questionadas com veemência⁴⁰, e considerável parcela de artistas e intelectuais assume uma postura diferenciada, materializada nas preocupações com a realidade social do país, independentemente das suas posições ideológicas. Nesse mesmo contexto, afora a implantação das Universidades de São Paulo e do Distrito Federal, entram em funcionamento várias instituições de ensino superior (especialmente as denominadas Faculdade de Filosofia) em cidades como Recife e Salvador e Belo Horizonte.

³⁶ A propósito, destaca Solá (1968: 315) que "as características contraditórias do Estado Novo, combinando aspectos progressistas, como o impulso da industrialização, e conservadores, como a repressão aos movimentos de esquerda, e a utilização de técnicas de propaganda e coerção, apoiada nos grupos militares, integrou elementos típicos (ao lado de outros, sem dúvida conjunturais), bastante comuns da evolução dos países subdesenvolvidos. O Estado autoritário, surgido de movimentos democráticos, se fazia conscientemente, o principal instrumento de acumulação capitalista, a serviço principalmente de uma burguesia industrial incipiente (...) fraca. Essa fraqueza, definida em grande parte pelo fato de ser obrigada a jogar, em suas lutas para romper o 'Pacto Colonial', com a colaboração de forças contraditórias: aquelas tradicionalmente ligadas ao imperialismo de um lado, mas ainda o capitalismo, e as massas de outro".

³⁷ Segundo Oliveira (1999: 83/96), essas perspectivas organizam-se em três vertentes: Movimento Verde -Amarelo (segmento conservador do modernismo paulista, liderado por Plínio Salgado, Manotti del Pecchia e Cassiano Ricardo); Movimento Antropofágico (que defende a apropriação das influências europeias através do canibalismo cultural e do qual a expressão mais significativa é Oswald de Andrade); o terceiro movimento, de cerne mais erudito, volta-se ao estudo do folclore e da música e tem em Mario de Andrade o seu principal articulador.

³⁸ Mota (Op. Cit.)

³⁹ A exemplo do determinismo geográfico e das teses racistas explícitas em autores como Oliveira Vianna, Silvio Romero, Nina Rodrigues ou mesmo Gilberto Freyre.

⁴⁰ Ou seja, o país começava a vislumbrar novos rumos, escapando, assim, da clausura ideológica imposta pelo colonizador europeu.

Vale destacar que nesse contexto, a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) trouxe grandes modificações na evolução de todos os povos. Ela assinalou uma acentuada deflexão na marcha dos acontecimentos humanos e os encaminhou por novos rumos que embora já preparados e em gestação em fase anterior, somente então se precisam de forma nítida e decisiva (Prado Júnior, 1998). No Brasil, essas transformações se fazem sentir no fim do Estado Ditatorial e na redemocratização a partir de 1945 quando Vargas completa quinze anos no poder. Repare-se que todo o processo de desenvolvimento trilhado pelo país não fora suficiente à sua permanência na presidência, pois por mais que o seu governo consistisse em um grande avanço, o desgaste era uma realidade concreta. Assim, neste mesmo ano Eurico Gaspar Dutra é eleito presidente para o período de 1945 a 1951.

Paradoxalmente à política nacionalista do seu antecessor, Dutra tratou de restringir a ação do Estado na economia, optando por uma linhagem conduzida pelo liberalismo. Não obstante a este redirecionamento, o país se aproxima das democracias liberais capitalistas do ocidente⁴¹ e transforma-se em imagem dos interesses do imperialismo norte-americano. Contudo é válido lembrar que num segundo momento o governo muda de atitude, passa a intervir na economia e inicia o debate sobre as estratégias de desenvolvimento econômico a serem adotadas no país.

Em 1951 com o retorno de Vargas ao poder, ressurgem os ideais nacionalistas desmantelado pelo liberalismo entreguista do governo Dutra. Porém ao mesmo tempo em que preservava os interesses da burguesia nacional e do capitalismo estatal, o nacionalismo getulista mantinha o país aberto ao capital estrangeiro, conservando o regime capitalista inteiramente intacto em suas bases. Iniciava-se uma nova fase de debates e consolidação do Estado planejador⁴² (...) Apesar das contradições político-econômicas, de conflitos de classes e de uma situação pré-revolucionária, efetua-se uma convergência

⁴¹ Mais que um desejo, a aproximação comercial com estes países constituía uma exigência das elites econômicas brasileiras, em função dos vínculos que mantinham com o capitalismo global.

⁴² Algumas das ações desse Estado planejador clarificam-se na implantação de órgãos como o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, Superintendência do Plano de Valorização da Amazônia (posteriormente substituída pela SUDAM), Superintendência da Moeda e do Crédito (transformado em Banco Central durante o regime militar), Petrobrás, Eletrobrás, dentre outros.

dos componentes do sistema político e econômico brasileiro da época, a exemplo da defesa nacional, emancipação do país, ideologia desenvolvimentista, expansão e fortalecimento da função econômica do Estado, afora o próprio nacionalismo econômico (...) Nesse sentido a morte de Vargas em 1954, revelar-se-ia uma solução econômica e política satisfatória à continuidade da expansão norte-americana no país, consubstanciada em políticas, aliança e absorções (Santos *apud* Ianni, 1984: 37).

A recrudescência da crise emanada a partir da morte de Vargas é solucionada com o advento de Juscelino Kubistchek na presidência da República em 1956, que sob o lema "50 anos em 5" reacende o paradigma desenvolvimentista e abre uma nova era na historiografia brasileira.

À luz deste contexto a Geografia brasileira se institucionaliza a partir da implantação dos primeiros cursos de Geografia e História, em torno dos quais formar-se-iam as duas principais escolas geográficas do país (Escola Paulista e Escola Carioca, respectivamente) e avança num processo de consolidação tão significativo que segundo Valverde (1984: 7) "em uma de suas visitas ao Brasil, o geógrafo norte-americano Preston James manifestou sua admiração de como o Brasil em tão pouco tempo, se tornara *geograficamente consciente*".

Em 1934 é implantado o primeiro curso na Universidade de São Paulo e no ano seguinte na Universidade do Distrito Federal. A princípio, para formar os seus quadros docentes estas universidades contaram com o suporte de geógrafos e historiadores europeus, especialmente franceses (Pierre Deffontaines, Pierre Monbeig, Francis Ruellan, Lucien Febvre)⁴³ que introduziram as bases da moderna geografia brasileira, conseqüentemente, intimamente influenciada pela Escola Francesa Vidalina que aqui predominou de forma absoluta até meados da década de 50.

⁴³ Lembra Abreu que "se Delgado de Carvalho e outros foram precursores da chamada 'Geografia Moderna' no país, não há dúvida, entretanto de que foi com a chegada dos mestres franceses que ela realmente se instalou com solidez no Brasil. E agora não apenas no nível do ensino, mas também no da pesquisa" (Op. Cit: 205).

Os resultados alcançados por esses primeiros cursos instalados, a fundação da AGB, a adesão do Brasil à UGI, a inspiração à criação de um núcleo de pesquisas permanente no CNG, ou mesmo o estímulo que as primeiras gerações de estudantes receberam para seguir uma carreira profissional em geografia, fluíram do trabalho desenvolvido por estes mestres (Bernardes, 1982: 520). É com Monbeig que tem início o processo de titulação acadêmica em Geografia. Sob a sua orientação, Maria Conceição Vicente de Carvalho apresenta a primeira tese de doutoramento em 1944 – *Santos e a Geografia do Litoral Paulista*. A ela seguiram-se Ary França⁴⁴, Nice Lecoc Müller⁴⁵, João Dias da Silveira⁴⁶, Renato Silveira Mendes⁴⁷, Renato da Silveira⁴⁸, José de Araújo Filho⁴⁹, Elina de Oliveira Santos⁵⁰ e Aziz Nacib Ab'Sâber⁵¹.

Entrementes, dentro desse panorama, não se pode negligenciar a contribuição de insígnies mestres brasileiros como Caio Prado Júnior, Sérgio Millet, Victor Leuzingner, Arthur Ramos ou o próprio Josué de Castro, além outros, na formação geográfica desse período. Com propriedade, destaca Dias (Op. Cit: 197) ao delinear a evolução da geografia brasileira entre 1946/1966: “não saberíamos como esclarecer esta passagem sem destacar a contribuição original de Josué de Castro” (tradução livre).

⁴⁴ **Estudo sobre Clima da Bacia de São Paulo.** Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – USP. São Paulo, 1945. Orientação: Professor Pierre Monbeig.

⁴⁵ **Sítios e Sítiantes.** Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – USP. São Paulo, 1946. Orientação: Professor Pierre Monbeig.

⁴⁶ **Estudo Geográfico dos Contrafortes Ocidentais da Mantiqueira.** Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – USP. São Paulo, 1946. Orientação: Professor Pierre Monbeig.

⁴⁷ **Paisagens Culturais da Baixada Santista.** Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – USP. São Paulo, 1948. Orientação: Professor Pierre Monbeig.

⁴⁸ **Paisagens Culturais da Baixada Fluminense.** Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – USP. São Paulo, 1948. Orientação: Professor Pierre Gourou

⁴⁹ **A Baixada do Rio Itanhaém.** Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – USP. São Paulo, 1950. Orientação: Professor Edgar Arolde de Azevedo.

⁵⁰ **A Industrialização em Sorocaba:** bases geográficas. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – USP. São Paulo, 1951. Orientação: Professor João Dias da Silveira.

⁵¹ **Geomorfologia do Sítio Urbano de São Paulo.** Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – USP. São Paulo, 1956. Orientação: Professor Edgar Arolde de Azevedo.

Conforme fora mencionado, ainda nesse período, sob a liderança de Pierre Deffontaines foi fundada em São Paulo, a Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB⁵², que de acordo com Mamigonian (1991: 158)

"nasceu ligada ao curso de Geografia e História da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (...) e reuniu inicialmente não só Pierre Monbeig e seus alunos de Geografia e História, mas também grandes intelectuais como Caio Prado Júnior e Rubens Borba de Moraes e desde o início se constituiu num lugar mais criativo do que o próprio Curso de Geografia e História".

Mesmo que a princípio esta associação tenha ficado restrita basicamente aos geógrafos paulistas, que a conduziram por mais de dez anos, foi ela, de fundamental importância durante e após o processo de solidificação da Geografia brasileira, por tratar-se de uma entidade cultural, ponto de encontro dos geógrafos modernos, palco de troca de idéias e debates, divulgação de trabalhos, confronto de correntes e dos valores políticos que traziam consigo⁵³. Realizava anualmente a sua Assembléia Geral onde se discutiam teses e comunicações, além dos estudos de campo na cidade sede do evento e adjacências, proporcionando, dessa forma, uma maior difusão da geografia que se produzia nos diversos recantos do país. Tão significativo fora o papel desempenhado pela AGB na formação do pensamento geográfico brasileiro, que a partir da realização das mencionadas assembléias, tornou 'venerandas' as sociedades de geografia que lhe antecederam, algumas existentes há bastante tempo (Abreu, Op. Cit: 217).

É também nessa época sob a égide do Estado Novo que surge no Rio de Janeiro, o Conselho Nacional de Geografia – CNG, fundado em 1937⁵⁴, no bojo da política de Vargas

⁵² De acordo com Geiger (Op. Cit: 67) "repetia-se aqui, o que ocorrera na Europa, onde após a criação dos cursos universitários de Geografia surgiam novas sociedades de profissionais, independentes das organizações preexistentes".

⁵³ Quanto a esse aspecto assinala Mamigonian (Op. Cit: 158) que "apesar das raízes autoritárias da USP, o corpo docente recrutado na Europa para a FFCL era composto de intelectuais promissores, de extração liberal esquerdizante. Pierre Monbeig, que deu vida à AGB de 1935 a 1945, vinha do ambiente de radicalização política européia do pós- crise de 1929, na França e na Espanha (direitização e esquerdização da intelectualidade), tendo recebido influências intelectuais principalmente de M. Bloch (posteriormente fuzilado pelos nazistas) e cultivado a amizade de J. Dresch, importante geógrafo ligado ao PCF. O clima de discussões democráticas que tais professores imprimiram à FFCL da USP atraíram várias vezes, após 1937, ameaças de fechamento da Faculdade".

⁵⁴ Na verdade, o motivo inicial da criação do CNG foi a necessidade de se constituir um órgão pelo qual se fizesse a adesão do Brasil à UGI. Mas adverte Geiger (Op. Cit: 62) que "havia outras razões para a criação do novo órgão

de controle centralizado do território brasileiro e da difusão do paradigma da unidade nacional, a despeito dos arquipélagos econômicos, encarregado de atribuições como o levantamento da carta do Brasil ao milionésimo, planejamento e realização do censo demográfico de 1940. Constituindo-se assim em sinônimo e retrato da 'modernização' em que adentrava o país. Nesse sentido, sublinha Monteiro (Op. Cit: 10) que

"ligada a um caráter pragmático de subsídio político, a produção ibegeana de geografia, em contraste com aquela da nascente universidade, revestiu-se de um caráter de comprometimento ao poder o que fez com que se a distinguísse (mesmo com um certo tom de malícia) como 'Geografia do Estado Novo', passando posteriormente o epíteto à oficial".

Na verdade era de interesse do Estado o desenvolvimento de um setor geográfico que fosse capaz de responder pelo ensinamento de uma moderna geografia como meio ideológico ao aprofundamento de uma consciência nacional e a pesquisa geográfica como instrumento para a administração e controle de um vasto território em vias de integração econômica e espacial⁵⁵. Desde então, malgrado a sua 'função ideológica', o CNG tornou-se um grande centro de estudos geográficos e disseminador da Geografia produzida no país, sobretudo através de dois dos mais importantes periódicos da história da geografia nacional: a Revista Brasileira de Geografia que entrou em circulação em 1939 e o Boletim Geográfico que circulou de 1947 até 1978 quando foi extinto.

Uma outra importante função desenvolvida pelo órgão foi a absorção dos geógrafos recém-formados pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, além dos estudantes que ingressavam na condição de estagiários. A carta de Christovam

geográfico: reconhecimento da necessidade de um setor geográfico moderno a ser justaposto às instituições tradicionais já existentes, Institutos Históricos-Geográficos, Sociedade de Geografia, e que vinham gozando de prestígio entre os governos".

⁵⁵ Contudo observa Geiger (Op. Cit: 363), que "se o novo Instituto Geográfico utilizou conhecimentos mais avançados para representar o território e levantar problemas de gestão, no entanto com geógrafos da linha vidalina, não seria capaz de teorizar, nem sobre os processos econômicos-sociais, tão dinâmicos nos meados do século, nem sobre as relações mais profundas destes com o espaço geográfico". Perceba-se, portanto, que ao Estado autoritário interessava uma geografia enumerativa e descritiva, que lhe abastecesse de informações. Ou seja, asséptica, neutra e alheia ao verdadeiro referencial social que se configurava no país.

Leite de Castro⁵⁶ então Secretário Geral do CNG (*Doc. 9*), datada de 25 de abril de 1938 e destinada a Josué de Castro, apresenta-se como amostra dessa realidade, além de revelar fatos relacionados à incorporação da UDF pela UB, afora a permanência no país de Preston James na condição de pesquisador visitante do mencionado órgão.

Dessa *parceria* do CNG (IBGE) com a UDF (FNF/UB) emergiram alguns dos grandes ícones da Geografia brasileira como Orlando Valverde, Fábio de Macedo Soares Guimarães, Pedro Geiger, Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, Speridião Faissol e Lysia Bernardes, entre outros. Todos alunos de Josué na UDF ou na FNF/UB.

⁵⁶ De acordo com o Professor Orlando Valverde (1984: 7) "Leite de Castro foi um dos fundadores do Conselho Nacional de Geografia dentro do antigo Conselho Nacional de Estatística". Já era engenheiro formado quando cursou Geografia na Universidade do Distrito Federal onde foi aluno de Josué na mesma turma do próprio Orlando Valverde, mais Jorge Zarur, Lúcio de Castro Soares e Fábio de Macedo Soares Guimarães. Nos anos 50 chegou a ocupar a vice-presidência da União Geográfica Internacional – UGI

Rio de Janeiro
em 25 de Abril de 1936

Prezado Amigo Josué

Resolvi escrever-lhe, embora sabendo de antemão serem atrapalhados os meus dias aí, onde em inúmeros encargos sociais e intelectuais se desdobra a sua missão cultural.

Mas, a presente carta apenas ocupará o breve tempo de sua leitura, porque ela dispensa resposta, por ser sua missão simplesmente transmitir uma saudação cordial e fazer uma rápida comunicação.

Tenho a comunicar-lhe que o Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia, em sua Resolução n. 4, de 13 de Abril corrente, autorizou a Secretaria Geral a permitir o estágio em seus serviços a universitários discentes de geografia ou curso diretamente relacionado com a Geografia, de modo que está concretizada pelo Conselho a fórmula de cooperação da Secretaria com a Seção de Estudos de Geografia, sob sua esclarecida direção na Universidade do Distrito Federal.

Oficiei ao Senhor, juntando a Resolução n. 4, e uma sugestão das condições da cooperação, idêntica à que anteriormente lhe apresentei; entreguei o ofício pessoalmente ao Sr. Rocha, que demonstrou interesse pelo assunto e me preveniu não poder ser efetivada a solução do caso, dentro de quinze dias, porque todas as atenções estavam concentradas nos estudos da reorganização da U. D. F.

Nestas condições, verifico, com prazer, que a ultimização dos nossos entendimentos se fará muito provavelmente com a sua estimada presença aqui.

O Prof. Preston adiou sua viagem a São Paulo; estou atento no sentido de, satisfazendo recomendação sua, preparar ambiente em São Paulo para ele.

Sempre às suas ordens.

Christovam Leite de Castro
Christovam Leite de Castro
Secretário Geral do Conselho
Nacional de Geografia

Sempre é válido aludir que a criação da Universidade do Brasil também consistiu em um ato do Estado Novo (assim como ocorrera com o CNG) e deu-se em detrimento da dissolução da UDF em 1938 que incorporada pela nova Universidade, passou a constituir a sua Faculdade de Filosofia⁵⁷. Nesse processo a cadeira lecionada por Josué (Antropologia Física) fora suprimida, sendo ele, então, convidado pelo Reitor Alceu Amoroso Lima para reger como catedrático a cadeira de Geografia Física, Geofísica e Cosmografia, proposta aceita sob a condição de ser nomeado um professor adjunto encarregado da parte de Cosmografia.

Esboçou um programa da disciplina e apresentou em um segundo encontro entre os dois e o chefe da seção de Geografia, Professor Pierre Deffontaines. Porém, através dos jornais tomara conhecimento da sua nomeação para adjunto. Na carta de 07 de julho de 1938 (*Doc. 10*), que responde a uma outra de Josué do dia 01 do mesmo mês e onde ele demonstra a sua indignação com o evento, Alceu se isenta da responsabilidade do ocorrido alegando que apenas indicou o seu nome ao cargo, o que consiste afirmar que para assumir a cátedra, o mestre pernambucano carecia do parecer favorável de Vargas, (em cujo círculo de afinidade estava ingressando nesse momento).

Portanto, não por acaso pondera Plekhânov (Op. Cit: 97) que "o indivíduo não pode manifestar seu talento senão quando ocupa na sociedade a situação necessária para fazê-lo. A organização social determina em cada época concreta qual o papel e, conseqüentemente, a importância social que pode tocar os indivíduos dotados de talento ou que dele carecem". Pelo Decreto de 02 de julho de 1940 assume interinamente a Cátedra de Geografia Humana da FNF/UB, até 1948, quando realiza-se o concurso e torna-se titular.

⁵⁷ Destaca a Professora Maria Yedda Linhares, que "a Faculdade Nacional de Filosofia, como parte integrante da UB tinha por força de lei, dois objetivos: formar professores de ensino médio e formar pesquisadores capazes de levar avante o trabalho científico e gerar conhecimentos. Da UDF, de Anísio Teixeira, ela herdou alguns de seus professores (...) Teve homens extraordinários, como Alceu Amoroso Lima, Josué de Castro, Carlos Delgado de Carvalho, Victor Nunes Leal" (1979: 6).



CABINETE
DO REITOR

Rio - 7 de junho de 1928

Ex. Sr. Dr. ...
Ex. Sr. Dr. ...

Em resposta à sua carta de 1.º de junho
conveniente, e em vista de que a mesma se refere a que
seja dada a devida atenção para a execução do
contrato por este firmado para a compra de 100.000
metros cúbicos de madeira, e a realização do projeto de
fornecer a madeira necessária para a construção do
cabinete, me apressa a responder que a mesma
está sendo encaminhada para a administração do
Estado.

Atenciosamente,
o Sr. Dr. ...

Alfonso ...

Concomitantemente ao exercício da Cátedra de Geografia Humana na FNF/UB, Josué dá continuidade às atividades científicas e humanitárias no exterior (além das pesquisas desenvolvidas, participa como membro de diversas entidades a exemplo da Academia de Ciências Médicas da URSS, Academia Mundial de Artes e Ciências, Legião de Honra da França, Parlamento Mundial, entre outros), é indicado ao Prêmio Nobel de Medicina de 1954, afora as condecorações e títulos, dentre os quais sobressaem a Grande Medalha da Cidade de Paris (*foto 4*), Professor Honoris Causa da Universidad Nacional Mayor de San Marcos – Peru (*Doc. 11*), e da Universidad de San Domingos – República Dominicana; Prêmio Roosevelt da Academia de Ciências Políticas dos Estados Unidos e o Prêmio Internacional da Paz.



(Foto 4) Josué de Castro recebendo a Grande Medalha Cidade de Paris em 1953



Of. N° 146

UNIVERSIDAD NACIONAL MAYOR DE SAN MARCOS
FACULTAD DE CIENCIAS
DECANATO

Lima, 20 de Julio de 1951

Señor Profesor
Josué de Castro
UNIVERSIDAD DEL BRASIL.-

Con viva satisfacción doy respuesta a su muy atenta carta última, permitiéndome informarle que la Junta de Catedráticos de la Facultad de Ciencias, en su Sesión del 22 de Mayo ppdo., eligió a Ud. Catedrático Honorario de esta Facultad.

Posteriormente, el Consejo Universitario, bajo la Presidencia del señor Rector, confirmó dicha elección, en Sesión del día martes 3 del pte.

Me complace en felicitar a Ud., muy efusivamente, por tan merecida elección que ha recaído en una personalidad de fama internacional en el campo de la nutrición y alimentación.

Tan pronto como esté expedido el Diploma, me será muy grato enviárselo a Ud., por intermedio de la Embajada del Brasil en el Perú.

Recordando su ofrecimiento le expreso que me sería muy placentero visitar la Universidad del Brasil, en misión de acercamiento

//.



Of. N° 146

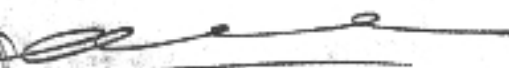
UNIVERSIDAD NACIONAL MAYOR DE SAN MARCOS

FACULTAD DE CIENCIAS
DECANATO

// cultural, para lo cual espero sus gratas noticias sobre las condiciones en que el viaje podría hacerse.

Aprovecho de esta ocasión, para presentar a Ud. S. P., las seguridades de mi más alta y distinguida consideración.




Darío Acevedo
Decano

No Brasil, Josué de Castro aproxima-se e 'vincula-se mais diretamente aos projetos mais amplos do governo constituindo-se em um importante aliado de Vargas' (Magalhães, 1998: 47). A carta destinada ao Presidente após a sua eleição para o mandato 1951-1956 exemplifica bem a afirmativa da autora, visto que esta evidencia a sua aproximação à política social getulista (*Doc. 12*). O êxito logrado nesse momento irá lhe conferir as prerrogativas de principal autoridade seja do saber, seja da política de alimentação no país. Ressalte-se, contudo que essa condição também é imperativa do reconhecimento por ter desmistificado o fenômeno da fome e atribuir-lhe um caráter social à luz dos princípios da ciência geográfica, pois conforme acreditava

"só a geografia que considera a terra como um todo e que ensina a saber ver os fenômenos que se passam em sua superfície, a observá-los, agrupá-los e classificá-los, tendo em vista a sua localização, extensão e causalidade, pode orientar o espírito humano na análise do vasto problema de alimentação, como fenômeno ligado, através de influências recíprocas à ação do homem, do solo, do clima, da vegetação e horizonte de trabalho" (1937, pág. 26)".

Partindo dessa consideração percebe-se que a geografia desenvolvida pelo autor, centrar-se-á na interface homem X meio na perspectiva da paisagem em consonância com o social, e através da mesma apontará as causas da miséria no Brasil e no mundo. Com efeito, atesta Berdoulay (Op. Cit: 14) que "a identificação e o estudo em profundidade de maiores questões que interessam uma sociedade são necessários, mesmo se alguns deles não podem parecer, à primeira vista, ter influenciado a evolução geográfica das idéias" (tradução livre).

UNIVERSIDADE DO BRASIL

Exm^o Sr. Presidente Getúlio Vargas
Fazenda São Pedro
Rio Grande do Sul

Senhor Presidente:

Aproveitando a ida até aí do meu prezado amigo Danton, envio esta carta a V. Exa. para manifestar, antes de tudo, os meus mais sinceros agradecimentos pela atenção que se dignou dispensar às sugestões que formulei acerca do plano de recuperação econômica e de elevação dos níveis de vida, do povo brasileiro.

Graça V. Exa. que o interesse manifestado pelo Presidente eleito por esses problemas de base da política nacional, exteriorizado de maneira eloquente na expressiva entrevista concedida à imprensa, sobre a necessidade de promover-se o bem estar social das classes mais desfavorecidas, constituiu motivo de grande júbilo e de ardentes esperanças de melhores dias, acendendo magnificamente no espírito de todos aqueles que se preocupam patrioticamente pelos problemas e pelas condições de vida do nosso povo. Estou hoje certo e comigo os estudiosos e apaixonados desses problemas que com os altos preceitos que movem a conduta política do nosso novo Presidente da República a paisagem econômica e cultural brasileira deixará em breve de fazer parte desta trágica Geografia da Fome que retrata nossa realidade atual, para se apresentar com as características de uma Geografia da Abundância. E isto será o maior benefício que o governo de V. Exa. poderá prestar ao povo brasileiro, que só ao escolher com sabedoria o líder de seus destinos políticos. Depois de conversar com V. Exa., ouvir suas sábias ponderações e sentir de perto o desejo do Presidente de remediar com urgência a atual situação reinante, tenho meditado mais longamente sobre a possibilidade de serem estruturadas medidas de emergência que atuem de maneira eficiente no menor tempo possível, a fim de permitir à coletividade esperar com maior tranquilidade os frutos da reforma de base que V. Exa. levará a efeito, certamente, no decorrer do seu governo. Oportunamente encaminharei às mãos de V. Exa., algumas dessas sugestões que venham a completar nesse sentido, o esboço de plano que apresentei a alta consideração do Sr. Presidente.

Renovando os agradecimentos e os respeitosos cumprimentos pela mensagem de confiança, de esperança e de solidariedade humana, que foi a última entrevista dada por V. Exa., fica ao seu dispor o

admirador muito grato,

Josué de Castro

É importante acrescentar que trilhando por essa perspectiva, Josué respalda-se entre os geógrafos estrangeiros, com os quais passa a amidar os seus contatos. Nesse sentido o XVII Congresso Internacional de Geografia realizado em Washington, assinala um momento especial na trajetória geográfica do autor, não obstante a sua importância para a geografia brasileira⁵⁸. A exemplo do que ocorrera no congresso anterior realizado em Lisboa⁵⁹, foi enviada a capital norte-americana uma delegação (agora mais numerosa) que ‘viria a conquistar o apoio à sua pretensão de sediar o certame seguinte no Rio de Janeiro, pela primeira vez no hemisfério sul’ (Monteiro, Op. Cit: 15).

Também a realização da Primeira Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia promovida pelo IPGH – Instituto Panamericano de Geografia e História⁶⁰, e organizada pelo CNG/IBGE, no Rio de Janeiro em 1949 é muito representativo nesse momento⁶¹. Além de aglutinar os maiores expoentes da geografia nacional, dentre os quais o próprio Josué de Castro, conforme pode ser constatado no documento do Presidente do IBGE, José Carlos de Macedo Soares ao Presidente Gaspar Dutra em 31 de agosto de 1949 (*Doc. 13*), credencia a geografia brasileira a organizar e sediar reuniões internacionais.

⁵⁸ Sobre a importância deste evento na trajetória geográfica e científica de Josué, algo mais será acrescentado no item ‘o geógrafo’ do capítulo subsequente.

⁵⁹ O XVI Congresso Internacional de Geografia realizado em Lisboa em 1948 é o primeiro da UGI após a Segunda Guerra Mundial. Pela primeira o Brasil se faz presente oficialmente, através de um grupo de geógrafos (Monteiro, Op. Cit: 15).

⁶⁰ Segundo Geiger (Op. Cit: 66) “o IPGH foi criado no âmbito da Organização dos Estados Americanos – OEA, sendo, portanto, órgão governamental, onde os países são representados por Seções Nacionais nomeadas pelos respectivos governos”.

⁶¹ Não menos representativo nesse processo, foi a realização do I Congresso Brasileiro de Geógrafos na cidade paulista de Ribeirão Preto em 1954.

Carimbo Secretaria da Presidência
da República nº 22081

1 9 4 9

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

RIO DE JANEIRO DF.

em 31 de agosto de 1949

I Reunião Panamericana de
Consulta sobre Geografia.

P/5854

692.5(20)
312.4

Aprovo
3.9.49

a) R. Dutra

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

Instalando-se nesta Capital, no dia 12 de setembro vindouro, a "I Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia", tenho a honra de submeter à superior consideração de Vossa Excelência a designação dos componentes da Delegação brasileira aquêla importante certame científico.

2. A Reunião tem caráter duplamente oficial, porque é promovida pelo Instituto Pan-Americano de Geografia e História, organismo especializado mantido pelos governos dos países americanos, e porque é organizada pelo Conselho Nacional de Geografia do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

3. Impõe-se a designação de expressiva Delegação brasileira ao mencionada certame pan-americano, em que se reflita o manifesto empenho do Brasil no êxito da reunião científica que organizou.

organizou.

4. Na justificada preocupação de reunir na Delegação brasileira os expoentes da geografia nacional e os elementos mais credenciados para os assuntos a serem examinados pela Reunião, tenho a honra de propor a Vossa Excelência as seguintes pessoas: o Presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o secretário-geral do Conselho Nacional de Geografia do mesmo Instituto, professor Fábio de Macedo Soares Guimarães, professor Jorge Zarur, Professor Silvio Proes Abreu, professor Virgílio Corrêa Filho, professor José Veríssimo da Costa Pereira, professor Josué Apolônio de Castro, professor Victor Ribeiro Leuzinger, professor Hilgard O'Reilly Sternberg, professor Arelão Edgar de Azevedo, professor João Dias da Silveira, professor Everardo Backhauser, professor Ari França, professor Francis Ruellan, professor Leo Waibel, professor Carlos Delgado de Carvalho, professor Fernando Antônio Raja Gabaglia, professor Orlando Valverde, professor Lucio de Castro Soares, professor Lindalvo Bezerra dos Santos, professor Miguel Alves de Lima, professor Helda Xavier Lez Cesar, Ministro Otávio Nascimento Brito, Ministro Joaquim de Souza Leão, professor Fernando Flavio Marques Almeida, professor Henrique Pimenta Vellozo, professor Alberto Ribeiro Lanaga, professor José Carlos Junqueira Schmidt, professor José Setzer, professora Heloisa Alberto Torres, professor James Braga Vinim de Fonseca, professor Nice Le Coq Muller, professora Maria da Conceição Vicente de Carvalho.

5. Pelos cargos que desempenham, estão naturalmente indicadas a primeira das pessoas relacionadas no item anterior para exercer as funções de Chefe da Delegação e a segunda para as de Sub-Chefe.

6. Peço permissão para sugerir a Vossa Excelência que sejam dados poderes ao Chefe da Delegação para nomear os Ag

Assessores da Delegação, porque assim será possível obter-se, sempre que necessário e na forma adequada, a colaboração específica dos técnicos brasileiros versados nas matérias especializadas a serem ventiladas.

7. Esclareço a Vossa Excelência que os membros da Delegação não perceberão vantagem de qualquer espécie, limitando-se, portanto, as despesas com os Delegados aos onus da vinda daqueles que não residem no Rio de Janeiro, as quais correrão por conta da verba prevista no orçamento do Conselho Nacional de Geografia do corrente ano para atender à realização desse certame pan-americano.

Aproveito a oportunidade para reiterar a Vossa Excelência os meus protestos de elevada estima e distinta consideração.

a) José Carlos de Macedo Soares
Presidente do Instituto

Carimbo do almanaque
4 de out. 1949

A Sua Excelência o Senhor
General de Exército Eurico Gaspar Dutra
Mui Digno Presidente da República.

É cópia fiel do original depositado
no Arquivo do Ministério das Relações Exteriores.

Rio, 23 de novembro de 1949

Cecílio de Masi
Chefe da Divisão de Atos, Congressos e Conferências Internacionais

Porém, o grande marco do final desse período consiste no XVIII Congresso Internacional de Geografia realizado no Rio de Janeiro em agosto de 1956. É o momento em que a geografia brasileira se mostra ao mundo, deixando transparecer a maturidade alcançada e a elevada qualidade dos seus profissionais. Também, segundo Monteiro (Op. Cit: 18), assinala a 'transição da fase de formação para aquela em direção à afirmação'.

Entrementes, cinco anos antes, ou seja, em 1951, com o lançamento da primeira edição da *Geopolítica da Fome*, Josué vê consubstanciada a sua condição de geógrafo a despeito das inflexões em relação ao paradigma vidalino em consonância com as suas múltiplas atividades, mormente aquelas voltadas à análise e delato das causas e efeitos de espectros como a fome, a miséria e o subdesenvolvimento. O que decerto o fez trilhar pela interdisciplinaridade desde cedo, inserindo-se, doravante, num restrito grupo de intelectuais e pensadores que fixaram uma nova forma de pensar o Brasil e as razões pelas quais não se explica o Brasil, mas procura elucidar como as coisas aconteceram, porquê, e as suas conseqüências.

Capítulo

2

A UNIVERSALIDADE DAS IDÉIAS À
UNIVERSALIZAÇÃO DO PENSAR E OS ALVOS
FORTES EM CONSTRUÍDAS ELABORAÇÕES
DO PENSAR A SOCIEDADE

2.1 – No Bojo dos Pensadores, a Insurgência de Josué de Castro: a sua Incursão pela Geografia, seus Caminhos, suas Trilhas...

Conforme afirmara anteriormente, Josué de Castro enquadra-se num grupo de intelectuais e pensadores que paradoxalmente às interpretações deterministas, trilhou por novas formas de pensar o Brasil.

Os anos 30 e 40 constituem dois decênios que assinalaram a emergência de grandes pensadores sobre o país. “Com tendências políticas das mais diversas”¹; indivíduos dotados de uma ótica vanguardista, vislumbram novos horizontes no desenvolvimento do pensamento brasileiro. Assumem destaque nessa perspectiva, entre outros, Roberto Simonsen, Nestor Duarte, Alceu Amoroso Lima, Barbosa Lima Sobrinho, Afonso Arinos de Melo Franco, Cassiano Ricardo e Fernando de Azevedo. Para a historiadora Yedda Linhares², estas duas décadas e a década subsequente seriam marcadas incontestemente por

“Gilberto Freyre, que mudou indiscutivelmente a face pelas quais as elites brasileiras viam o problema racial brasileiro, constituindo-se num grande salto qualitativo para essa mudança (...); Sérgio Buarque de Holanda, com Raízes do Brasil, que ver historicamente como se fundou essa nação (...); Caio Prado Júnior já com o Brasil contemporâneo (...), Victor Leal Nunes, que mostrou que o Brasil vive sob a calamidade do poder local dos coronéis (...) e Josué de Castro, que mostrou que existe fome no Brasil e se tratava de um fenômeno bio-social.”

Josué destacar-se-á, especialmente, pelo rompimento com o silêncio em torno da fome e com os paradigmas que a explicavam como um fenômeno natural. Ele vai apontar este espectro e a miséria que assolam o país como conseqüência das estruturas sociais defeituosas historicamente herdadas, e nesse sentido irá instituir uma nova forma de

¹ Em entrevista de Maria Yedda Linhares. concedida a Antônio Alfredo Teles de Carvalho. Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1999.

² Idem.

analisar estes fenômenos, elucidando “as razões pelas quais não se explica o país, como as coisas se processaram, porquê”³ e as suas conseqüências.

Esta análise inaudita acerca da fome e permeada de denúncia o fará utilizar-se de disciplinas e métodos distintos⁴, rompendo com as falsas barreiras criadas pelo positivismo entre as diversas áreas do conhecimento, bem como buscar na Geografia o aporte ideal as respostas às suas inquietações, constituindo-se pois, “um artifício escolástico presumi-lo marxista ou darwinista, spenceriano ou eugenista, na determinação de um caudal de intuits” (Menezes, 1982: 143).

Já em Recife, na primeira metade da década de 30, o médico, professor da Faculdade de Medicina, aportar-se-á na Geografia nas suas pesquisas sobre as condições de vida das populações ribeirinhas famintas e das classes operárias locais⁵. A partir de então o ‘método geográfico’ tornar-se-á uma constante nos seus estudos sobre a fome. A propósito, no prefácio de *Geografia da Fome* (1992: 34) ele justifica a opção por tal método no estudo do caso brasileiro, assegurando ser este o

“único método que (...) permite estudar o problema em sua realidade total, sem arrebatá-lo as raízes que o ligam subterraneamente a inúmeras outras manifestações econômicas e sociais da vida dos povos. Não o método descritivo da antiga geografia, mas o método interpretativo da moderna ciência geográfica, que se corporificou dentro dos pensamentos fecundos de Ritter, Humboldt, Jean Brunhes, Vidal de La Blache, Griffith Taylor e tantos outros”.

Assim, associou a Geografia a outras disciplinas para contemplar estes e outros temas (como crescimento demográfico, meio ambiente, subdesenvolvimento, reforma agrária, nutrição, educação, consumo, qualidade de vida, técnica, ou mesmo para tratar de

³ ibid.

⁴ Para Anselmo & Bray (1988: 5) “Josué foi fortemente influenciado pelas tendências funcionalistas-culturalistas. Porém, o descontentamento com a realidade, constantemente o conduziu a um ‘rompimento’ com este método em decorrência da sua neutralidade”.

⁵ Refiro-me ao ensaio *As Condições de Vida das Classes Operárias do Recife*, publicado em 1935, onde o autor associa a baixa qualidade e quantidade de alimentação do operariado ao baixo salário. A partir desse inquérito ele faria outros similares, a pedido do Ministro Agamenon Magalhães a fim de subsidiar o governo na instituição de um salário mínimo no país.

movimentos pacifistas). Percebe-se o seu dinamismo e, por conseguinte, o seu envolvimento com múltiplas temáticas, atividades e meios sociais, abordando-as em perspectivas diversas e por isso mesmo, de forma mais aberta e mais crítica (Anselmo & Bray, Op. Cit: 5).

2.2 – As Linhas, Preocupações Centrais e suas Obras, suas Antecipações: um Homem à Frente do Espírito do seu Tempo

O caráter vanguardista e dialógico (relação teoria e prática) de Josué de Castro assume ainda maior relevo quando a sua obra é cotejada à luz da contemporaneidade (Carvalho 2001: 3).

A apreensão articulada do universo temático evocado o conduziu a trilhar essencialmente duas linhas em dois momentos distintos da sua trajetória e nas quais fundamentam-se as suas abordagens. A primeira, *descritiva*, observada nos primeiros trabalhos, estender-se-á até meados da década de 40. “Nesse momento, percebe-se no autor a premência de descrever o quadro da fome, articulada a discussão em torno da construção do homem brasileiro” (Magalhães, Op. Cit: 49).

A partir de 1946, com a publicação de *Geografia da Fome*, Josué assume uma linha *crítica* explícita a propósito dos rumos da economia e da política. Indubitavelmente, o entendimento e a análise mais profundos das questões sociais emerge desta análise crítica, *a priori*, face à realidade nacional, a qual transcenderia à realidade mundial cinco anos depois com *Geopolítica da fome*.

Coadunando e examinando estas duas perspectivas, verifica-se um elenco de preocupações que permeia as análises do autor e far-se-á sentir na totalidade da sua obra. Assim, intrepidamente e fundamentado em um referencial teórico-metodológico respaldado na práxis, Josué evidencia a opção preferencial pelo paradigma possibilista⁶.

Observa-se, pois, que a relação do homem com o espaço em que ele vive é o cerne das suas preocupações: “o estudo das influências mútuas entre ambos, desta inter-relação dos dois elementos geográficos constitui o mecanismo das adaptações e reajustamentos biossociais” (Op. Cit: 20). Em confronto com os tabus étnicos e climáticos que aliavam o

⁶ “Nenhum elemento do meio natural determina qualquer realização do elemento humano; mas apenas *possibilita*. De modo que, quando dizemos ser um fato de ação mais intensiva, quer isto significar que ele se apresenta maior número de vezes, entre *as possibilidades* que interferem no nascer dos grupos de habitação numa certa região” (Op. Cit: 99).

atraso brasileiro à mestiçagem ou ao clima tropical e a idéia segundo a qual a fome traduz uma imposição da natureza apregoada nos meios acadêmicos e científicos da época, Josué, “construirá sua argumentação, contrapondo uma organização da sociedade geradora da fome a um conjunto de transformações da realidade capaz de emancipar a população da grave situação alimentar vivenciada” (Magalhães, Op. Cit: 55).

Nessa perspectiva destacou a importância da questão fundiária nesse processo, (Op. Cit: 300/301)

*“apresenta-se (...) a reforma agrária como uma necessidade histórica nesta hora de transformação social que atravessamos: como um imperativo nacional (...) O tipo de reforma agrária que julgamos um imperativo da hora presente não é um simples expediente de desapropriação e redistribuição da terra para atender às aspirações dos **sem terra**. Processo simplista que não traz solução real aos problemas da economia agrária (...) Precisamos enfrentar o tabu da reforma agrária – assunto proibido, escabroso, perigoso – com a mesma coragem que enfrentamos o tabu da fome”.*

Estas e outras preocupações do autor são facilmente identificáveis em grande parte dos mais de oitenta títulos levantados entre livros, artigos, ensaios e prefácios de livros ao longo do recorte temporal estabelecido para estudo. Porém em *Alimentação e Raça, Documentário do Nordeste, A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana, Fisiologia dos Tabus* e, sobretudo nos clássicos, *Geografia da Fome* e *Geopolítica da Fome*, ou ainda, em textos como *Aos Pobres Pertence o Reino da Terra, Coexistência Política e Paz*, e *A Luta contra a Fome*, é possível constatar-se esta assertiva mais explicitamente.

É importante assinalar que ao analisar realisticamente os determinantes e os determinados dessas preocupações Josué suscita debates que sugerem e/ou engendram a desconstrução do saber instituído como vetor de transformações. O temário evocado, a interpretação não conformista, mais a originalidade nas abordagens colocaram-no na vanguarda do seu tempo. Nesse sentido, à guisa de exemplo, retorno à sua citação a propósito da questão fundiária. Observe-se que a sua posição expressa na primeira edição

de *Geografia da Fome* em 1946, em nada difere daquela difundida pelos⁷ denominados setores progressistas da atualidade, até mesmo a expressão *sem terra*, para muitos concebida como algo recente.

Josué também foi um pioneiro na discussão sobre o meio ambiente, o qual procurou ver à luz da interface sociedade X natureza – *“a fome no Brasil (...) é consequência (...) de seu passado histórico, com seus grupos humanos, sempre em luta e quase nunca em harmonia com os quadros naturais”* (Op. Cit: 280) – e do desenvolvimento sustentável, antecipando-se a atualidade, onde

“mais que em qualquer outro tempo da história, se reivindica a história de natureza e a busca de seu reencontro. O apelo dos discursos e a sua eleição temática em encontros internacionais é fato rotinizado, que sob o rótulo de uma pseudo-convergência de interesses difusos, e até contraditórios, se encarrega de seguir, em diversas escalas espaciais e níveis sócio-econômicos, hipostasiando cenários em busca da construção de um amanhã diferente para gerações futuras (Gomes, Op. Cit: 48).

Nesse sentido, Josué de Castro chegou a propor a implantação de um órgão de proteção aos recursos naturais renováveis, preocupação característica do mundo contemporâneo.

Igualmente característico do mundo contemporâneo, especialmente na perspectiva geográfica é o estudo do consumo, que segundo Santos (1998: 23), “Josué introduziu na literatura e que vai aparecer posteriormente com outras roupas”. Mas, a propósito da geografia a verve antecipatória da obra de Josué de Castro mostrar-se-á na abordagem diferenciada, que vai desde a politização e o caráter social conferido a disciplina⁸ à inserção na geografia de diversos temas *a priori* e genericamente ‘não geográficos’. As

⁷ Vale ressaltar que não se objetiva aqui, determinar ou mesmo supor que Josué iniciara este processo solitariamente, a partir do nada. Ao contrário. Beneficiara-se de múltiplas contribuições da sua contemporaneidade, bem como de épocas anteriores, às quais retomou, descreveu, analisou e criticou. Mas também inovou e antecipou-se na perspectiva do seu tempo.

⁸ “A geografia moderna, procurando penetrar o sentido dos fenômenos universais, em sua realidade singular e total tem, pois, um papel relevante a desempenhar neste tenebroso momento da crise histórica contemporânea e no qual se preocupa angustiosamente substituir o sistema cultural que desmoronou e perdeu sua significação vital, por um novo sistema, por um novo mundo de convicções...” (1951: 546).

abordagens geográficas implementadas por Josué, constituem matrizes e contribuem na compreensão da visão de Santos (1995)⁹ a respeito do autor *"eu creio que um dos traços fundamentais na personalidade do Josué de Castro era a clarividência. A clarividência é uma virtude que se adquire pela intuição, mas, sobretudo pelo estudo. É tentar ver a parte do presente que se projeta no futuro"*.

A propósito, indagara Sorre (1968:21): *"ter-se-á o direito de censurar Josué de Castro por falar tão acaloradamente sobre temas que são tão essenciais para a humanidade ?* Em seguida responde: *"eu, por mim, julgo que ele realizou um trabalho benéfico, insistindo, com uma força persuasiva, sobre a gravidade da situação"*.

O questionamento e a resposta do geógrafo francês é certamente, a mesma compartilhada com pesquisadores e estudiosos que a despeito das circunstâncias revisitaram e encontram em Josué as fundamentações necessárias ao desenvolvimento de novos trabalhos acerca dos temas por ele contemplados, afora outros destes emanados e que se constituem fontes indispensáveis de consultas para a leitura do mundo contemporâneo e, especialmente do Brasil.

⁹ In: **Josué de Castro – Cidadão do Mundo**. Vídeo Documentário. Direção de Sílvio Tandler. Rio de Janeiro: Bárbaras Produções/Verj Vídeo, 1995.

2.2.1- O Médico



(foto 5) Josué de Castro aos 21 anos Graduado pela Faculdade Nacional de Medicina.

O percurso trilhado por Josué de Castro foi fortemente influenciado pela Medicina¹⁰, base da sua formação acadêmica e científica¹¹. É a partir da atuação como médico¹² que o autor empreende um conjunto de iniciativas que modificarão as políticas de alimentação no país. Nesse sentido, após a realização de vários inquéritos, especialmente nas já referidas áreas operárias e/ou ribeirinhas da capital pernambucana, irá apontar a incidência das carências alimentares existentes e elucidar a sua real dimensão. Josué partirá

¹⁰ Mais especificamente pela Fisiologia, área da Medicina voltada ao estudo das funções normais do organismo, isto é, sem incidência de patologias.

¹¹ Aos 15 anos Josué ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia, aí permanecendo até 1925 quando se transfere para a Faculdade Nacional de Medicina no Rio de Janeiro onde se forma em 1929, aos 21 anos de idade. Em 1930, de volta ao Recife monta consultório no centro da cidade, aí passa a atuar e segundo Pernambucano (Op. Cit: 208) 'torna-se o médico da moda em pouco tempo'.

¹² Excede os propósitos deste trabalho, analisar ou mesmo esmiuçar todas as atividades desenvolvidas por Josué de Castro enquanto médico. Aqui, buscar-se-á apenas resgatar com brevidade o médico, assim como o nutrólogo, ou o geógrafo que adentrou pelas ciências sociais e fez da geografia seu principal aporte metodológico no estudo da fome e das patologias dela derivadas.

de uma escala local à escala nacional (ou global) no estudo e na crítica aos fatores condicionantes da subnutrição e da fome e, conseqüentemente, contribuirá no despertar da consciência de uma medicina de cunho social no Brasil.

Convém atentar ao fato de que ao mesmo tempo em que estava voltado a tais empreitadas, conquistara a Livre Docência em Fisiologia, ocasião em que apresentou a tese *O Problema Fisiológico da Alimentação*, tornando-se titular da cadeira de Fisiologia da Faculdade de Medicina do Recife, após completar 24 anos e, na qual permanecera de 1932 a 1934.

Ao retornar ao Rio de Janeiro em fins de 1934 (onde se fixaria até ser exilado pela ditadura militar instalada no país a partir de 1964), Josué já dispunha de consideráveis bases teóricas e metodológicas emanadas da práxis em Recife.

Contudo é com a publicação de *A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana* e especialmente *Geografia da Fome*, em 1937 e 1946¹³ respectivamente, que o autor vê consubstanciada a sua afirmação como médico fisiologista, especialista em patologias derivadas da subnutrição e/ou da fome, bem como a sua profilaxia. Também a clínica instalada no centro da Capital Federal se transformaria em referência, onde segundo Pernambucano (Op. Cit: 222)

“ele era auxiliado por quatro assistentes, tanto tinha crescido a clínica, a maior da capital na especialidade, recebendo a gente mais poderosa de todos os Estados (...) Entre os seus clientes estava o Palácio do Catete (...) havia lá um médico oficial para as doenças e um particular, que era ele”.

Ao término da quarta década do século passado, o médico já se constituía no principal nome da sua especialidade no país, o que certamente dava-lhe credibilidade para

¹³ Estes dois livros são bastante emblemáticos na trajetória intelectual do autor, pois se constituem marcos na sua afirmação também como nutrólogo, geógrafo, cientista social etc. Foram premiados, ao serem lançados. *A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana* recebeu o Prêmio da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, enquanto a Associação Brasileira de Escritores concedeu à *Geografia da Fome*, o Prêmio Pandiá Calógeras.

contrapor-se aos determinismos, dentre os quais o fortemente criticado por Josué¹⁴ o neomalthusianismo¹⁵ e a eugenia, muito em voga no país nesse momento, opondo-se com veemência às teses segundo as quais o atraso brasileiro estava associado a intensa miscigenação racial que aqui se dera.

Josué mostrou que a suposta fraqueza que caracterizava as populações mestiças emanava da fome e da subnutrição. O mal não era da raça, tampouco das condições naturais – as quais o homem tinha condições de adaptar às suas necessidades.

O advento da *Geopolítica da Fome* publicado em 1951 desarticulava cientificamente estas teses e receberia da Academia de Ciências Políticas dos Estados Unidos, o Prêmio Roosevelt como melhor livro na área das ciências sociais daquele ano no país e credenciaria Josué à indicação ao Prêmio Nobel de Medicina de 1954, pelo Comitê Nobel de Medicina, conforme pode ser constatado no documento do Ministério das Relações Exteriores (*Doc. 14*).

Observa-se, assim, que seguindo este percurso Josué transcendera a profilaxia, adentrando pelo viés social, qual seja, saindo do âmbito consultorial às coletividades humanas. Decerto percebeu que as escolas de medicina estavam mais preocupadas em preparar profissionais para a clínica privada e, obviamente, médicos para as classes privilegiadas, “em detrimento da preparação de profissionais para a medicina Social, das coletividades” (Nelson Chaves, 1982: 175)¹⁶.

¹⁴ Que segundo Josué (Op. Cit: 63/419) “nada tem de novo, uma vez que levantou suas teorias sobre o mesmo terreno precário em que se ergueu o espectro de Malthus”.

¹⁵ Ressuscitado sobretudo pelo norte-americano William Vogt, através do seu livro *O Caminho da Sobrevivência*, onde justificava a fome como resultado das instabilidades da natureza, acrescida do elevado crescimento demográfico e, a guisa de solução sugeria o abandono àqueles classificados como fracos e doentes, ou ainda, apressar a morte dos famintos e controlar com severidade as taxas de natalidade.

¹⁶ O que certamente o aproximou ainda mais da nutrição, a qual associara intensamente a Fisiologia, a Endocrinologia, a Sociologia e a Geografia para mostrar que ao imperialismo econômico e ao comércio internacional a serviço do mesmo, interessava que a produção, a distribuição e o consumo dos produtos alimentares continuassem a se processar indefinidamente como fenômenos exclusivamente econômicos – dirigidos e estimulados dentro dos seus interesses – e não como fatos intimamente ligados ao interesse da saúde pública (Op. Cit: 31).

INDICADO O PROFESSOR JOSUÉ DE CASTRO PARA O
PRÊMIO NOBEL DE MEDICINA

O Ministério das Relações Exteriores acaba de ser oficialmente informado que o Comitê Nobel de Medicina indicou o nome do Prof. Josué de Castro como um dos candidatos ao Prêmio Nobel de Medicina de 1954, levando em conta a excepcional importância científica dos seus trabalhos e pesquisas no campo da fisiologia e da higiene da alimentação.

Considerando que a escolha dos candidatos ao Prêmio Nobel de Medicina se faz exclusivamente por iniciativa própria do Comitê Nobel integrado por sociedades médicas mundiais, constitui a indicação do nome do Prof. Josué de Castro uma excepcional homenagem e distinção não só ao eminente cientista brasileiro, mas à ciência médica e à cultura do nosso país.

Josué de Castro, que é hoje um dos brasileiros de maior projeção internacional, tanto pela repercussão de seus livros já traduzidos em doze línguas, como pela obra humanitária que vem realizando à frente da Organização de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas, alcança com esta honrosa indicação para o Prêmio Nobel de Medicina o ápice de sua brilhante carreira de homem de ciência.

Constitui, pois, para Pernambuco seu Estado natal, motivo de justificado orgulho contar entre seus filhos com um homem dessa envergadura mental, universalmente consagrado como uma das mais altas expressões de cultura no mundo contemporâneo.

2.2.2- O Nutrólogo

A descoberta da fome e, conseqüentemente, os estudos visando a sua superação, aproximaram Josué de Castro da Nutrição. Na verdade Medicina (Fisiologia) e Nutrição aos olhos dos menos atentos, por vezes se confundem nos escritos do autor em função da indissociabilidade com que aborda a ambas. Para ele a Nutrição tem uma função social que perpassa a esfera dos laboratórios¹⁷ e para materializar tal função carece da Medicina¹⁸ que através dos diagnósticos aponta o reflexo das carências alimentares, bem como as patologias delas dimanadas e o mais importante, a sua terapêutica.

Nesse sentido Josué distancia-se do modelo laboratorial clássico preconizado pelos fisiologistas de então e intensifica os estudos e investigações que os conduziria a condição de autoridade proeminente no assunto. A exitosa trajetória do nutrólogo principiada em Recife, ganha maior ressonância no período em que perdura o Estado Novo quando Josué se constituiu no principal articulador das políticas de alimentação do Governo Vargas, simultaneamente às atividades acadêmicas, a princípio na UDF e em seguida, na FNF, no Instituto de Nutrição da UB ou, no Departamento Nacional de Saúde, constituindo-se na principal referência desta disciplina no Brasil.

Na verdade, Josué foi um pioneiro e representa a mais importante matriz no que concerne à questão alimentar no país.

Polemista, inquieto e insatisfeito com a realidade, trilhou pelas raízes históricas do país para identificar a origem dos problemas alimentares que acometiam o povo

¹⁷ Lima (1983: 98) realça esta concepção ao assegurar que "o tema (...) na abordagem de Josué, entrosava-se com o social, influenciando na vida, no trabalho e comportamento dos homens, ultrapassando a característica puramente científica ou técnica que perdia a sua exclusividade em face de um mundo de nuances capazes de superar o método seco, fechado da ciência".

¹⁸ Refiro-me especialmente a Fisiologia e a Endocrinologia, especialidades de Josué e que davam aporte aos seus estudos e investigações acerca da fome e da subnutrição.

brasileiro¹⁹ e, após denunciar a escassez de estudos acerca da questão e classificar o Brasil como um país de fome, quer na escala regional, quer na escala nacional, concluiu que

“se a alimentação, para a maioria, é assunto de simples mastigar, é também para alguns poucos assunto de muito pensar e se, para os primeiros constitui o que há de mais simples neste mundo, representa para os segundos, o que há de mais complexo e transcendente em matéria científica experimental” (Op. Cit: 17).

Vislumbrando a superação desta realidade avançou nas suas análises e mapeou a fome no país identificando três tipologias distintas – fome endêmica, epidemias de fome e subnutrição configuradas nas cinco áreas por ele delimitadas, Amazônia, Nordeste Açucareiro, Sertão Nordestino Centro-Oeste e Extremo Sul, cada uma apresentando uma dieta alimentar peculiar condicionada pelos fatores históricos e culturais. O quadro a seguir sintetiza estas conclusões contidas no mapa 1.

ÁREA	TIPOLOGIA	DIETA ALIMENTAR
AMAZÔNIA	Fome Endêmica	Feijão, farinha de mandioca, peixe e rapadura.
NORDESTE AÇUCAREIRO	Fome Endêmica	Feijão, farinha de Mandioca, aipim e charque.
SERTÃO NORDESTINO	Epidemias de Fome	Feijão, milho, carne e rapadura.
CENTRO-OESTE	Subnutrição	Feijão, milho, carne e toucinho.
EXTREMO SUL	Subnutrição	Arroz, carne, batata e pão.

¹⁹ Segundo Josué, “... por inabilidade do elemento colonizador, indiferente a tudo que não significasse vantagem direta e imediata para os seus planos de aventura mercantil (...) desdobrada em ciclos sucessivos de economia destrutiva ou, pelo menos, desequilibrante da saúde econômica da nação” (Op. Cit: 280/281).

Mapa 1

MAPA DAS ÁREAS ALIMENTARES DO BRASIL

Organizado por Josué de Castro



Fonte: CASTRO, Josué de. Geografia da Fome – o dilema Brasileiro: pão ou aço. 9 ed. São Paulo: Brasiliense, 1965

Certamente este foi o primeiro mapa da fome feito no Brasil. A partir dele Josué também identificou e espacializou as principais carências alimentares (mapa 2) e mostrou que em qualquer uma das cinco áreas que compunham o mosaico alimentar brasileiro não se dispunha de todas as substâncias essenciais ao metabolismo basal. Assim, em uma região onde a carne é a principal fonte de alimentação, o teor de proteínas predomina em detrimento de outras substâncias que estão ausentes ou em pequena quantidade na mesma, ao passo em que numa outra região, onde o aipim é a ração mais freqüente, são substanciais os níveis de carboidrato, havendo conseqüentemente, deficiência relativa de lipídios, vitaminas e outros nutrientes específicos. Portanto, de acordo com o tipo de alimentação, os níveis séricos e tissulares de certa substância alimentar estarão em maior ou menor quantidade, revelando o grau de desnutrição e as patologias derivadas da ausência dos mesmos.

Tocado por esse quadro de referência, o nutrólogo via com veemência a necessidade de implantar no Brasil políticas e centros de estudos e pesquisas alimentares semelhantes aos existentes em países como França, Alemanha, Dinamarca, Itália, Argentina e, especialmente nos Estados Unidos no primeiro pós-guerra. Em *A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana*, ressalta que “contrariamente a esses países, no Brasil quase nada tinha sido feito de maneira sistemática visando estudar os problemas atinentes a nossa alimentação e nutrição” (Op. Cit: 21).

Assim, Castro utilizara-se das funções ocupadas junto aos poderes públicos para despertar a premente necessidade de reparação desse equívoco. Após as experiências bem sucedidas no Recife²⁰, e já residindo no Rio de Janeiro, Josué de Castro compõe a Comissão de Inquérito para Estudo da Alimentação do Povo Brasileiro, realizado pelo Departamento Nacional de Saúde em 1936 e, a partir daí, tornara-se presença constante na articulação e elaboração de estudos e políticas alimentares no país.

²⁰ A exemplo dos inquéritos realizados nas áreas ribeirinhas e nas fábricas da cidade.

Mapa 2

MAPA DAS PRINCIPAIS CARÊNCIAS EXISTENTES NAS DIFERENTES ÁREAS ALIMENTARES DO BRASIL

Organizado por Josué de Castro



Fonte: CASTRO, Josué de. Geografia da Fome – o dilema Brasileiro: pão ou aço. 9 ed. São Paulo: Brasiliense, 1965

Chefiou o Serviço Técnico de Alimentação Nacional²¹, organizou e dirigiu o Serviço Central de Alimentação, que originou o Serviço de Alimentação da Previdência Social – SAPS; foi vice-diretor da Comissão Nacional de Bem-Estar Social e integrou a comissão Nacional de Reforma Agrária. Foi também representante do país em importantes fóruns de debates e planejamento de políticas alimentares, integrou e dirigiu entidades e associações e, lecionou como catedrático a cadeira de nutrição do curso de sanitaristas do Departamento Nacional de Saúde.

Dois eventos, contudo, marcaram excepcionalmente a trajetória de Josué de Castro nesse momento. O primeiro, foi a implantação do Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil, do qual foi um dos idealizadores e se tornou diretor em 1946 e, o segundo, foi a sua atuação como Presidente do Conselho Executivo da FAO por dois mandatos consecutivos, de 1952 a 1956.

À frente da FAO, Josué persistiu na sua luta no combate a fome e a desnutrição. No entanto viu frustrados os planos de alargar e concretizar os seus ideais em função dos preceitos que norteavam as ações da entidade, dentre os quais, aqueles que preconizavam que para “a humanidade alimentar-se melhor seria suficiente, apenas, educar os agricultores e pescadores, fazendo-os seguir modernos métodos agrotécnicos” (Ritter, 1958: 26) ou, vê a questão alimentar como sendo estritamente um problema agrícola. Apesar das muitas tentativas não conseguiu sensibilizar os governantes dos países desenvolvidos para instituir uma reserva internacional contra a fome, ou mesmo, uma campanha mundial de combate a este mal²². Em *O Livro Negro da Fome*²³, Josué demonstra a sua frustração na presidência do órgão das Nações Unidas:

²¹ Foi através deste órgão, que Josué com um grupo de nutrólogos lançou a primeira publicação periódica sobre nutrição no Brasil: os *Arquivos Brasileiros de Nutrição*, que permitiu a divulgação dos avanços da ciência da nutrição no país e da qual foi supervisor científico por vários anos (Magalhães, Op. Cit: 46).

²² Para Josué este sonho começou a tornar-se realidade em 1957, quando funda em Paris, a Associação Mundial de Luta contra a Fome – ASCOFAM, juntamente com o Abbé Pierre, Padre Joseph Lebreton, M. Scheyven e outros.

²³ Este livro resulta de um documento elaborado para servir como base de discussão do projeto de criação da Associação Mundial de Luta contra a Fome – Ascofam. Teve a sua primeira edição publicada em 1960.

*"durante 4 anos estivemos na presidência do Conselho Executivo da FAO e lutamos para fazer implantar nesse organismo alguns princípios de ação que nos pareciam essenciais para que ele viesse a desempenhar integralmente os seus objetivos. E durante esses quatro anos pudemos comprovar como é difícil vencer as resistências impostas pelos interesses particularistas dos países e dos grupos econômicos. Problemas como o da reforma agrária e da constituição de uma reserva alimentar contra a fome e outros que exigem modificações das estruturas vigentes, não conseguem transpor a barreira dos preconceitos e dos medos acumulados (...) O caso da criação da Reserva Internacional contra a Fome (...) constitui um exemplo típico da ação tímida e vacilante da FAO"*²⁴.

Malgrado as suas pretensões, a *Geopolítica da Fome*, estava tão atualizada quanto no período em que fora escrita. Encontra na história as origens dessa situação, partindo do pressuposto que o processo de colonização e o imperialismo dos países desenvolvidos ou ex-metrópoles, engendraram os desequilíbrios e a segregação, característica dos países pobres²⁵, cuja conseqüência mais evidente era a fome²⁶. Assim, não mensurou esforços na elaboração de uma crítica à sociedade da opulência e do desperdício, alheia à miséria que assolava dois terços da humanidade. Por conseguinte, contestação e denúncia constituir-se-iam em particularidades marcantes do seu pensamento e da sua obra distinguindo-o como médico, nutrólogo, humanista, enfim, como cientista social.

²⁴ Não obstante, neste mesmo texto, ele resgata parte de um discurso proferido em 1955, quando faz uma autocritica em relação do trabalho realizado na FAO: *"me sinto decepcionado diante da obra que realizamos (...). Decepcionado pelo que fizemos porque, ao meu ver não elaboramos até hoje uma política de alimentação realista que ponha em linha de conta, ao mesmo tempo, as desesperadas necessidades do mundo e nossos objetivos. Não fomos suficientemente ousados, não tivemos a coragem suficiente para encarar, de frente, o problema e buscar as suas soluções. Apenas afluamos a sua superfície, sem penetrar em sua essência, sem querer, na verdade, resolvê-lo, por falta de coragem de desagradar a alguns. Precisamos, a meu ver, ter a coragem de discordar de certas opiniões para aceitarmos a imposição das circunstâncias, resolvendo o problema no interesse da humanidade"*.

²⁵ Não por acaso, no prefácio da segunda edição de *Geopolítica da Fome*, destaca: *"tínhamos principalmente receio de que os países colonizadores ou imperialistas, apontados neste livro como os maiores responsáveis pela fome e pela miséria no mundo, a sensibilidade nacional atingida pudesse considerá-lo simples libelo político e se empenhasse por sua vez, em atacá-lo num tom de polêmica que viesse obscurecer o esforço explicativo, a tentativa de interpretação científica que procuramos apresentar acerca das causas e efeitos da fome universal"* (Op. Cit: 29).

²⁶ Nesse sentido, com freqüência, remete-se a realidade brasileira como exemplo: *"entre nós o desequilíbrio se deu acentuando os males sempre existentes desde o dia em os primeiros aventureiros europeus (...) resolveram criar nestas terras da América a indústria do 'fique rico depressa' para uns poucos que foi, ao mesmo tempo, a 'indústria da fome' para a maioria (...). Portanto, a fome no Brasil, que perdura, apesar dos enormes progressos alcançados em vários setores de nossas atividades, é conseqüência, antes de tudo, de seu passado histórico (...) por inabilidade do elemento colonizador, indiferente a tudo que não significasse vantagem direta e imediata para os seus planos de aventura mercantil"* (Op. Cit: 281).

2.2.3- O Cientista Social

Ao identificar a fome como expressão biológica dos males sociológicos, intimamente concatenada com as distorções econômicas, Josué de Castro não está apenas sistematizando uma crítica ao que denominou de subdesenvolvimento. Mas também, distinguindo-se como cientista social comprometido com o homem, ser social que na sua perspectiva revela-se através de uma sociedade faminta e miserável, a despeito da formação acadêmica na área médica, que conforme ressaltou-se há pouco, mostrava-se indiferente a esse tipo de realidade.

Paradoxalmente, para Josué, a medicina o aproximou de tal realidade e das ciências sociais, onde também inovou. Não somente por dar à fome status político e econômico, mas por desmistificar teses e explicações que justificavam as desigualdades imperativas do sistema. Para Linhares²⁷, “ao qualificar a miséria e a pobreza como consequências das causas sociais e históricas, Josué também estava instituindo um novo marco teórico” e estabelecendo estreita ligação entre o rebatimento da fome enquanto fenômeno biossocial e os processos econômicos, políticos e ideológicos, que transformaram-na em “assunto delicado e perigoso por implicação desses aspectos, a ponto de compor um dos tabus da nossa civilização – uma espécie de tema proibido” (Op. Cit: 45).

Em livros como *Alimentação e Raça*, *Documentário do Nordeste*, *Fisiologia dos Tabus*, *Alimentazione e Acclimatazione nei Tropici*²⁸, ou em artigos como *Sociologia Pitoresca*, *Lês Problèmes de L'alimentation dans lês Régions Tropicales*, *A Fome Mundial e o Neo-Malthusianismo* e *A Seca*, relê, analisa e contesta muitas dessas teses, especialmente as centradas na trilogia clima, raça, alimentação e as resultantes das possíveis inter-relações entre elas, e uma outra categoria muito cara, o subdesenvolvimento; fundamentado na análise histórica que lhe confere respaldo na elucidação dos malefícios

²⁷ Ibid.

²⁸ Afora os clássicos *A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana*, *Geografia da Fome* e *Geopolítica da fome*.

advindos do processo de colonização e dos grupos políticos e econômicos que não permitem que o crescimento econômico se traduza em desenvolvimento social no país e/ou em outras áreas do planeta. Nessa perspectiva, o seu pensamento encontra-se com o de Ianni (Op. Cit: 45) quando afirma que

“no Brasil as ciências sociais nascem e desenvolvem-se marcadas pelo desafio: compreender o presente, em suas raízes próximas e, distantes. Por isso em diferentes épocas o pensamento social debruça-se também sobre o passado, tentando descobrir o presente”.

Para o cientista social pernambucano, o presente carece ser desvendado, partindo do princípio de que as desigualdades intensificam-se e delas emanam as tensões sociais. Assim, “é absolutamente necessário terminar com esta tremenda desigualdade social. Infelizmente cada vez mais se alarga o fosso que separa ricos (...) e pobres”²⁹. Com efeito, a ressonância das suas críticas ao colonialismo e ao subdesenvolvimento ganha forças em um período em que aquele está em recuo (segundo pós-guerra) e a situação deplorável dele resultante ecoa sobre os países emergentes da faixa tropical, que se constituem em países de fome. “Produto antes de tudo, da desumana exploração das riquezas coloniais por processos de economia devastadores, monocultura e latifúndio” (Op. Cit: 49).

Para Taranto *apud* Magalhães (Op. Cit: 17) esta análise de Josué é caracterizada pelo denominado ‘catolicismo social’, que postula a necessidade de subordinar a economia às necessidades humanas. Na verdade esta abordagem corresponde à perspectiva de transmutação total do ser humano que, em última análise, significa a transposição da era do homem econômico para a era do homem social. Esta perspectiva, fundamentada nas idéias de Huxley³⁰ far-se-á sentir, mormente, em *Geopolítica da Fome*, onde para efeito de análise, lembra Josué que na *era do homem econômico*, que perdura ‘até a Primeira Guerra Mundial a civilização ocidental, obcecada pelo economicismo, intencionada

²⁹ E ainda, “os chamados países desenvolvidos, industrial e tecnicamente e, os países que se chamam subdesenvolvidos”. In: *Aos Pobres Pertence o Reino da Terra*. Discurso proferido na cerimônia de entrega do Prêmio Internacional da Paz em 1954. p. 1.

³⁰ HUXLEY, Julian. *On Living in a Revolution*. Londres, 1944.

exclusivamente em dominar pela tecnologia³¹ as forças da natureza e concentrando todo o seu interesse na exploração econômica e na criação de riquezas, deixara quase em completo esquecimento o homem e seus problemas' (Op. Cit: 52), contrariamente a *era do homem social*, no mundo pós-guerra, onde vê-se uma preocupação com o homem como entidade social concreta³².

É importante observar que muitas dessas idéias são explícitas em alguns dos seus primeiros textos, nos primórdios dos anos 30, sendo, todavia, aprimoradas ao longo da sua trajetória, com destaque para o tempo em que esteve na Cátedra de Antropologia Física da UDF entre os anos de 1935 e 1938, e na presidência da FAO quando se deteve mais intensamente aos estudos em torno do subdesenvolvimento. Assim, segundo Ribeiro (Op. Cit: 122), Josué

"compôs a sua própria província científica, que ensinou o mundo a cultivar o estudo sócio-ecológico dos condicionantes sociais e culturais da nutrição e da desnutrição humana. Aprofundou-se como ninguém na denúncia da ordem social fundada no latifúndio que esfomeia o Brasil".

Nesse sentido, Ribeiro comunga com o pensamento de Linhares³³ e não só confirma o pressuposto assinalado, segundo o qual Josué inovara nas ciências sociais, como clarifica a dimensão dessa inovação traduzida nas análises elucidativas das causas e efeitos da desordem social configurada especialmente nos denominados países subdesenvolvidos e, particularmente, no Brasil.

³¹ Entretanto, sublinha Josué, que a tecnologia está permeada de contradições e não tem ética. Não é boa nem má e, portanto, pode ser utilizada para o bem e para o mal – para fazer progredir ou para impedir o progresso. Se nos países terceiromundistas a tecnologia age contra os seus povos é porque foi utilizada unicamente para reproduzir o máximo de vantagens e lucros para os grupos da economia dominante.

³² Porém, complementa: "não quer isso dizer que, nesta nova era a economia seja relegada a um plano secundário" (Op. Cit: 52)

³³ *ibid.*

2.2.4- O Geógrafo

A incursão de Josué de Castro na geografia dera-se simultaneamente a institucionalização da disciplina no Brasil. É, pois, na primeira metade dos anos 30 que o autor torna-se Professor Catedrático de Geografia Humana da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais do Recife, sob a égide da geografia francesa clássica.

Nesse sentido, mesmo compartilhando do pensamento de Berdoulay (Op. Cti: 1), ao questionar as freqüentes leituras que determinam as influências de um autor sobre outro e esclarece que uma abordagem baseada neste tipo de referência corre o risco de ser apanhada por todas as armadilhas associadas com ênfase na evolução linear das idéias (tradução livre)³⁴, não há como deixar de destacar a dimensão e a importância da influência vidalina em Josué, especialmente no que refere-se ao possibilismo e aos gêneros de vida, dois aspectos fundamentais na construção do seu pensamento, da sua obra e, conseqüentemente, à compreensão destes. Da obra-prima do mestre francês, *Principes de Géographie Humaine*, extraíra uma premissa que decerto, norteara a sua produção: *entre as forças que ligam o homem a um determinado meio, uma das mais tenazes é a que transparece quando se realiza o estudo dos recursos alimentares*.

Com efeito, não por acaso, ressaltam Anselmo & Bray (Op. Cit:7) que "Josué de Castro, manifestava grande admiração pelos geógrafos franceses, especialmente por Vidal de La Blache". Esta assertiva clarifica-se na familiaridade demonstrada com autores como Elisée Reclus, Emmanuel De Martone, Jean Brunhes, Max Sorre, Pierre Deffontaines e Lucien Febvre em muitos dos seus trabalhos. Em Reclus, ele apóia-se para falar em fome universal a partir de *Nouvelle Géographie Universelle*³⁵; ancora-se em De Martone, para espacializar o fenômeno, a partir do conceito de geografia enquanto ciência dos

³⁴ Entretanto, aqui não se está tratando necessariamente de um autor, mas de uma escola alicerçada nos princípios instituídos a partir da sua inspiração.

³⁵ Veja-se a o prefácio de *Geografia da Fome*.

fenômenos físicos, biológicos e sociais distribuídos na superfície terrestre, suas causas e relações recíprocas³⁶; em Brunhes aprofunda a análise acerca dos gêneros de vida.

É válido aludir que a influência da Escola Francesa não restringiu o autor a apenas esta perspectiva. Reconhecia Humboldt, Ritter e Ratzel como grandes impulsionadores da moderna ciência geográfica e neles também se apoiava na sistematização das suas idéias³⁷. A propósito, quando expõe o objetivo de *A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana*, parte do pressuposto ratzeliano segundo o qual “o espírito geográfico vem impregnando duma maneira fecunda, todo o pensamento moderno” (Op. Cit: 25).

Na esteira dessa herança, ao mesmo tempo em que evidencia a importância e intimidade com os mestres alemães utilizando e discutindo os princípios geográficos da *extensão, coordenação e causalidade*³⁸, Josué demonstra entender que o fenômeno que constituía-se no cerne das suas preocupações, tem suas modalidades geográficas e as dicotomias locais ligam-se à totalidade dos traços do complexo geográfico, sejam naturais ou humanos, constituindo uma descrição dos gêneros de vida. A legibilidade desta perspectiva fizera-lhe adotar o método geográfico como referência, especialmente por vê-lo “quase (...) como uma técnica que ensina a ver e a produzir com fidelidade os vários elementos que compõem os diversos panoramas naturais” (1951: 545)³⁹, bem como discutir a disciplina demonstrando preocupações epistemológicas que vão das bases conceituais⁴⁰ ao seu objeto de estudo. Neste caso, vê

³⁶ Idem.

³⁷ De acordo com P. C. C. Gomes (1996: 127) “o discurso da Geografia científica se nutriu em grande parte destas fontes temáticas e metodológicas. Assim, uma das primeiras tarefas da geografia moderna foi a reutilização desses conhecimentos, ajustando-os às exigências do discurso científico”.

³⁸ Formulados respectivamente por Ratzel, Ritter e Humboldt.

³⁹ Ancorado nesta concepção ressaltou: “um dos motivos porque o problema alimentar esteja ainda por ser solucionado, em grande parte decorre, ao nosso ver, da falta de aplicação deste método no seu estudo” (Op. Cit: 25).

⁴⁰ Com efeito, em algumas passagens dos seus escritos chegou a questionar as metamorfoses conceituais da geografia. Com efeito, em um artigo publicado no Boletim Geográfico, em 1951, afirmara: “não há disciplina científica cujo conceito tenha variado tanto através dos tempos como a geografia, apesar de ter sempre um mesmo campo de estudo – a superfície da terra. Simples catálogo enumerativo dos lugares, na antiguidade; traçado do itinerário das terras conquistadas, no tempo dos romanos; o espelho mágico do mundo na era das grandes descobertas, a geografia tornou-se hoje uma ciência complexa, a mais enciclopédica e universalista das ciências (Op. Cit: 545).

"o estudo da paisagem – tanto da paisagem natural, produto exclusivo das forças físicas trabalhando a superfície do planeta, como da paisagem cultural, resultado da interferência do elemento humano, alternando a paisagem natural, criando fatos novos, modelando uma paisagem humanizada – é, em última análise o objetivo essencial da geografia, desta geografia moderna, que acabou com as barreiras artificiais que a dividiam totalmente em geografia física e geografia humana, em geografia geral e geografia regional" (1951: 545)⁴¹.

Dessas reflexões e questionamentos o autor logrou outras formas de entendimento acerca da geografia e dos seus métodos que "originou novas perspectivas no conhecimento de fatos que durante muito tempo foram vistos, mas não compreendidos" (1967: 11). Nesse sentido, segundo Dias (Op. Cit: 197) ele abraça corajosamente uma temática original para a época, optando, sobretudo por um assunto muito pertinente num país onde os problemas são particularmente graves" (tradução livre).

Todavia, só em 1937, é que a geografia ocupa pela primeira vez um lugar central no conjunto da sua obra. Trata-se do livro *A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana*. Na verdade, uma prévia de Geografia da Fome. Dois anos depois, publicou um livro de natureza didática, destinado ao ensino secundário, *Geografia Humana – estudo da paisagem cultural do mundo*. Um manual de geografia humana ao estilo vidalino, do ponto de vista metodológico. Porém, para Santos (1992: 173) "este livro discutia as principais teses da geografia"⁴².

A despeito dessa produção no campo geográfico, Josué só voltaria a lecionar a disciplina em 1940, na nascente Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil

⁴¹ Mas dentro desta concepção Josué mostrar-se-á contraditório quando faz opção pela geografia humana, a qual define como "ciência que estuda e analisa a formação da paisagem cultural" (Op. Cit: 19), a despeito da aludida geografia moderna que contrapunha-se às divisões clássicas (física e humana, geral e regional).

⁴² Entretanto, para o Professor Aziz Nacib Ab'Sâber apud Silva (Op. Cit: 230) "foi um livro que trouxe inovações, mas como um livro didático sempre existe uma diferença entre a característica de redação de uma obra científica original, eles são um esforço de sistematização a base de um conhecimento acumulado e, nesse sentido, o livro didático do Professor Josué não foi recebido com o mesmo entusiasmo que foram os seus livros sobre a fome. O livro era bom mas era uma síntese, com muitas informações de segunda origem (...) Então por esse motivo, por ser um livro didático que utilizava informações secundárias, embora de excelente nível, o livro não chegou a mostrar uma originalidade tão grande quanto aquela que aconteceu com os livros Geografia da Fome e Geopolítica da Fome".

(com titulação homóloga àquela obtida no Recife sete anos antes) e, na qual efetivara-se em 1948 através de concurso público, ocasião em que apresentou e defendeu a tese *Fatores de Localização da Cidade do Recife – um ensaio de geografia urbana*⁴³ (Foto 6).



(Foto 6) Solenidade de Posse de Josué de Castro na Cadeira de Geografia Humana da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil em 14 de julho de 1948

Chama a atenção em Josué de Castro o desenvolvimento de uma geografia de contestação e combativa dos métodos de exploração social e econômica malgrado as abordagens centradas no naturalismo exacerbado das análises regionais do pensamento geográfico clássico, que segundo o geógrafo espanhol Alberto Luis Gómez (1983:5), “tinha dificuldades de incorporar o social dentro de seu paradigma teórico” (tradução livre). Na concepção de Moraes (1987: 118), a prática de Josué

“ensejava uma geografia de denúncia de realidades espaciais injustas e contraditórias. Tratava-se de explicar as regiões, mostrando não apenas suas formas e sua funcionalidade, mas também as contradições sociais aí contidas: a miséria, a subnutrição, as favelas, enfim as condições de vida de uma parcela da população, que não aparecia nas análises tradicionais de inspiração ecológica. Esta

⁴³ Publicada em sua versão original pela Imprensa Nacional nesse mesmo ano e relançada em 1954, pela Casa do estudante do Brasil com o título *A Cidade do Recife – ensaio de geografia urbana*.

proposta veiculava um ideal humanista e conseguia um peso político, em função de sua potencialidade de constatação e divulgação da manifestação espacial de problemas sociais”.

Verifica-se, assim, em Josué, um perfil independente quanto aos *dogmas* impostos pela *geograficidade* ou as *falsidades geográficas*, trilhando por sua vez por uma geografia de cunho social e que não dissocia as relações sociais (homem X homem) das relações homem X meio, materializada nas vitórias do homem sobre o meio e que

“tratava, exatamente, daquilo que o homem não fez, não soube ou não quis fazer (...) das possibilidades geográficas que ele não aproveitou ou que maltratou. Não era, pois, uma geografia das grandezas humanas, mas uma geografia de suas misérias. Uma geografia de trágicas singularidades, na qual se estudava, não a terra que dá de comer ao homem, mas o homem servindo apenas para alimentar a terra” (Op. Cit: 25)⁴⁴.

Este temário não constava no elenco a ser analisado por um geógrafo e por conseguinte, era tido como não geográfico. Consistia, na verdade, em uma nova geografia que diferia não só daquela idealizada nos principais centros de produção geográfica do país, como também do tipo ensinada nas escolas. De acordo com Sorre (1958: 247) tratava-se de “uma geografia humana renovada em seu espírito, ou talvez mais exatamente, recolocada no caminho que lhe abriram nossos mestres”.

Rumando por estes caminhos Josué mantém-se relativamente afastado da comunidade geográfica brasileira, enquanto respalda-se, sobretudo, nos colegas franceses e norte-americanos a exemplo de Max Sorre, Preston James, George B. Cressey, Earl P. Hanson, Francis Ruellan, Pierre Deffontaines e Jacques M. May, através do qual torna-se membro da Comissão de Geografia Médica da UGI, a propósito do que evidencia a correspondência deste a Josué em 12 de setembro de 1952 (*Doc.15*).

⁴⁴ Paradoxalmente a geografia em seu sentido mais usual, que “sempre tratou muito mais dos aspectos positivos e favoráveis do mundo que dos seus aspectos negativos – mais das riquezas da terra e das vitórias do homem do que de suas misérias e de seus fracassos” (Op. Cit: 25).

= International Geographical Union = Union Géographique Internationale

JOINTLY CHAIRMANED PROFESSOR ESTHER DE HAES

President: **Professor George B. Chase**
Department of Geography
Syracuse University, Syracuse 10, N. Y., U.S.A.

Secretary-Treasurer:
Dr. GOSWAMI K. T. KUMAR
American Geographical Society
Broadway at 114th Street, New York 12, N. Y.

Vice-Presidents:
Prof. **Maxime A. Lohr** (Belgium)
Prof-Presidents:
Prof. **Roberto Aymon** (Italy)
Prof. **Hans Jochen Gutschalk**
Prof. **Emmanuel Le Roy Ladurie** (France)
Prof. **Carlos Ruy de Azevedo** (Brazil)
Prof. **Osamu Rindou** (Japan)
Prof. **L. Dorey Stuart** (Great Britain)

September 12, 1952.

Dear Professor De Castro:

I have the pleasure of inviting you to become a member of the Commission on Medical Geography, which we would like to call from now on Commission on the Ecology of Health and Disease, appointed by the 17th International Congress of the International Geographical Union.

The other members of the Commission are Professor Max Sofer of Paris and Professor Arthur Geddes of Edinburgh.

I hope you will find it possible to accept. Your contribution to the work of the commission will certainly be invaluable.

It was nice meeting you in Washington.

I am, with best personal regards,

Sincerely yours,

Jacqueline May

Jacqueline M. May, M.D.
Chairman
Commission on Medical Geography

Professor Jose de Castro
Rua do Carmo, 6
Rio de Janeiro, Brazil

Pl. J'espère que votre voyage à Rome
a été agréable. Je travaille à la carte
de médecine par cancer dont j'ai parlé
à Washington. Je vous tiendrai au courant
des progrès de ce travail. Cordialement.

Com Preston James, geógrafo norte americano, Josué estabeleceu contato a partir dos anos 30 e dele absorveu tendências teóricas que constituíram-se em importante fundamento de parte da sua obra. Desse intercâmbio, Josué chegou a negociar a tradução do clássico *An Outline of Geography* para o português com a Livraria do Globo de Porto Alegre através do amigo Érico Veríssimo e James prefaciou o seu livro de Josué *Geografia Humana – estudo da paisagem cultural do mundo*⁴⁵. A carta de Érico Veríssimo (Doc. 16) revela este contexto. Em uma outra correspondência de Josué a James (Doc. 17), separada por um espaço de tempo de uma década, Josué demonstra a vontade de trazer o professor da Universidade de Michigan para ministrar um curso na UB.

Semelhante contato identificou-se entre Josué e Max Sorre, por quem demonstrava uma admiração especial, perceptível nas menções feitas pelo autor ao mestre francês em diversas passagens da sua obra, seja em forma de agradecimento⁴⁶ ou através de citações⁴⁷. Por sua vez, Sorre prefaciou a edição francesa de *Geopolítica da Fome*, e escrevera um artigo para a publicação da ASCOFAM comemorativa ao cinquentenário de Josué em 1958⁴⁸, afora os encontros periódicos por ocasião das reuniões da Comissão de Geografia Médica da UGI da qual eram membros⁴⁷.

Com Deffontaines e Ruellan, conservou os laços criados na UDF e na FNF mesmo depois destes terem regressado à Europa. As correspondências procedentes de ambos (Doc. 18 e 19), ou o telegrama de Osório Dutra, datado de 26 de setembro de 1947, em nome de Deffontaines (Doc. 20), convidando o geógrafo brasileiro para proferir uma conferência no Instituto Francês de Barcelona, quando diretor do mesmo, deixam transparecer a solidez desses laços.

⁴⁵ Porto Alegre: Livraria do Globo, 1939.

⁴⁶ "Ao nosso eminente amigo, o Professor Max Sorre, chefe da Escola Francesa de Ecologia e atualmente à frente do Instituto Francês de Urbanismo, apresentamos os nossos agradecimentos pelas sugestões que nos fez acerca da Geografia das Cidades e pela indicação de uma útil lista bibliográfica sobre o assunto". In: *Fatores de Localização da Cidade do Recife – um ensaio de geografia urbana*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1948. p. 6.

⁴⁷ Veja-se, por exemplo, *Geopolítica da Fome*. 8 ed. rev. e aum. São Paulo: Brasiliense, 1968. p. 82. Ou *Fatores de Localização da Cidade do Recife – um ensaio de geografia urbana*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1948.

⁴⁸ SORRE, Max. *A Fome sem o Véu Discreto da Fantasia*. In: *O Drama Universal da Fome*. Rio de Janeiro: Ascofam, 1958. p. 243-247.

ERICO VERISSIMO

5.8438
PORTO ALEGRE

Meu caro Josué:

Recebi ha poucos minutos sua carta de 3 de agosto corrente e me apresso a lhe dizer da minha alegria por saber que v. gostou dos "Lírios". Si puder escrever uma nota a respeito, é claro que ficarei muito satisfeito; mas si não puder, não se impressione. O essencial é isto: v. gostou.

Parabens pela incumbencia que recebeu do estado de S. Paulo. Coisas como essas é que trazem a vida da gente numa continua e agradável agitação, evitando-nos a rotina, a mesmice, a estagnação.

Silva receberá, como v. pede e é de justiça, ordem para prestar contas ao pessoal da BIC. Quanto ao primo do Rubem do Amaral, Henrique não deseja no momento firmar contrato, mesmo sem prazo para a publicação.

No que diz respeito ao nosso prezado Preston James, O.K. Está combinada a tradução. Peço-lhe me escreva dizendo:

- a) - Que quantia deseja o autor em pagamento dos direitos de tradução.
- b) - Quanto v. quer receber por página para traduzir "Outline of Geography".
- c) - Si podemos reproduzir as gravuras do livro sem perigo de complicação.

Isto feito, entraremos nos detalhes da edição. quanto ao prazo, dependerá da tradução e de uma oportunidade aqui. Está claro que o livro só poderá aparecer em 1939.

Aqui está fazendo um frio siberiano, seu Josué. as nossas casas são muito sem conforto. É o mesmo que morar na rua.

Lembra-me aos seus e receba um grande abraço de seu amigo e admirador

[Handwritten signature]

UNIVERSIDADE DO BRASIL

Em 19 de fevereiro de 1948

Prezado amigo Prof. Preston James,

Há muito que queria lhe escrever mas infelizmente não sabia seu endereço atual. Foi pois com enorme satisfação que recebi seu cartão de Boas Festas, que me possibilitou voltar a tomar contacto e renovar nossa velha amizade.

Antes de tudo desejo retribuir, embora com atraso, os votos de felicidades e prosperidade para 1948, os quais faço extensivos a todos os seus.

Aproveito a oportunidade para enviar-lhe por via marítima um volume da 2a. edição do meu livro "GEOGRAFIA DA FOIES" que deve conter alguma coisa de seu interesse.

Mando-lhe também um pequeno trabalho só re a cidade do Recife, recentemente publicado. Anotei o seu endereço para envio das publicações periódicas do Instituto de Nutrição, em cuja direção me encontro atualmente.

Como estou dividindo também o Departamento de Geografia da Universidade do Brasil, venho convidá-lo, caso seja do seu interesse voltar ao Brasil por alguns meses, para dar um curso sobre qualquer problema da Geografia a sua escolha, o que poderia ser programado para o corrente ou para o próximo ano.

Com a velha amizade e um cordial abraço de

Prof. Josué de Castro
Diretor

Observe-se que na primeira carta Deffontaines acusa o recebimento de *A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana* ao mesmo tempo em que ressalta o pioneirismo de Josué nos estudos sobre alimentação. Também discorre sobre um levantamento bibliográfico que realizará através da Universidade de Lille, onde pretende evidenciar esta face do colega brasileiro. Ruellan, por sua vez, trata de contatos de natureza política e subjetivamente, de uma distinção a Josué e, ainda, da sua vinda ao Brasil (Manaus) para trabalhar em colaboração com o Instituto de Pesquisas sobre a Amazônia.

O distanciamento de Josué no que concerne a comunidade geográfica brasileira, como referido a pouco, foi relativo e fez-se sentir mais fortemente em relação a AGB. Na FNF, onde foi chefe do Departamento de Geografia, conforme a Portaria 172 de 17 de dezembro de 1956 do Reitor Ignácio Azevedo do Amaral (*Doc. 21*) e compartilhou de um projeto acadêmico ao lado de Ruellan, Delgado de Carvalho e Victor Leuzingner entre outros.

Mesmo jamais tendo publicado na Revista Brasileira de Geografia e, bem pouco no Boletim Geográfico, mantivera um importante diálogo com os colegas do CNG (afora os estagiários, muitos dos quais eram ou foram seus alunos, na UDF ou na FNF) onde não raro, era convidado a participar das atividades desenvolvidas pelo órgão. Exemplo desse contexto são as muitas correspondências originadas do mesmo. Um ofício (*Doc. 22*), enviado pelo Secretário Geral, Christovam Leite de Castro, exemplifica esta realidade.

Ainda nesta perspectiva, relevante fora o diálogo estabelecido com os colegas que encontravam-se além do eixo Rio-São Paulo. Nesse sentido, Milton Santos é o exemplo mais significativo e consistente. As primeiras correspondências do mestre baiano a Josué datam dos anos 40, perdurando por toda a década subsequente. Na carta de 16 de outubro

Lisieux 15. 8. 37

Cher Monsieur le Professeur

Je vous reçois dans un fagendo de vacances votre volume sur l'alimentation bretonne. Merci cordialement de me l'avoir envoyé. Pour moi, les problèmes d'alimentation sont parmi les plus importants de la géographie humaine. Malheureusement il y a encore très peu d'études de géographie de l'alimentation. La votre est une des premières. Elle est nettement guidée par la lecture de la géographie humaine.

Je vous fais un compte rendu bibliographique très utile pour les géographes; il paraîtra dans la Revue de Géographie de Lille et il montrera l'intérêt de votre étude tout à fait neuve.

Comme entendu je vous adresserai aussitôt à paraître ou sera publié ce compte rendu.

Veuillez croire, mon cher collègue,
à mes sentiments très reconnaissants

Pierre Deffontaine
40 rue d'Alambert Lille

Rio de Janeiro, le 24 juin 1955.

Monsieur le Professeur
Josue de CASTRO
aux bons soins de
l'Ambassade du Brésil
Avenue Montaigne - PARIS



Mon cher Professeur et Ami,

Votre lettre du 2 juin a mis 22 jours pour me parvenir, ce qui est évidemment un record, si bien que je n'ai pu vous répondre à Rome, mais, puisque vous serez à Paris en juillet, je vous envoie cette lettre à l'Ambassade du Brésil, comme vous me l'avez demandé.

Notre Ambassadeur, Monsieur Hardion, est à Paris, encore probablement pour quelques jours et je me permets de vous suggérer de le voir, puisque c'est lui qui m'avait dit que l'inconvénient d'une fonction internationale ne lui paraissait pas un empêchement majeur. Vous avez fort bien fait d'en parler au Comte de Billy et je vous conseille de voir également notre ami Ronze que j'ai déjà mis au courant. J'ai parlé récemment au Charge d'Affaires de France, Monsieur Le Genissel, afin qu'il fût informé.

J'espère que nous aurons rapidement une solution qui me fera personnellement un très grand plaisir, car vous méritez largement cette distinction.

Je pars ce soir pour Manaus travailler en collaboration avec l'Institut de Recherches sur l'Amazonie. J'espère avoir le plaisir de rencontrer notre ami commun, Arthur Reis.

De ménage à ménage, recevez nos meilleures amitiés et notre très amical souvenir.



Francis Ruefflan

(Doc. 20)

Signification des principales notations essentielles
pouvant figurer au lieu de l'adresse

N° 102 103 104 105 106 107 108 109 110 111 112 113 114 115 116 117 118 119 120 121 122 123 124 125 126 127 128 129 130 131 132 133 134 135 136 137 138 139 140 141 142 143 144 145 146 147 148 149 150 151 152 153 154 155 156 157 158 159 160 161 162 163 164 165 166 167 168 169 170 171 172 173 174 175 176 177 178 179 180 181 182 183 184 185 186 187 188 189 190 191 192 193 194 195 196 197 198 199 200 201 202 203 204 205 206 207 208 209 210 211 212 213 214 215 216 217 218 219 220 221 222 223 224 225 226 227 228 229 230 231 232 233 234 235 236 237 238 239 240 241 242 243 244 245 246 247 248 249 250 251 252 253 254 255 256 257 258 259 260 261 262 263 264 265 266 267 268 269 270 271 272 273 274 275 276 277 278 279 280 281 282 283 284 285 286 287 288 289 290 291 292 293 294 295 296 297 298 299 300 301 302 303 304 305 306 307 308 309 310 311 312 313 314 315 316 317 318 319 320 321 322 323 324 325 326 327 328 329 330 331 332 333 334 335 336 337 338 339 340 341 342 343 344 345 346 347 348 349 350 351 352 353 354 355 356 357 358 359 360 361 362 363 364 365 366 367 368 369 370 371 372 373 374 375 376 377 378 379 380 381 382 383 384 385 386 387 388 389 390 391 392 393 394 395 396 397 398 399 400 401 402 403 404 405 406 407 408 409 410 411 412 413 414 415 416 417 418 419 420 421 422 423 424 425 426 427 428 429 430 431 432 433 434 435 436 437 438 439 440 441 442 443 444 445 446 447 448 449 450 451 452 453 454 455 456 457 458 459 460 461 462 463 464 465 466 467 468 469 470 471 472 473 474 475 476 477 478 479 480 481 482 483 484 485 486 487 488 489 490 491 492 493 494 495 496 497 498 499 500 501 502 503 504 505 506 507 508 509 510 511 512 513 514 515 516 517 518 519 520 521 522 523 524 525 526 527 528 529 530 531 532 533 534 535 536 537 538 539 540 541 542 543 544 545 546 547 548 549 550 551 552 553 554 555 556 557 558 559 560 561 562 563 564 565 566 567 568 569 570 571 572 573 574 575 576 577 578 579 580 581 582 583 584 585 586 587 588 589 590 591 592 593 594 595 596 597 598 599 600 601 602 603 604 605 606 607 608 609 610 611 612 613 614 615 616 617 618 619 620 621 622 623 624 625 626 627 628 629 630 631 632 633 634 635 636 637 638 639 640 641 642 643 644 645 646 647 648 649 650 651 652 653 654 655 656 657 658 659 660 661 662 663 664 665 666 667 668 669 670 671 672 673 674 675 676 677 678 679 680 681 682 683 684 685 686 687 688 689 690 691 692 693 694 695 696 697 698 699 700 701 702 703 704 705 706 707 708 709 710 711 712 713 714 715 716 717 718 719 720 721 722 723 724 725 726 727 728 729 730 731 732 733 734 735 736 737 738 739 740 741 742 743 744 745 746 747 748 749 750 751 752 753 754 755 756 757 758 759 760 761 762 763 764 765 766 767 768 769 770 771 772 773 774 775 776 777 778 779 780 781 782 783 784 785 786 787 788 789 790 791 792 793 794 795 796 797 798 799 800 801 802 803 804 805 806 807 808 809 810 811 812 813 814 815 816 817 818 819 820 821 822 823 824 825 826 827 828 829 830 831 832 833 834 835 836 837 838 839 840 841 842 843 844 845 846 847 848 849 850 851 852 853 854 855 856 857 858 859 860 861 862 863 864 865 866 867 868 869 870 871 872 873 874 875 876 877 878 879 880 881 882 883 884 885 886 887 888 889 890 891 892 893 894 895 896 897 898 899 900 901 902 903 904 905 906 907 908 909 910 911 912 913 914 915 916 917 918 919 920 921 922 923 924 925 926 927 928 929 930 931 932 933 934 935 936 937 938 939 940 941 942 943 944 945 946 947 948 949 950 951 952 953 954 955 956 957 958 959 960 961 962 963 964 965 966 967 968 969 970 971 972 973 974 975 976 977 978 979 980 981 982 983 984 985 986 987 988 989 990 991 992 993 994 995 996 997 998 999 1000	101 102 103 104 105 106 107 108 109 110 111 112 113 114 115 116 117 118 119 120 121 122 123 124 125 126 127 128 129 130 131 132 133 134 135 136 137 138 139 140 141 142 143 144 145 146 147 148 149 150 151 152 153 154 155 156 157 158 159 160 161 162 163 164 165 166 167 168 169 170 171 172 173 174 175 176 177 178 179 180 181 182 183 184 185 186 187 188 189 190 191 192 193 194 195 196 197 198 199 200 201 202 203 204 205 206 207 208 209 210 211 212 213 214 215 216 217 218 219 220 221 222 223 224 225 226 227 228 229 230 231 232 233 234 235 236 237 238 239 240 241 242 243 244 245 246 247 248 249 250 251 252 253 254 255 256 257 258 259 260 261 262 263 264 265 266 267 268 269 270 271 272 273 274 275 276 277 278 279 280 281 282 283 284 285 286 287 288 289 290 291 292 293 294 295 296 297 298 299 300 301 302 303 304 305 306 307 308 309 310 311 312 313 314 315 316 317 318 319 320 321 322 323 324 325 326 327 328 329 330 331 332 333 334 335 336 337 338 339 340 341 342 343 344 345 346 347 348 349 350 351 352 353 354 355 356 357 358 359 360 361 362 363 364 365 366 367 368 369 370 371 372 373 374 375 376 377 378 379 380 381 382 383 384 385 386 387 388 389 390 391 392 393 394 395 396 397 398 399 400 401 402 403 404 405 406 407 408 409 410 411 412 413 414 415 416 417 418 419 420 421 422 423 424 425 426 427 428 429 430 431 432 433 434 435 436 437 438 439 440 441 442 443 444 445 446 447 448 449 450 451 452 453 454 455 456 457 458 459 460 461 462 463 464 465 466 467 468 469 470 471 472 473 474 475 476 477 478 479 480 481 482 483 484 485 486 487 488 489 490 491 492 493 494 495 496 497 498 499 500 501 502 503 504 505 506 507 508 509 510 511 512 513 514 515 516 517 518 519 520 521 522 523 524 525 526 527 528 529 530 531 532 533 534 535 536 537 538 539 540 541 542 543 544 545 546 547 548 549 550 551 552 553 554 555 556 557 558 559 560 561 56
---	--

UNIVERSIDADE DO BRASIL

PORTARIA N° 172

O Reitor da Universidade do Brasil, usando de atribuição de sua competência, ex-vi do artigo 22, alínea i, do Estatuto da Universidade, aprovado pelo decreto n° 21.321, de 18 de junho de 1946,

Resolve, nos termos do artigo 60 do mesmo Estatuto, designar o professor catedrático da Faculdade Nacional de Filosofia, JOSÉ APOLÔNIO DE CASTRO, para responder pelo Expediente do Departamento de Geografia da mesma Faculdade.

Reitoria da Universidade do Brasil, 17 de dezembro de 1946.

Dr. Ignacio M. Azevedo do Amaral

Reitor



INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA

SECRETARIA GERAL

RIO DE JANEIRO, D.F.

em 4 de junho de 1946.

R/9187

I.P.G.E.
Reunião Caracas.

Ex.^{to} Senhor:

Solicito, encarecidamente, o comparecimento de V. Ex.^a à reunião de geógrafos, que este Conselho deliberou realizar, na sua sede, no dia 6 de corrente, quinta-feira próxima, a fim de se examinar a participação cultural do Brasil na IV Assembleia do Instituto Panamericano de Geografia e História, a realizar-se em Caracas, em agosto vindouro.

2. Em anexo, encaminho a V. Ex.^a exemplar do programa e tomário daquele certame, assim como cópia da Resolução n. 139, que determina a participação do Brasil no mesmo.

Certo de que a solicitação marcará atendimento, apresento agradecimentos antecipados de por aqui os meus protestos de elevado apreço.

Christovam Joffe de Castro
Christovam Joffe de Castro,
Secretário-Geral.

À Ex.^{ta} Sr.
Prof. Josué de Castro.
Rua Ararajó Porto Alegre, 90.
R E S T A.

rs/607.

Norme
Milton Santos → Am. Chile 31.
16 de outubro de 1954

Eminente mestre e querido amigo
Prof. Josué de Castro.

Devo, inicialmente, felicitar-lo e ao
Brasil, pela sua eleição, por Pernambuco,
para a Câmara Federal.

Em seguida, quero referir-me à
sua carta de 30 de abril, respondendo-me
uma outra de 3 de dezembro passado.
Reservei-me para dar-lhe muitas
notícias pessoalmente em julho,
quando estive no Rio, não logran-
do, infelizmente, avistar-me consigo.
Levo, nessa ocasião, um convite
do Instituto de Geopolítica (seccão

da Bahia, para que o illustre mestre
viesse fazer uma ou mais conferencias
na Bahia. Este convite faço-o, agora.
Junto a isso o interesse com que
o prezado amigo seria (ou será)
ouvido na Faculdade Catolica de
Filosofia da Bahia, onde sou o
professor de Geografia Humana.

Alis, suas conferencias teriam um
grande publico, na Bahia, onde
o seu nome é merecidamente
prestigiado.

- Credito que valeria a pena
de um sacrificio seu esse contacto
pessoal. Existindo embora para
que aceite o nosso convite,

deixo a sua decisão a aceitar,
pedindo-lhe, no caso afirmativo, a
gentileza de informar a data
preferida e demais condições.

Junto a esta vai um exemplar
da minha tese de concurso e
uma monografia sobre "Ilhaítuba".

Peco recomendar-me à sua assistente
prof.^a Lucy, a quem, também, re-
comendo os meus trabalhos.

Seu amigo, discípulo e
admirador

Milton Santos

Arestides Atílio, 20- apt.^o 36
Salvador - Bahia

de 1954 (*Doc. 23*) Santos deixa transparecer naturalmente a admiração, o respeito e a amizade que nutria por Josué, a propósito dos temas e a forma como são expostos na mesma.

Outras correspondências de expressivos nomes da geografia no Brasil poderiam ser acrescentadas a de Santos a fim de revelar a dimensão do ciclo de afinidade de Josué no contexto da disciplina, contudo, optou-se por mostrar apenas as que se inserem dentro do recorte temporal estabelecido para estudo. Entretanto, o elenco ora mostrado, acrescido dos documentos (ofícios, portaria) clarificam a importância do autor na trajetória da geografia brasileira desde os primeiros tempos da sua institucionalização⁴⁹, confirmando o pensamento de Andrade (1986: 12) segundo o qual, "Josué juntamente com Caio Prado Júnior e Delgado de Carvalho, podem ser considerados os fundadores da geografia científica no Brasil pelos rumos que deram à evolução do conhecimento geográfico no país".

⁴⁹ Segundo Linhares, "numa época em que não havia a noção de uma carreira universitária e, para a universidade, assumir as cátedras iam os grandes intelectuais" (Em entrevista concedida a Antônio Alfredo Teles de Carvalho. Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1999).

3.2.5- O Ativista Josué de Castro



(Foto 7) Josué de Castro recebendo o Prêmio Internacional da Paz em Helsinque – 1954.

Os princípios humanistas que conferem um caráter emblemático ao pensamento de Josué de Castro também denotam um ativista⁵⁰ que transcendeu as esferas acadêmica e científica à humana e, desempenhara uma importante função nos movimentos pacifistas e em prol dos direitos humanos à luz da questão alimentar. Para ele

“os homens de ciência, intelectuais e pensadores devem tomar a iniciativa de pôr a cultura, a ciência e a técnica a serviço da libertação da escravidão humana (...) É um dever do intelectual procurar superar a enorme distância que separa os progressos materiais da ciência do progresso moral da humanidade (...) É preciso que nos esforcemos pra pôr a ciência a serviço do homem, a serviço do bem estar social das grandes massas humanas”⁵¹.

⁵⁰ Perpassa a esfera deste trabalho uma análise sistemática e minuciosa do ativismo de Josué de Castro, ou mesmo estabelecer correlações entre este e os movimentos e agendas atuais. Aqui, objetiva-se apenas, resgatar os aspectos mais significativos dessa perspectiva.

⁵¹ In: ***Coexistência Política e Paz***. Discurso pronunciado por Josué de Castro ao receber o Prêmio Internacional da Paz. Helsinque, 1954. 5 p.

Este trecho, extraído do discurso proferido ao receber o Prêmio Internacional da Paz, em solenidade realizada na capital finlandesa em 1954, sintetiza bem as preocupações do autor em face à realidade configurada, consequência óbvia da ordem mundial instituída nos meados do século XX. Outrossim, não se furta de mostrar que tanto “a ciência quanto a técnica ocidentais, decerto, envaidecidas com suas brilhantes conquistas (...) não se sentiam à vontade para confessar abertamente o seu quase absoluto fracasso em melhorar as condições das massas esfomeadas” (1968: 50). Nesse sentido, em parte, atribuía à universidade a função de reverter tal situação, partindo do princípio que as suas funções básicas, essencialmente, reduz-se a reumanização do homem e, que assim sendo

“mais do que uma oficina de sábios, o que a universidade dever ser é uma fábrica de homens capacitados a promover a fusão dos seus valores individuais mais significativos, com as aspirações mais profundas da sociedade de que participam. De homens aptos a resolver a crítica circunstância da convivência do homem com o próprio homem” (1948: 11)⁵².

Essas e muitas outras preocupações do ativista apresentam-se sistematizadas sobretudo em *Geopolítica da Fome*, “um extenso requisitório, apaixonante e apaixonado, contra essas doutrinas que humilham a humanidade” segundo Max Sorre (Op. Cit: 244) e onde Josué contesta e denuncia a dominação do homem pelo homem a propósito de um libelo contra os efeitos nefastos do colonialismo e do imperialismo, mesmo enaltecendo a capacidade do homem de fazer do planeta terra, uma terra de homens⁵³.

Assim, faz alusão desde as regiões famintas do Brasil, particularmente do Nordeste semi-árido, denunciando o que posteriormente ficaria conhecido por indústria da seca⁵⁴,

⁵² In: *A Função Social das Universidades*. Discurso proferido por Josué de Castro, na sua posse na Cadeira de Geografia Humana da Faculdade Nacional de Filosofia em 14 de julho de 1948. Rio de Janeiro: Sauer, 1948.

⁵³ Segundo Josué, “talvez esta excessiva força dominadora da espécie humana que permitiu ao homem conquistar e pôr a seu serviço todos os recursos e potencialidades do mundo, tenha cegado um pouco esta espécie, dando-lhe um sentimento de orgulho destemido e tendo conduzido certos homens a tentar conquistar não somente a terra mas também os homens” (Op. Cit: 2).

⁵⁴ “Não nego a existência da seca(...)Nego que seja ela a causa do fenômeno da fome no Nordeste, porque a seca é uma causa secundária, subsidiária, que apenas agrava o estado de coisas reinantes, determinadas por outras causas, mais sociais que naturais...” (Josué *apud* Ludermit, 1983: 69).

aos bolsões de miséria da África, Ásia, América Latina e também, da Europa e da América Inglesa.

Ademais, ao evocar temas como paz e justiça social, ele ignora e contrapõe-se aos sofismas estabelecidos, elucidando os processos de decadência humanos, ao mesmo tempo em que aponta alternativas condizentes com as particularidades regionais. Com propriedade, ressaltara o escritor francês Vercors (1954: 2)⁵⁵.

"os grandes progressos da humanidade se realizaram sempre de idêntica maneira: pondo-se em dúvida o que parecia estabelecido de maneira definitiva. Isto constitui uma operação de inteligência, que exige uma força de caráter invulgar (...) Aqueles que ousam se contrapor aos conhecimentos preestabelecidos para tudo fazer de novo se chamam Pasteur ou Einstein, Mitchourine ou Josué de Castro".

Congruente com estes princípios, ao mesmo tempo em que aponta a escravidão do homem pelo homem como desencadeadora das tensões e conflitos sociais, Josué idealiza e trilha pelos meandros da vislumbrada reumanização desse mesmo ser, assinalando uma única opção para atingir esta meta frente os dois caminhos que se abrem:

*"o caminho do pão e o caminho da bomba atômica (...) Eu simbolizo pelo caminho do pão, o caminho da justiça social para dar pão a todos os que têm fome, convidando para o banquete da terra 2/3 que até hoje permaneceram fora da mesa, recebendo apenas nos intervalos algumas migalhas. É preciso que nosso mundo nos pertença verdadeiramente. Creio que já passou o tempo em que os povos miseráveis se conformavam segundo a frase das Escrituras Sagradas de que aos pobres pertence o reino dos céus. Devemos pensar que também aos pobres pertence o reino da terra, pois a terra é um bem comum para servir a todos os homens. Se não trabalhamos com energia para nos desviarmos do caminho da bomba, do caminho da perdição, seremos expulsos da terra. E aqueles que perderam o reino dos céus, perderão também o reino da terra"*⁵⁶.

⁵⁵ Em seu discurso de saudação a Josué de Castro na cerimônia de entrega do Prêmio Internacional da Paz. Helsinque, 1954.

⁵⁶ In: *Aos Pobres Pertence o Reino da Terra*. Discurso proferido ao presidir a sessão dedicada ao estudo das armas atômicas no Conselho Mundial da Paz. Estocolmo, 1954. 7 p.

Tão proficiente fora a sua contribuição humanitária, que a partir dos anos 50 passara a constituir uma das cinco personalidades mais significativas da humanidade. Sempre que a ONU articulava algo de importante para o gênero humano, ele compunha com Lord Boyd Orr e Bertrand Russel um grupo de três dessas personalidades que eram consideradas indispensáveis (Ribeiro, 1995)⁵⁷.

O reconhecimento dessa contribuição também reflete-se nos prêmios, a exemplo do já aludido Prêmio Internacional da Paz para o qual fora eleito unanimemente, condecorações e títulos. Foi designado *Cidadão do Mundo* pelo Le Monde, que ao eleger outros iguais eminentes cidadãos conferiu-lhe o Passaporte Número 18 da Cidadania Mundial, enquanto a revista Planète (igualmente francesa), o distinguiu como *Homem Força do Século XX*, afora outras distinções⁵⁸ que evidenciam a difusão do seu pensamento, denotando um 'otimismo dramático'⁵⁹, que busca na solidariedade e na justiça social as metamorfoses que no seu conceber resultariam no desenvolvimento integral do homem e, evidentemente, da sociedade.

⁵⁷ In: *Josué de Castro – cidadão do mundo*. Vídeo Documentário. Direção de Sílvio Tandler. Rio de Janeiro: Bárbaras Produções/Verj Vídeo, 1995.

⁵⁸ Em 1963, portanto posteriormente ao recorte temporal estabelecido para esse estudo, a Associação do Parlamento Mundial propôs o seu nome para o Prêmio Nobel da Paz, o que já fizera Pearl Buck dez anos antes. Entretanto, pouco se comente a propósito desta iniciativa da escritora norte-americana detentora do Prêmio Nobel de Literatura.

⁵⁹ Expressão utilizada por Menezes (Op. Cit: 143/144).

2.3- O Caráter Subversivo de seu Pensamento Interdisciplinar: um Homem sem Fronteiras.

Quando vislumbra o desenvolvimento integral à sua contemporaneidade e às gerações futuras, Josué de Castro evidencia o caráter 'subversivo' do seu pensamento, marcadamente interdisciplinar e multidimensional, paradoxalmente "a inadequação (...) mais ampla, profunda e grave entre os saberes separados, fragmentados, compartimentados entre disciplinas" (Morin, 2000:13) característica dos dias atuais.

Com efeito, uma das características mais salientes da sua obra é a priorização da inter-relação entre o biológico e social respaldada por um cabedal de disciplinas que estende-se da Fisiologia e da Nutrição à Geografia e a Sociologia, contemplando ainda a Antropologia, a Filosofia, a História, a Economia ou, 'a noção de Ecologia introduzida na análise da fome' (Magalhães, Op. Cit: 50).

É importante observar que nessa perspectiva a Medicina e/ou a Geografia desenvolvida por Josué em meados do século XX condiz com a idéia de ciência multidimensional difundida pelo pensador francês Edgar Morin em fins dos anos 90 do mesmo século. Qual seja, ciências que abarcam as diferentes escalas espaciais, de especificidades de conteúdos sistêmicos variáveis e de unidades de tempo variáveis, indo dos fenômenos naturais aos fenômenos econômicos e sociais (Op. Cit: 27)⁶⁰.

De modo amplo, essas considerações são condizentes com o que apregoa Josué em vários momentos no vasto conjunto da sua obra ao longo do interstício 1934-1956. Em *A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana*, por exemplo, contesta e critica

⁶⁰ Conforme Morin (Op. Cit: 27) " são ciências que não tem por fim um setor ou parcela, mas um sistema (Teoria Geral dos Sistemas formulada inicialmente por Ludwig Bertalanfy ao logo dos anos 50, segundo a qual um todo é maior que o conjunto das partes envolvendo desde objetos da Física, Química, Biologia, Sociologia, átomos, moléculas, células etc...) complexo que forma um todo organizado. Realizam o restabelecimento dos conjuntos construídos, a partir de interações, retroações, interretroações e constituem conjuntos complexos que se reorganizam por si próprios ao mesmo tempo que ressuscitam entidades naturais: o Universo (Cosmologia), a Terra (ciências da terra), a Natureza (Ecologia), a humanidade de uma forma geral (Op. Cit: 26/27).

os médicos fisiologistas, por se deixarem permanecer exageradamente restritos ao ambiente fechado dos laboratórios e conseqüentemente não ampliar seus conceitos até as fronteiras sociais do problema alimentar e suas derivações, ao mesmo tempo em que questiona os sociólogos, historiadores e culturalistas, que segundo ele, geralmente ignoram a fisiologia alimentar e as minúcias físico-químicas da nutrição (Op. Cit:25)⁶¹.

Reconhece-se, pois, em Josué, um mote da interdisciplinaridade, partindo do princípio que as suas análises acerca das questões fisiológicas, nutricionais, químicas, geográficas ou sociológicas, objetivam a interrelação entre as ciências médicas, naturais, exatas e sociais, consubstanciando uma abordagem mais completa das temáticas evocadas. Nesse sentido o alcance biossocial da questão alimentar mostrar-se-á mais profícuo à luz desta ótica que assim sendo clarificará as suas multifaces, ultrapassando pois, as fronteiras médico-biológicas para entrosar-se com o social, o político e o econômico.

O mesmo acontece na análise regional dentro do contexto geográfico, onde o autor perpassa os limites impostos pelo asseptismo vidalino⁶² para estabelecer a articulação do natural com o social através de múltiplos aspectos característicos de disciplinas distintas e classifica a Geografia como 'ciência mater' sobre as disciplinas filhas face à sua interferência como substrato de cultura, na reconstrução das imagens interpretativas do mundo que tenta se levantar (...) em substituição às concepções falidas da filosofia materialista no sentido tradicional da palavra⁶³ (Op. Cit: 546).

É oportuno ressaltar que estes exemplos a propósito da questão alimentar e da Geografia não deve entrementes obscurecer ou mesmo restringir a dimensão mais ampla

⁶¹ Nesse sentido, ressalta André Mayer: "Josué não é apenas um homem de laboratório – um conceituado fisiólogo. É também um geógrafo, um pesquisador, um historiador. E os resultados obtidos, através dos métodos de indagação de disciplinas tão diferentes foram por ele ordenados fisiologicamente". In: Prefácio de *Geografia da Fome*. 5 edição. São Paulo: Brasiliense, 1957, p. 16.

⁶² Segundo Moraes (1987: 66), "na verdade Vidal imprimiu no pensamento geográfico, o mito da ciência asséptica, propondo uma despolitização aparente do temário dessa disciplina. Este posicionamento, de acobertar o conteúdo político da ciência, originou-se do recuo do pensamento burguês (após a sedimentação dessa classe no poder) temeroso do potencial revolucionário do avanço das ciências do homem. Vidal reproduz esta dissociação do saber, que na verdade é uma forma de descompromete-lo com a prática social e de dissimular o seu conteúdo ideológico".

⁶³ Perceba-se, que nesta perspectiva, a noção de 'ciência mater' de Josué de Castro em muito se assemelha da concepção de 'ciência multidimensional' de Edgar Morin (Op. Cit.).

do pensamento castrino acerca da ciência que na sua perspectiva é uma só e cujo objetivo maior é o homem. Para Josué, abordar ou analisar uma questão apenas sob um ângulo consiste em caminhar a um ponto morto, semelhantemente ao que acontece com o médico que acreditando saber tudo de medicina, nem desta sabe. Decerto o seu diálogo filosófico com Ortega e Gasset⁶⁴, o fizera ver o quanto

"cada especialista da ciência agarra-se com unhas e dentes ao seu grão de poeira, virando-o e revirando-o sob a poderosa lente do seu microscópio, para penetrar-lhe o microcosmo, com pasmosa indiferença e maciça ignorância por tudo que se passa em derredor (...) responsável pela formação de novos bárbaros – homens cada vez mais sábios e cada vez mais incultos" (Ortega e Gasset apud Ludermitz, 1983: 65/66)

Na perspectiva do autor, resulta daí uma ciência multifária ou "hiperespecializada, que torna invisível o global por ela fragmentado em parcelas, ou ainda o essencial, que ela dilui", como prefere Morin (Op. Cit: 13), originando as fronteiras interdisciplinares que malogrosamente, reduzem uma ação mais ampla do homem na conquista do bem-estar humano e social. Ainda nesse sentido é significativo reafirmar que para Josué não se deve ser apenas um especialista⁶⁵ e, a título de exemplo lembra que para se saber medicina é preciso saber economia, sociologia, geopolítica, geografia etc. e, é imprescindível não olvidar que ciência não é sabedoria. A ciência é o conhecimento⁶⁶ e, como tal, compõe um todo a ser visto conjuntamente de forma compartilhada entre as múltiplas frações em que fora fragmentado.

⁶⁴ Refiro-me especificamente ao diálogo filosófico, não interpessoal. Em várias passagens dos seus escritos, Josué menciona o espanhol como aporte.

⁶⁵ E mais, é inadmissível que "o cientista permaneça dentro dos muros fechados do seu laboratório, preocupado com a sua especialidade, olhando o seu pequeno grão de areia, com indiferença total ao que se passa no mundo" (Op. Cit: 125).

⁶⁶ Enquanto a sabedoria, por sua vez, implica o conhecimento e o juízo.

Capítulo *3*

UM HOMEM DE MÚLTIPLAS CONTRIBUIÇÕES
REVISITADO EM SUAS IDÉIAS

3-1 Josué de Castro Revisitado pelos Estudiosos:

A multiplicidade temática contemplada por Josué de Castro, associada ao seu pioneirismo e as modalidades de abordagem quase sempre inovadoras, conferiu-lhe distinções como autor plural e/ou matriz à análise e compreensão de alguns espectros que ‘simbolizam’ a sua contemporaneidade e perduram até hoje.

Reveladores dessa evidência são os seus estudos acerca da fome e da nutrição, consumo, meio ambiente na perspectiva do desenvolvimento sustentável, ou da geografia social no Brasil, afora outros que o projetaram nas diversas plagas do mundo. Para reforçar esta afirmação apoiar-me-ei em Amado (Op. Cit: 347) que a propósito aludira:

“de Josué de Castro e sua obra de escritor e cientista (...) ouvi falar, tanto em Paris como em Moscou, tanto em Viena e Berlim quanto em Pequim e Ulan Bator, cidade encravada nas montanhas da Mongólia. Por toda a parte onde se lê e o trabalho da inteligência é respeitado e amado”.

Paradoxalmente, no Brasil pós-1964 Josué e sua obra caíram no ostracismo, só sendo resgatados ciclicamente a partir dos anos oitenta do século passado e, especialmente no decênio subsequente, mormente em decorrência de movimentos que se relacionam com o seu pensamento e a sua trajetória¹, ou em datas representativas no que concerne à obra².

Nesta perspectiva, pode-se afirmar que no país ainda são insignificantes, as tentativas de releitura da sua obra face ao que ela representa enquanto substrato do pensamento social brasileiro contemporâneo. Não obstante as circunstâncias político-

¹ Esta afirmação pode ser exemplificada pelos movimentos liderados por Betinho, Dom Hélder Câmara e Chico Science já aludidos no primeiro capítulo.

² Ressalte-se à guisa de exemplo, o significativo número de eventos (seminários, simpósios, mesas-redondas etc.) realizados em várias partes do país em comemoração ao cinquentenário da primeira edição de *Geografia da Fome* ao longo do ano de 1996.

sociais, alguns autores revisitaram as idéias de Josué de Castro possibilitando que fossem reveladas às novas gerações as bases e reflexões do seu pensamento plural.

Assim sendo, já é possível identificar-se atualmente no país, ainda que timidamente, uma rede de estudiosos e pesquisadores que tomaram Josué de Castro ou a sua obra como objeto de estudo³.

Em grande parte, esses estudos remetem à década de oitenta e, caracterizam-se, especialmente, pela natureza temática. Exceções são os trabalhos de Tobelem⁴ e de Taranto⁵, onde se tem uma visão mais abrangente do criador e da criação. Entrementes, foi ancorado na análise de natureza temática, que foram pesquisados nesta dissertação os dois temas mais recorrentes no contexto de revisitações do universo castrino: fome e nutrição. Esses temas foram analisados à luz da geografia (aglutinadora destes e de outros temas evocados por Josué) – essência primeira desta dissertação.

³ Os trabalhos relacionados no item a seguir revelam esta realidade.

⁴ TOBELEM, Alain. **Josué de Castro e a Descoberta da Fome**. Rio de Janeiro: Leitura, 1974. Provavelmente, este é o único livro sobre Josué de Castro publicado no Brasil nos anos setenta.

⁵ TARANTO, G. **Società ed Sottosviluppo nell'opera di Josué de Castro**. Cahiers Internationaux d'Histoire Economique et Sociale. Geneve: Librairie Droz, 1980.

3.1.1- Da Fome e da Nutrição

É decerto no campo da fome e da nutrição que se encontram os mais significativos trabalhos inspirados no pensamento e na obra de Josué de Castro. Com efeito, chega a constituir-se em imperativo aos investigadores da área tomar o autor em alguma perspectiva, como referência. Nesse sentido, destaca L'Abbate *apud* Magalhães (Op. Cit: 14):

"no Brasil, a política social e a produção de conhecimento técnico-Científico em alimentação e nutrição constituem processos estreitamente relacionados, que emergem num mesmo momento (...) tanto em relação ao saber como a prática política, o grupo de intelectuais da nutrição atua e se projeta por intermédio de Josué de Castro".

A citação de L'Abbate, afora afirmar o pensamento expresso *a priori*, agrega-se a outros pesquisadores a exemplo de Castro (1977), Silva (1979), Natal (1982), Coimbra (1982), Minayo (1985), Azoubel (1988) e mais recentemente, Magalhães (1997), que em diferentes perspectivas evidenciaram o pioneirismo e a importância do autor nas pesquisas acerca da erradicação da fome e no planeamento das políticas de alimentação. Assim, ao visitar Josué na construção da sua investigação, Natal *apud* Magalhães (Op. Cit: 13) conclui que o mesmo

"constitui a grande matriz para se pensar a problemática alimentar nutricional (...) publicou inúmeros trabalhos sobre o tema e tal era a força do seu pensamento-interpretação que acabou por se constituir no primeiro dirigente latino-americano da FAO no pós-guerra. Tal fato - indubitavelmente - atesta não só o peso do debate sobre o tema no Brasil como a respeitabilidade da interpretação do autor no Brasil e no mundo".

Na verdade, até os anos trinta, são poucos os escritos sobre a fome, a desnutrição, suas causas e o que delas dimanam. Portanto, com propriedade assinala Silva (1979: 14) que "até a Segunda Guerra Mundial pouca coisa se escreveu sobre desnutrição no Brasil. O

primeiro trabalho que utiliza procedimentos aparentemente mais apropriados, se bem que parcialmente explícitos, foi realizado por Josué de Castro”.

Com efeito, este quadro começa a alterar-se a partir de 1933 quando Josué publica *O Problema da Alimentação no Brasil*⁶ e, em seguida, *Alimentação e Raça*, *A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana*, *Fisiologia dos Tabus*, afora artigos e ensaios como *As Condições de Vida das Classes Operárias do Recife*, *Alimentazione ed Acclimazione Umana nei Tropici*, *La Scienza della Nutrizione e l'Autarchia Alimentare* e *Alimentação Racional*, todos no mesmo decênio, concomitantemente a militância e o início da atuação como técnico e planejador⁷, conforme se salientou precedentemente.

Na totalidade deste conjunto, à fome e a desnutrição já é conferido o status político e social⁸, malgrado as interpretações usuais à época em que essa produção fora concebida. Esta perspectiva foi incorporada por Azoubel que resgatou do autor a fundamentação da sua pesquisa sobre a fome à luz da ideologia capitalista. Afirma a mesma (1988:14):

“por não aceitarmos as razões apresentadas para justificar a fome, refutada, já, há várias décadas, com base em escritos como os de Josué de Castro, é que trabalharemos nas questões que a envolvem a fim de desmistificar sua existência apresentada como sendo ‘natural’ e não “produzida”, mas como sendo uma indústria para manutenção do poder político e econômico”.

Este aspecto também é significativamente explorado por Magalhães (Op. Cit.) na sua releitura da fome a partir da perspectiva castrina. Respalçada nos autores ora

⁶ Este livro, publicado pela Companhia Editora Nacional foi reeditado mais duas vezes em 1934 e 1938 (2ª e 3ª edições respectivamente). Embora pouco lembrado, constitui um marco na trajetória de Josué, por tratar-se do primeiro da sua vasta bibliografia.

⁷ De acordo com Coimbra *apud* Magalhães (Op. Cit: 13) “Josué criou quase como uma obra pessoal um conjunto amplo de instituições de política de alimentação, sendo impossível compreendê-las sem referência a sua inspiração, suas idiossincrasias, seus potenciais e suas limitações”.

⁸ Mas ainda assim reconhecia que “a noção que se tem corretamente, do que seja a fome, é assim, uma noção bem incompleta. E este desconhecimento por parte das elites européias, da realidade social da fome no mundo e dos perigos que este fenômeno representa para a sua estabilidade social, constitui uma grave lacuna tanto para a análise dos conhecimentos políticos da sua atualidade, que se produzem em diversas regiões da terra, como no que se refere à atitude que os países da abundância deveriam ter face aos países subdesenvolvidos, permanentemente perseguidos pela penúria e pela miséria alimentar” <Disponível em: www.josuedecastro.com.br>.

mencionados (a exceção de Azoubel), a autora recupera a indissociabilidade existente entre a fome enquanto fenômeno biossocial e o pensamento de Josué, considerando o contexto histórico que propiciou (ou não) o seu desenvolvimento⁹, e a partir de então, a inserção da fome nas agendas públicas.

A nutróloga assinala ainda, as continuidades e as discontinuidades subjacentes ao pensamento do autor, analisando trabalhos por ela considerados como redefinidores no que tange à temática em questão. Nesse sentido discorre as suas conclusões ancoradas em *Alimentação e Raça*, *A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana*, *Fisiologia dos Tabus*, *As Condições de Vida das Classes Operárias do Recife*, mais *Geografia da Fome* e *Geopolítica da Fome*, entre outros.

Ainda nesta mesma perspectiva, é importante destacar os trabalhos de Castro e de Minayo. No primeiro, uma tese de livre docência¹⁰, a autora à luz de uma releitura de dois dos temas centrais da obra de Josué, desenvolvimento e nutrição, reconstitui a pré-história da nutrição brasileira e sistematiza uma análise interdisciplinar do problema alimentar no país a partir das políticas de alimentação, tomando por referência a criação do Serviço de Alimentação da Previdência Social – SAPS, pelo Decreto-Lei 2478 de 5 de agosto de 1940, destacando ademais, as políticas paralelas de alimentação desempenhadas por órgãos como a Sociedade Brasileira de Alimentação, o Serviço Técnico de Alimentação e a Comissão Nacional de Alimentação, afora outros.

No segundo, uma coletânea¹¹ resultante de um simpósio realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, alusivo ao 10º aniversário da morte de Josué, cientistas sociais de diversas áreas envolvidos de alguma forma com a questão alimentar-nutricional revisitam o autor através de diferentes vertentes analíticas tomando como referência à

⁹ Para a pesquisadora “é importante entender a relação do texto com o momento histórico, que não se coloca mecanicamente. A obra não é reflexo das condições sociais em que é produzida, tampouco uma expressão absolutamente autônoma. A obra interage com a realidade em um processo dinâmico e contraditório em que se desenvolvem lutas, confrontos, resistências” (Op. Cit: 10).

¹⁰ CASTRO, Anna Maria de. **Nutrição e Desenvolvimento – Análise de uma Política**. Tese (Livre Docência em Sociologia). Instituto de Nutrição – Centro de Ciências da Saúde – UFRJ. Rio de Janeiro, 1977.

¹¹ MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.) **Raízes da Fome**. Petrópolis: Vozes, 1985.

realidade que se configurava no país naquele momento, fazendo uma contraposição desta com o que preconizara o cientista décadas atrás. Muitas das idéias centrais do conjunto da sua obra são resgatadas nos textos que compõem o volume elucidando a sua contemporaneidade.

Nesse contexto, vale observar, que não constitui aqui, uma redundância, aludir que esta análise recorrente sobrepuja face ao fato de Josué ter tratado a fome científica e criticamente, ressaltando as suas conseqüências nefastas a despeito da abordagem literária prevalecente até o advento dos seus primeiros escritos, o que para ele consistia em um silêncio premeditado pela nossa formação cultural, que fundamentara os interesses e os tabus de ordem moral, política e econômica da civilização ocidental que tornaram este, um tema proibido, ou pelo menos pouco aconselhável de ser abordado publicamente por tratar-se de um instinto primário e, por isso, chocante para uma cultura racionalista que sobrepõe a razão aos instintos da conduta humana.

"Josué de Castro transforma-se, assim, em 'arauto evangelizador', em relação ao problema alimentar" (Coimbra *apud* Magalhães, Op. Cit: 33) no país, corroborando decisivamente com a implementação e asserção das políticas voltadas para o mesmo também no que tange a esfera estatal, constituindo-se, doravante, em matriz aos estudos e análises sobre a questão em diferentes escalas e perspectivas.

3.1.2- Da Geografia

Analogamente ao constatado no campo da fome e da nutrição, também na geografia Josué revelou-se um pioneiro, especialmente na análise dos aspectos sociais negligenciados pela escola vidalina. Com efeito, realça Valverde:

"o grande mérito de Josué de Castro foi a contribuição que ele trouxe para ressaltar a diferença nos problemas de nível de vida (...) entre as classes ricas e as classes pobres exploradas. E então ele Mostra como efetivamente há uma referência que só fez se acentuar de lá até hoje (...) Dá ênfase aos problemas dos níveis de vida das populações ricas e das majorias pobres dentro do país e do mundo em seu conjunto, como acontece até hoje, que é a base do problema social"¹².

Esta contribuição ressaltada por um eminente geógrafo brasileiro, justifica a importância atribuída a Josué na instituição de uma geografia social crítica no país por outros autores a exemplo de Santos ou de Moraes que o vêem como referência ao entendimento das metamorfoses efetuadas no contexto geográfico brasileiro décadas mais tarde. Para o primeiro, "Josué foi um grande pioneiro dentro de sua disciplina de eleição: a Geografia Humana. Mas foi também alguém que inovou na análise dos fenômenos sociais então pouco ou nada estudados" (Op. Cit: 29); por sua vez, o segundo, destaca que a "Geografia da Fome abriu aos geógrafos novos horizontes, ao apontar uma perspectiva de engajamento social, de atuação crítica" (Op. Cit: 119)¹³.

É oportuno rememorar que a geografia clássica de inspiração vidalina¹⁴ predominante no país neste período, não comportava este tipo de abordagem, explicando parcialmente a restrita divulgação da obra de Castro, inclusive entre os demais Geógrafos

¹² Em entrevista concedida a Antônio Alfredo Teles de Carvalho. Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1999.

¹³ Ainda, segundo Moraes (Op. Cit: 118) este livro, (juntamente com *Geografia do Subdesenvolvimento*, de Yves Lacoste), "mesmo não ultrapassando a esfera da proposta regional (...) apresentava realidades tão contraditórias, que sua simples descrição adquiria uma força considerável de denúncia, fazendo da geografia um instrumento de ação política".

¹⁴ Igualmente oportuno, é rememorar que Josué era adepto dessa escola, entretanto assumira uma postura independente que lhe permitiu desenvolver seus trabalhos à luz da análise regional incorporando o social.

contemporâneos e sucedâneos, tornando-o até os dias atuais 'um desconhecido' a despeito do que adverte Andrade *apud* Carvalho (Op. Cit: 4) quando assegura que "no momento em que vivemos, em que se tem dificuldade de distinguir o nacional do internacional, ante o processo, em marcha, da chamada 'globalização', o seu pensamento ganha importância". Não por acaso, é nos seus trabalhos que se encontra expressivo volume de informações¹⁵ sobre Josué de Castro, sempre enfatizando o seu pioneirismo no tratamento das questões sociais na geografia, o seu legado e a atualidade do seu pensamento.

Acrescente-se, ademais, que a geografia há muito se ressentia de respaldo teórico que lhe enseje participar mais ativamente nos constantes debates que buscam o entendimento da realidade (Silva, 1992:13) e, nesse sentido, a releitura de Josué de Castro chega a ser fundamental.

Para fins de análise, a partir da bibliografia levantada, a sucinta releitura da obra castrina no contexto geográfico brasileiro pode ser analisada à luz de três matrizes e suas dimensões referentes a(os):

- fome e a nutrição;
- história do pensamento geográfico social brasileiro;
- estudos da geografia urbana brasileira.

A totalidade composta pelos trabalhos subjacentes a estas perspectivas ainda que não contemplando a inteireza do universo temático evocado pelo geógrafo, mesmo o subdesenvolvimento¹⁶, muito associado ao conjunto da sua obra, permite uma visão ampla

¹⁵ É oportuno lembrar que Santos (mesmo não escrevendo sobre Josué, como fizera Andrade em mais de uma oportunidade, afora as constantes referências) através das suas entrevistas e depoimentos em jornais e/ou revistas sempre destacou a importância e o pioneirismo de Josué dentro da geografia brasileira. A guisa de exemplo veja-se as entrevistas publicadas nas revistas CAROS AMIGOS. **Entrevista Explosiva: Mestre Milton.** Agosto de 1998 e GEOSUL. **Entrevista com o Professor Milton Santos.** n. 12/13, ano VI, 2 sem. de 1991 e 1 sem. de 1992. Florianópolis: Edufsc, 1992.

¹⁶ Entretanto, é importante registrar que Yves Lacoste utilizara-se da obra do geógrafo brasileiro, especialmente *Geopolítica da Fome* a fundamentação da sua *Geografia do Subdesenvolvimento*, o que já fizera antes em *Os Países Subdesenvolvidos*. No caso brasileiro, Horieste Gomes no artigo *A Geografia e as Suas Implicações no Subdesenvolvimento do Terceiro Mundo*, destaca a contribuição de Josué na denúncia dos níveis de empobrecimento, notadamente alimentar, a que chegaram os povos submetidos ao sistema colonialista/imperialista. In: **Boletim Paulista de Geografia.** n 59. São Paulo: AGB, 1982. p. 43-58.

e a curadora do seu pensamento e, conseqüentemente, da geografia por ele ensinada. Acrescente-se que esta geografia que certamente perpassou o que vislumbroua o autor, especialmente com o advento do paradigma crítico, também eludiu-se de questões como a fome, que tem se constituído em um dos mais insistentes flagelos sociais desde os tempos mais longínquos.

Decerto, deriva daí a pouca incursão aos matizes castrinos acerca da fome e da nutrição, notabilizada no reduzido grupo de geógrafos brasileiros a ocupar-se com o tema. Contudo, nos anos 90 vem à luz alguns trabalhos que se não são suficientes ao preenchimento desta lacuna, despertam a necessidade de revisitar Josué e retomar a sua análise. Nesse sentido, ressalta Souza (1993: 4) que

"tentar estudar a fome (...) e poder compartilhar das angústias de Josué de Castro, é percorrer os caminhos da compreensão do que seja a globalização e seus efeitos perversos: o mercado e a banalização da comida, a escassez, a abundância. É ver o mundo num evoluir desigual e combinado. É ter de admitir, tristemente, que dadas às profundas características culturais que impregnam o processo de globalização, nesta caminhada, nós os cientistas sociais e intelectuais dos países pobres estaremos sós. Pois esta é a característica do nosso LUGAR".

Percebe-se que no período técnico-científico informacional, a técnica, igualmente ao que denunciou Josué décadas atrás, não tem ética e, continua a ser utilizada mais contra que a favor dos povos pobres, visando unicamente produzir o máximo de vantagens e lucros aos grupos da economia dominante.

Instigada por esse processo, a autora lança mão de uma releitura de *Geografia da Fome* e impressiona-se com o geógrafo: *difícil superar a genialidade de Josué de Castro. E muito menos as suas angústias* (Op. Cit: 2). Souza mostra ainda, a partir dessa releitura que no mundo atual a fome consiste em um efeito perverso e insistente da globalização e da qual emanam as geografias das desigualdades que segundo ela

"são produtos do processo de apropriação desigual do valor (valor). de uso e valor de troca). A comida é valor de uso para milhares de seres humanos que habitam a face da terra e valor de troca para uma minoria, que nos mercados mundiais lidam com as leis da abundância e da escassez, no processo de acumulação capitalista. Portanto, a teoria do valor é um importante elemento para a explicação do problema da fome e das geografias das desigualdades, as geografias do capitalismo (1994: 30)".

Respalhada por este contexto, a autora sistematiza uma crítica ao processo de globalização, enfatizando sobretudo as suas consequências nefastas, finalizando por destacar que, *lamentavelmente os desígnios de Josué de Castro, na sua magistral obra Geografia da Fome, permanece intocado* (Op. Cit: 3).

Distintamente da análise realizada por Souza, centrada na contemporaneidade, Marchi (1988) transportou-se aos meados do século passado a fim de recuperar a análise de Josué de Castro quanto à fome e a produção de alimentos nas décadas de 40 e 50.

No seu trabalho¹⁷, o autor discorre sobre a biografia do 'geógrafo da fome' e traz à tona impressões deste a propósito da questão fundiária no Nordeste brasileiro a partir de *Geografia da Fome*, para em seguida destacar que o trabalho empreendido pelo mesmo é pela reforma agrária, onde observa "que a proposta de Josué de Castro é pela modernização do campo, nos moldes dos países industrializados europeus e norte-americanos, que fizeram acompanhar o seu processo de industrialização, de uma reforma do campo e de uma alteração da estrutura de poder da terra" (Op. Cit: 40).

Assim, mostra a sua compreensão acerca do modelo de desenvolvimento brasileiro idealizado por Josué, simultaneamente ao resgate da sua trajetória política. Ademais, é oportuno observar que para Marchi, *Geopolítica da Fome* consiste em um divisor de águas no pensamento de Josué, pois "é a partir deste trabalho que a fome e a produção de alimentos passam a ser analisados com maior amplitude".

¹⁷ MARCHI, Dorival Donizeti. **O Pensamento Geográfico de Josué de Castro nas Décadas de 40 e 50: a fome e a produção de alimentos.** Monografia (Especialização no Setor de Desenvolvimento Rural) Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1998.

Em *A Fome e as Duas Faces do Estado do Ceará*¹⁸, Sampaio (1999) ancorado no pensamento de Josué e na sua contribuição nos estudos sobre a fome, aviva a relevância da sua obra:

"constatamos que sua obra deixou significativo legado político e econômico, ora aplicado pelas instituições internacionais (ONU, BIRD, BID, FMI, OMS, FAO, UNESCO, UNICEF, etc) responsáveis pelas propostas de planejamento planetário para construir e reconstruir territórios. Josué propôs mudanças nas estruturas dominantes, via terra, educação, saúde, meio ambiente e solidariedade entre os homens".

Na esteira dessa herança, o geógrafo trilha os processos geopolíticos que envolvem o espectro da fome no Ceará, aplicando ao seu trabalho conceitos e classificações instituídos por Josué, 'recriando'¹⁹ a classificação da fome em endêmica e epidêmica, desenvolvida pelo autor nos anos 40.

Esse sistema de referências construído por Josué de Castro que inspirou trabalhos similares ao de Sampaio, alumando e antecipando inferências de diferentes focos de realidade conferiu a Josué de Castro a designação de 'visionário', 'profeta' ou, 'místico' como preferem Mançano e Gonçalves em recente trabalho de resgate do autor²⁰. Segundo estes geógrafos, as idéias castrinas são místicas por simbolizar e alimentar as lutas sociais no país.

Quanto a segunda matriz apontada, pode-se afirmar que se trata de um campo fértil e igualmente vasto a ser explorado, pois mesmo reconhecendo a dimensão do significado de Josué de Castro à geografia brasileira institucionalizada aqueles que se dedicam ou, discorreram sobre a história da disciplina no país, ainda não lhe dispensaram

¹⁸ SAMPAIO, José Levi F. *A fome e as Duas Faces do Estado do Ceará*. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Geografia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. São Paulo, 1999.

¹⁹ Para Sampaio, a fome epidêmica (ou simplesmente fome, até a classificação estabelecida por Josué), deriva das catástrofes naturais, de lutas políticas por territórios. Por isso ocorre rapidamente. A fome epidêmica, ou subalimentação, é duradoura, tornando os territórios desenergizados, fragilizados com relação a força de trabalho.

²⁰ MANÇANO, Bernardo, GONÇALVES, Carlos W. P. *Josué de Castro – vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular, 2000. Trata-se de uma coletânea de texto de autoria de Josué já publicados anteriormente, precedida de uma biografia escrita pela historiadora Yedda Linhares e dois textos inéditos. Um de João Pedro Stedile e outro dos organizadores, respectivamente.

uma análise condizente com a sua importância²¹. Com frequência as referências ao autor consistem em breves citações a propósito desta perspectiva.

Nesse sentido, aparecem *Dias (Op. Cit: 197)* que na sua reconstituição histórica do pensamento geográfico brasileiro, destaca a originalidade do autor; *Santos (Op. Cit: 23)* aludindo o vanguardismo da sua interpretação não conformista e o conteúdo social da sua obra; *Monteiro (Op. Cit: 14/41/133)* apontando o reconhecimento logrado por Josué no exterior em função do tratamento dispensado aos problemas terceiro-mundistas, a despeito da indiferença conhecida no Brasil ou ainda, a influência recebida de Preston James; *Geiger (Op. Cit: 376)* recuperando ligeiros aspectos biográficos ou ressaltando que o mesmo 'iria se transformar em personagem nacional e internacional, não pelo conteúdo científico de seu texto, mas pelo significado político, e científico, da escolha do tema, da geografia da fome, colocando a disciplina no campo social e sobretudo, *Andrade*, que em vários trabalhos chama a atenção para a importância de Josué na formação do pensamento geográfico nacional.

Nesta perspectiva, constituem exceções os trabalhos de Marchi (Op. Cit.), Anselmo e Bray (Op. Cit.) e mais uma vez Andrade (1996), que em biografia escrita para compor a reedição do livro de Castro²² em comemoração ao cinquentenário de *Geografia da Fome*, resgata e contextualiza a sua trajetória, destacando o geógrafo social implícito no intelectual e homem público que fora Josué. Na concepção de Andrade (Op. Cit: 286)

"analisando-se Josué de Castro, é necessário que se faça uma conexão de sua passagem pela vida, ligando-o ao tempo e ao espaço (...) O que o levou a refletir sobre o seu povo e o seu tempo, como procurou ligações, em escalas geográficas, entre o local, o nacional e o internacional e como projetou o seu pensamento tanto nos meios acadêmicos como na sociedade".

²¹ Ressalte-se, entretanto, que esta realidade não se restringe apenas a Josué. Com exceção daqueles relacionados no primeiro item do capítulo inicial deste trabalho, outros nomes não menos significantes à geografia brasileira a exemplo de Fernando Antonio Raja Gabaglia, Fábio de Macedo Soares Guimarães, Hilgard O'Reilly Sternberg, Speridião Faissol, Ary França, Nice Lecoc Müller, João Dias da Silveira, Pasquale Petrone, Mario Lacerda de Melo, Gilberto Osório de Andrade ou, mesmo os clássicos Pierre Deffontaines e Francis Ruellan ainda estão por ser estudados e discutidos.

²² CASTRO, Anna Maria de. **Fome, um Tema Proibido**: últimos escritos de Josué de Castro. 3 ed. Recife: CEPE, 1996.

Adotando esse procedimento, pôde o autor penetrar no universo castrino e defrontar-se com novas formas de entendimento das suas preocupações, da geografia trilhada²³, ou ainda as suas 'divergências' com o grupo de geógrafos brasileiros, que

"procurava apresentar a escola francesa como politicamente neutra, deixando as preocupações políticas e sociais para sociólogos e economistas, enquanto ele, tomando a fome como centro de suas preocupações, estendia seus enfoques aos aspectos étnicos, lingüísticos, religiosos e alimentares. Ao assumir estes aspectos, assumia também preocupações ecológicas" (Op. Cit: 294).

Com efeito, torna-se assim, 'necessário fazer uma reflexão desapassionada da sua vida e da sua obra, extraíndo delas os ensinamentos que conduzam ao futuro' sublinha Andrade (Op. Cit: 286).

As considerações sistematizadas por Andrade, de forma ampla, se fazem sentir na monografia de Marchi, assim como no ensaio de Anselmo & Bray²⁴, que objetivando elucidar a importância de Josué de Castro para a geografia brasileira, ainda discutem as influências teórico-metodológicas subjacentes a sua obra, o rompimento com a neutralidade científica e a projeção lograda à frente da sua temporalidade. É lícito acrescentar que a abordagem possibilista assumida pelo autor, em parte, é propulsora desses avanços freqüentemente associados ao seu pensamento e a sua obra. O paradigma possibilista também se apresenta como aporte à sua análise sobre a cidade, que no seu entender

"é sempre um produto das possibilidades geográficas e da capacidade de utilização das mesmas pelo grupo humano local e nela se refletem sempre as influências do meio natural e as influências do grupo cultural. Embora seja, como resultante um organismo artificial, a cidade é, ao mesmo tempo, uma expressão do natural e do humano: a mais complexa e grandiosa expressão material da ação do homem como fator geográfico" (1954: 26).

²³ De acordo com Andrade, "Josué foi, essencialmente um geógrafo, sempre salientou a importância do método geográfico, e a influência de pensadores da área para compreender a realidade com que convivia" (Op. Cit: 305).

²⁴ ANSELMO, Rita de Cássia M. de S., BRAY, Sílvio Carlos. **Josué de Castro e a Importância de sua Obra para a Geografia Nacional**. Rio Claro, 1998. 10 p.

Este trecho extraído da sua tese²⁵ à Cátedra de Geografia Humana da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil em 1948, ratifica o anteriormente colocado e, revela a sua habilidade na articulação entre o natural e o cultural. Este trabalho consiste também em um marco nos estudos sobre as cidades no país, o que confere ao autor a condição de matriz aos estudos da geografia urbana brasileira. Contudo, vale salientar que esta matriz pode apresentar-se sob duas perspectivas: a primeira corresponde aos estudos históricos da geografia urbana nacional e, a segunda, trata dos estudos sobre a cidade do Recife.

No primeiro caso, a referência à tese de Josué torna-se imprescindível e com frequência é ressaltada pelos estudiosos do tema. Com efeito, no seu livro *Dois Séculos do Pensamento Geográfico sobre a Cidade*, destaca Vasconcelos (1999: 217) que "Josué de Castro inicia a série de teses de geógrafos dedicados às grandes cidades brasileiras" no segundo pós-guerra quando tem início "o estudo de cidades brasileiras realizados por geógrafos nacionais" (Vasconcelos, 1997: 76). Assim, o Recife foi estudado por Josué "a partir de pesquisas realizadas no Brasil, em Portugal, França e Holanda, procurando relacionar os fatores fisiográficos, históricos e locacionais, e propondo o conceito moderno de "fabricação de paisagem urbana" (Vasconcelos, 1994: 67). Abreu (Op. Cit: 224) na sua avaliação a propósito da evolução do estudo geográfico da cidade no Brasil também não deixa de fazer referência ao trabalho do autor sobre o Recife, o que já fora destacado com mais ênfase por Azevedo (1994) na década de 50 no seu clássico ensaio de geografia urbana retrospectiva onde trata das vilas e cidades brasileiras do período colonial

Entretanto, é nos estudos específicos sobre o Recife, que Josué de Castro tende a ser mais revisitado pelos geógrafos. Os trabalhos levantados ilustram este fato, que em parte justifica-se pelo número de pesquisas desenvolvidas sobre a cidade. Assim, Costa²⁶, na primeira parte da sua dissertação busca a compreensão da formação do Recife dentro da sua

²⁵ **Fatores de Localização da Cidade do Recife** – um ensaio de geografia urbana. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1948. Esta tese foi reeditada em 1954 pela Casa do Estudante do Brasil com o título "A Cidade do Recife – ensaio de geografia urbana". O trecho ora citado foi extraído da edição de 1954.

²⁶ COSTA, Eda Maranhão P. **Expansão Urbana e Organização Espacial** – uma Área Litorânea na Região Metropolitana do Recife. Dissertação (Curso de Mestrado em Geografia) Centro de Filosofia e Ciências Humanas – UFPE. Recife, 1981.

Região Metropolitana no clássico de Josué, trilha esta perseguida por Barreto²⁷ para descrever a cidade a partir do período holandês, semelhante ao que fizera Andrade²⁸, que estudou a formação da aglomeração recifense e a influência holandesa nas metamorfoses urbanas ocorridas no período Maurício. Procedimento esse também inscrito no trabalho de Gomes²⁹ sobre as similaridades e reencontros de paisagens européias como Veneza e Amsterdã no Recife.

A evolução do espaço urbano da cidade também constituiu objeto de análise para Melo³⁰ que nesta perspectiva, evidenciou a sua ocupação por sobrados e mocambos, temas aprofundados por Bitoun (*apud Gomes*)³¹, Veras³² e Cavalcante³³ que buscaram em Josué aportes à explicação da diversidade de paisagens que formam a capital pernambucana e o seu processo histórico de ocupação humana e urbanização.

A totalidade destes aspectos são revistos e analisados por Gomes nos três primeiros capítulos que compõem o "Itinerário Intertextual nas Paisagens Históricas do Recife", segunda parte da sua tese de doutoramento³⁴.

A autora utiliza-se das noções de sítio e localização³⁵ descritos por Josué para explicar a formação e evolução das paisagens e os lugares contidos no espaço recifense dos seus primeiros tempos ao período da dominação holandesa.

²⁷ BARRETO, Ângela Maria M. **O Recife Através dos Tempos** – formação da sua paisagem. Dissertação (Curso de Mestrado em Geografia) Centro de Filosofia e Ciências Humanas – UFPE. Recife, 1990.

²⁸ ANDRADE, Manuel Correia de. **Recife: problemática de uma metrópole de região subdesenvolvida**. Recife: Universitária, 1979.

²⁹ GOMES, Edvânia T. Aguiar. **Recortes de Paisagens na Cidade do Recife**: uma abordagem geográfica. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Geografia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. São Paulo, 1997. p. 88.

³⁰ MELO, Mario Lacerda de. **Metropolização e Subdesenvolvimento: o caso do Recife**. Recife: Universitária, 1978.

³¹ Op. Cit.

³² VERAS, Lúcia Maria de S. C. **De Apê-Puc a Apipucos**: numa encruzilhada, a construção e permanência de um lugar urbano. Dissertação (Curso de Mestrado em Geografia) Centro de Filosofia e Ciências Humanas – UFPE. Recife, 1996.

³³ CAVALCANTE, Onilda Bezerra. **O manguezal do Pina**: a representação cultural de uma paisagem. Dissertação (Curso de Mestrado em Geografia) Centro de Filosofia e Ciências Humanas – UFPE. Recife, 2000.

³⁴ Op. Cit. p. 54.

³⁵ "Os aspectos fisiográficos do sítio da cidade do Recife, constituem elementos singulares nas representações de suas paisagens. Aliados a fatores de localização geográfica, esses aspectos foram determinantes na fixação da cidade" (Castro *apud* Gomes, Op. Cit: 53).

Observa-se, assim, que *Fatores de Localização da Cidade do Recife* constitui um referencial imprescindível ao estudo da cidade do Recife e por conseguinte, à historiografia da geografia urbana brasileira.

Ademais, acrescenta-se que as considerações aqui formuladas à luz da obra de Josué de Castro e comentadas através dos trabalhos relacionados, clarificam os múltiplos desdobramentos passíveis de análise a partir do seu pensamento ao mesmo tempo em que reafirmam a sua importância na formação de uma geografia de contestação, crítica e socialmente engajada já nas primeiras décadas da sua institucionalização no Brasil.

Considerações Finais

“É preciso ver a história e o movimento (...) da geografia em particular, como uma trama” (P. C. C. Gomes, Op. Cit: 336). Na esteira desse matiz emana a determinação de submergir por esse fato preestabelecido e desconstruir a sua feitura, possibilitando assim, o desvendamento de um cabedal de fatores de natureza diversa que engendrou tal contexto.

No decorrer desse trabalho buscou-se trilhar à luz dessa perspectiva a fim de reconstituir, ainda que parcialmente, o universo de Josué de Castro e então elucidar como esse se fez sentir no conjunto mais amplo da sua obra, as circunstâncias nas quais fora produzida, ou mesmo como ‘o indivíduo pode ser uma grande força social’ (Plekhanov, Op. Cit: 82).

Com efeito, um dos propósitos mais significativos do trabalho, reside no fato de evidenciar a atualidade de tal conjunto, o que por si, justifica a premência de resgatar o autor à disciplina que constituiu uma das prioridades da sua trajetória acadêmica e científica.

Essa trajetória marcada pela contestação e pela denúncia das mazelas sociais, revela um engajamento que o distinguiu dentre os seus contemporâneos. Ao desencastelar temas como a fome, reforma agrária e miséria, Josué mostrou-se à na vanguarda do seu tempo e, por conseguinte, constituiu uma matriz aos estudos de uma geografia crítica social no país.

Esse pensamento geográfico, que é parte do pensamento geográfico brasileiro, entretanto, foi ignorado face as tramas sucedâneas ao regime que se instalou no Brasil pós 1964. Mesmo em Recife, sua terra natal, na qual iniciara-se como catedrático de Geografia Humana da FFCSR e formou-se uma importante escola geográfica a partir dos anos 40, que revelou ao país nomes como Gilberto Osório de Andrade, Manuel Correia de

Andrade, Rachel Caldas Lins e Maria Lacerda de Melo, Josué fora pouco influente, restringindo-se aos estudos relativos a geografia urbana, haja vista *Fatores de Localização da Cidade do Recife* ter se tornado um referencial sobre a cidade.

Assim, o geógrafo buliçoso que denunciara que o capitalismo no seu bojo, dimanava bolsões de miséria, bem como a sua contribuição, ainda estão por ser resgatados à geografia. Nesse sentido, o presente trabalho apresenta-se como um esforço inicial.

Considere-se, porém, que o mesmo carece de aprofundamento analítico, sobretudo de categorias imprescindíveis ao entendimento do pensamento geográfico castrino, a exemplo de região e paisagem, ou mesmo fome, consumo e meio ambiente no contexto atual, à luz dos paradigmas filosóficos contemporâneos. Ou ainda, buscar e analisar mais amiúde as suas fontes de inspiração, da geografia regional francesa aos clássicos alemães e norte-americanos; o seu caráter antecipatório.

Contudo, nesse momento, não é esse o objetivo, embora haja o interesse e o compromisso de fazê-lo futuramente. Entretanto, agora, a meta é voltar a Josué, retomar o seu pensamento geográfico e, evidenciar que o conhecimento com o qual ele nos brinda é produto de uma prática e de uma reflexão teórica sobre a mesma que traduz um homem sintonizado com o espírito da sua contemporaneidade, bem como do tempo futuro.

Perceba-se que rumando nesse sentido estar-se-á coadunando a multiplicidade característica de um geógrafo denodado como Josué e conseqüentemente, corroborando para uma revisitação da história do pensamento geográfico brasileiro no período que vai da sua institucionalização a consolidação, qual seja de 1934 a 1965 (numa perspectiva paradoxal a convencional, onde se avultam sempre os mesmos nomes e instituições determinados pela geografia oficializante que por muito tempo perdurou no país). Certamente um dos mais instigantes e não menos, importante, pois é o momento que as coisas começam a se arrumar, os primeiros geógrafos entram em cena delineando cenários que irão se fazer sentir décadas adiante, tornando-se conseqüentemente, indispensável revisitá-lo para compreender a geografia atual. Enfim, para compreender a formação e

desdobramentos dessa trama. Nesse sentido, resgatar as figuras que compuseram a mesma, a exemplo de Josué de Castro, é um caminho promissor.

Referências Bibliográficas

De Josué de Castro

CASTRO, Josué de. **Geografia da Fome** – o dilema brasileiro: pão ou aço. 11 ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 1992. (5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1957; 14 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001).

_____. **Geopolítica da Fome** (ensaio sobre os problemas de alimentação e de população). 8. ed. (rev/aum.). São Paulo: Brasiliense, 1968. 2 v.

_____. **Crise Social e Desequilíbrio Econômico do Mundo**. (texto originalmente elaborado a pedido da UNESCO para a publicação "Way Fórum" em 1956). 7 p.

_____. **A Coexistência Política e a Paz**. (Discurso Pronunciado ao Receber o Prêmio Internacional da Paz). Helsinque, 1954. 5 p.

_____. **Aos Pobres Pertence o Reino da Terra**. (Discurso Pronunciado no Conselho Mundial da Paz ao presidir a sessão dedicada ao estudo das armas atômicas). Estocolmo, 1954. 7 p.

_____. O Espírito Geográfico da Filosofia Moderna. In: **Boletim Geográfico**. IX (101) Rio de Janeiro: IBGE, 1951. p. 545-547.

_____. **A Função Social das Universidades**. Rio de Janeiro: Sauer, 1948.

_____. **Fatores de Localização da Cidade do Recife** – um ensaio de geografia humana. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948. (Reeditado em 1954 como "A Cidade do Recife: ensaio de geografia urbana", pela Casa do Estudante do Brasil. Rio de Janeiro)

_____. **Geografia Humana**: estudo da paisagem cultural do mundo. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1939.

_____. **A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1937.

_____. **Perspectiva Ideal da Cidade de Recife**. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, s/d. 5 p.

Sobre Josué de Castro e sua Obra

AMADO, Jorge. Uma Testemunha de Vista Depõe... In: **O Drama Universal da Fome**. Rio de Janeiro: Ascofam, 1958. p. 347-349.

ANDRADE, Manuel Correia de. Josué de Castro: O Homem, o Cientista e o seu tempo. In: CASTRO, Anna Maria de. **Fome, um Tema Proibido**: últimos escritos de Josué de Castro. 3 ed. Recife: CEPE, 1996. p. 283-321.

ANSELMO, Rita de Cássia M. de S., BRAY, Sílvio Carlos. **Josué de Castro e a Importância de sua Obra para a Geografia Nacional**. Rio Claro, 1998. 10 p.

CARVALHO, Antônio Alfredo Teles de. **Josué de Castro: Algumas Passagens da Trajetória de um Geógrafo na Vanguarda do seu Tempo**. Discurso proferido na solenidade de entrega da Comenda Josué de Castro, promovida pela Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB, seção Recife. Recife, 04 de junho de 2001. 5 p.

_____. Nas Trilhas da Historiografia Geográfica Brasileira: Josué de Castro e a Geografia de Denúncia nos Meados do Século XX. In: I Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico. Eixos Temáticos – Vol. I (Trabalhos Completos). Rio Claro: UNESP – IGCE, 1999. p. 38–42. **Anais...**

CASTRO, Anna Maria de. **Fome, um Tema Proibido**: os últimos escritos de Josué de Castro. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1984. (3 ed. Recife: CEPE, 1996).

CASTRO, Josué de. **A Fome**. (link). Rio de Janeiro, 2000. <Disponível em: www.josuedecastro.com.br> Acesso em 10 de dezembro de 2001.

CHAVES, Nelson. **Conferência sobre Josué de Castro**. In: Ciclo de Estudos sobre Josué de Castro. Recife: Universitária, 1983. p.143–153.) Recife: Universitária, 1983. p.173–181. (Humanismo e Cultura, 4).

LIMA, Jamesson Ferreira. Consciência contra a Fome. In: **Ciclo de Estudos sobre Josué de Castro**. Recife: Universitária, 1983. p. 95–125. (Humanismo e Cultura, 4).

LUDERMIR, Bernardo. Josué e as Circunstâncias. In: **Ciclo de Estudos sobre Josué de Castro**. Recife: Universitária, 1983. p. 57–71. (Humanismo e Cultura, 4).

LINHARES, Yedda Leite. **Geopolítica da Fome**. Rio de Janeiro, 27/05/1952. 4 p.

MAGALHÃES, Rosana. **Fome**: uma (Re)leitura de Josué de Castro. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997.

MANÇANO, Bernardo, GONÇALVES, Carlos W. P. **Josué de Castro** – vida e obra. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

MARCHI, Dorival Donizeti. **O Pensamento Geográfico de Josué de Castro nas Décadas de 40 e 50**: a fome e a produção de alimentos. Monografia (Especialização no Setor de Desenvolvimento Rural) Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1998.

MENEZES, José Rafael de. Otimismo Dramático de Josué de Castro. In: **Ciclo de Estudos sobre Josué de Castro**. Recife: Universitária, 1983. p.143–153. (Humanismo e Cultura, 4).

MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.) **Raízes da Fome**. Petrópolis: Vozes, 1985.

PERNAMBUCANO, Otávio. Josué de Castro. In: **Ciclo de Estudos sobre Josué de Castro**. Recife: Universitária, 1983. p.143–153.) Recife: Universitária, 1983. p.195–234. (Humanismo e Cultura, 4).

RITTER, Kurt. Das Causas da Fome Mundial e dos Meios de Combatê-la. In: **O Drama Universal da Fome**. Rio de Janeiro: Ascofam, 1958. p. 25-38.

SILVA, Tânia Elias M. da. **Josué de Castro: por uma poética da fome**. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais) PUC. São Paulo, 1998.

SORRE, Max. A Fome sem o Véu Discreto da Fantasia. In: **O Drama Universal da Fome**. Rio de Janeiro: Ascofam, 1958. p. 243-247.

SOUZA, Maria Adélia A. de. SOUZA, Maria Adélia A. de. **Fome, Perversidade e Globalização** - algumas preliminares. Universidade de São Paulo: Departamento de Geografia, 1993. 13 p.

_____. Geografias da Desigualdade e Globalização: relendo a Geografia da Fome. In: Fórum a Fome e a Atualidade de Josué de Castro, **Anais...** Recife: Condepe, 1994. p. 30-45.

VENCORS. **Discurso pronunciado na cerimônia de Entrega do Prêmio Internacional da Paz ao Prof. Josué de Castro**. Helsink, 1953. 3 p.

TARANTO, G. **Società ed Sottosviluppo nell'opera di Josué de Castro**. Cahiers Internationaux d'Histoire Economique et Sociale. Geneve: Librairie Droz, 1980.

TOBELEM, Alain. **Josué de Castro e a Descoberta da Fome**. Rio de Janeiro: Leitura, 1974.

Que faz Referência a Josué de Castro e/ou a sua Obra

ANDRADE, Manuel Correia de. **Recife: problemática de uma metrópole de região subdesenvolvida**. Recife: Universitária, 1979.

AZEVEDO, Aroldo de. Vilas e Cidades do Brasil Colonial – ensaio de geografia urbana retrospectiva. In: **Terra Livre**. n 10, jan./jul. São Paulo: AGB, 1992. p. 23-78.

AZOUBEL, Lina Maria de Oliveira. **Fome: ideologia e capitalismo**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) Faculdade de Educação – UNICAMP. Campina, 1988.

BARRETO, Ângela Maria M. **O Recife Através dos Tempos** – formação da sua paisagem. Dissertação (Curso de Mestrado em Geografia) Centro de Filosofia e Ciências Humanas – UFPE. Recife, 1990.

CAROS AMIGOS. **Entrevista Explosiva: Mestre Milton**. Agosto de 1998. p. 22-27.

CASTRO, Anna Maria de. **Nutrição e Desenvolvimento – Análise de uma Política**. Tese (Livre Docência em Sociologia). Instituto de Nutrição – Centro de Ciências da Saúde – UFRJ. Rio de Janeiro, 1977.

CAVALCANTE, Onilda Bezerra. **O manguezal do Pina: a representação cultural de uma paisagem**. Dissertação (Curso de Mestrado em Geografia) Centro de Filosofia e Ciências Humanas – UFPE. Recife, 2000.

COSTA, Eda Maranhão P. **Expansão Urbana e Organização Espacial** – uma Área Litorânea na Região Metropolitana do Recife. Dissertação (Curso de Mestrado em Geografia) Centro de Filosofia e Ciências Humanas – UFPE. Recife, 1981.

DIAS, Leila Christina. La Pensée Géographique Brésil: Hier et Aujourd'Hui. In: **L'Espace Géographie**. n. 3. Paris, 1989. p. 193-203.

GEOSUL. **Entrevista com o Professor Milton Santos**. n. 12/13, ano VI, 2 sem. de 1991 e 1 sem. de 1992. Florianópolis: Edufsc, 1992. p. 170-201.

GOMES, Edvânia T. Aguiar. **Recortes de Paisagens na Cidade do Recife**: uma abordagem geográfica. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Geografia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. São Paulo, 1997.

LACOSTE, Yves. **Geografia do Subdesenvolvimento** – geopolítica de uma crise. 7 ed. São Paulo: Difel, 1985.

LINHARES, Maria Yedda. **Discurso como Parâmetro do Curso de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ**. Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 1978.

MELO, Mario Lacerda de. **Metropolização e Subdesenvolvimento: o caso do Recife**. Recife: Universitária, 1978.

RIBEIRO, Darcy. **Confissões**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SAMPAIO, José Levi F. **A fome e as Duas Faces no Estado do Ceará**. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Geografia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. São Paulo, 1999.

SILVA, Luci Moreira da. **Desnutrição e Estrutura Social Brasileira** – um ensaio de interpretação. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Medicina) Faculdade de Medicina – USP. São Paulo, 1979.

VASCONCELOS, Pedro de A. **Dois Séculos do Pensamento Geográfico sobre a Cidade**. Ilhéus: Editus, 1999.

_____. Dois Séculos do Pensamento Geográfico sobre a Cidade. In: SILVA, José Borzacchiello da et al (Orgs.). **A Cidade e o Urbano** – temas para debates. Fortaleza: EUFC, 1997. p. 69-84.

_____. A Cidade da Geografia no Brasil. In: CARLOS, Ana Fani A. (Org.). **Os Caminhos da Reflexão sobre a Cidade e o Urbano**. São Paulo: Edusp, 1994. p. 63-78.

VERAS, Lúcia Maria de S. C. **De Apê-Puc a Apipucos**: numa encruzilhada, a construção e permanência de um lugar urbano. Dissertação (Curso de Mestrado em Geografia) Centro de Filosofia e Ciências Humanas – UFPE. Recife, 1996.

Textos Teóricos-Metodológicos

ABREU, Maurício de Almeida. O Estudo Geográfico da Cidade no Brasil: evolução e avaliação. In: CARLOS, Ana Fani. A. (Org.) **Os Caminhos da Reflexão sobre a Cidade e o Urbano**. São Paulo: Edusp, 1994. p. 199-232.

AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Geomorfologia do Sítio Urbano de São Paulo**. Tese (Doutoramento em Geografia) Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – USP. São Paulo, 1956.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Tendências Atuais da Geografia Brasileira**. Recife: Asa, 1986.

ARAÚJO FILHO, José Ribeiro de. **A Baixada do Rio Itanhaém**. Tese (Doutoramento em Geografia) Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – USP. São Paulo, 1950.

BERDOULAY, Vicent. Do Contexto ao Relato: Revisitar a Modernidade. In: CASTRO, Iná Elias de et al. (Orgs.) **Redescobrimo o Brasil: 500 anos depois**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999. p. 315-322.

_____. Perspectivas Actuales del Posibilismo: de Vidal de La Blache a la Ciencia Contemporânea. In: **Geocrítica**, n. 47, Barcelona, 1983. 26 p.

_____. The Contextual Approach. In: STODDART, D. R. **Geography, Ideology & Social Concern**. Oxford: Basil Blackwell, 1981. p. 8-16.

BERNARDES, Nilo. A Influência Estrangeira no Desenvolvimento da Geografia no Brasil. In: **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, v. 44, n. 3, p. 519-527. jul/set, 1982.

CAPEL, Horácio. **O Nascimento da Ciência Moderna e a América: o papel das comunidades científicas, dos profissionais e dos técnicos no estudo do território**. Maringá: EDUEM, 1999.

CARVALHO, Maria Conceição Vicente de. **Santos e a Geografia do Litoral Paulista**. Tese (Doutoramento em Geografia) Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – USP. São Paulo, 1944.

COHN, Gabriel. Problemas da Industrialização no Século XX. In: MOTA, Carlos Guilherme. **Brasil em Perspectiva**. 8. ed. São Paulo: Difel, 1977. p. 283-316. (Corpo e Alma do Brasil).

CORRÊA, Roberto Lobato. Hinterlândias, Hierarquias e Redes: uma avaliação da produção geográfica brasileira. In: **Revista Brasileira de Geografia**. 51 (3), p. 113-137, jul./set., 1989.

_____. A Geografia Brasileira: crise e renovação. In: MOREYRA, Ruy. (Org.). **Geografia: Teoria e Crítica – o saber posto em questão**. Petrópolis: Vozes, 1982. p. 115-121.

FRANÇA, Ary. **Estudo Sobre Clima na Bacia de São Paulo**. Tese (Doutoramento em Geografia) Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – USP. São Paulo, 1945.

GEIGER, Pedro P. Depoimento I: contribuição à história da geografia urbana no Brasil. In: CARLOS, Ana Fani. A. (Org.) **Os Caminhos da Reflexão sobre a Cidade e o Urbano**. São Paulo: Edusp, 1994. p. 363-284.

_____. Industrialização no Brasil, Conhecimento e Atuação da Geografia. In: **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, 1988. v. 50, n. especial, tomo 2, p. 59-84.

GOMES, Ângela de Castro. O Ministro e sua Correspondência: projeto político e sociabilidade intelectual. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Capanema: o ministro e seu ministério**. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 13-47.

GOMES, Paulo César da C. Culturas Teóricas, Culturas Políticas no Espaço Geográfico. In: CASTRO, Inã Elias. de et al (Orgs.) **Redescobrendo o Brasil : 500 anos depois**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 335-339.

GÓMEZ, Alberto Luis. La Geografía Humana: de Ciencias de los Lugares a Ciencia Social ? In: **Geocrítica** 48, Barcelona: noviembre 1983.

IANNI, Octávio. **A Idéia de Brasil Moderno**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

_____. **O Colapso do Populismo no Brasil**. 5 ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1994.

LACOSTE, Yves. **Geografia do Subdesenvolvimento**. 7 ed. São Paulo: Difel, 1985.

MAMIGONIAN, Armen. A AGB e a Produção Geográfica Brasileira: avanços e recuos. In: **Terra Livre**. n. 8. Porto Alegre: Marco Zero/AGB, 1991. p. 157-162.

MACHADO, Lia Osório (Entrevista). História do Pensamento Geográfico no Brasil: elementos para um programa de pesquisa. In: **Terra Brasilis**. Ano I, n. 1. Rio de Janeiro: Sal e Terra, 2000. p. 110-134.

MELLO, João Baptista Ferreira de. Em Defesa do Indivíduo nos Estudos Geográficos. In: I Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico. Eixos Temáticos – Vol. II (Trabalhos Completos). Rio Claro: Unesp – IGCE, 1999. p. 113-118. **Anais...**

MENDES, Renato Silveira. **Paisagens Culturais da Baixada Santista**. Tese (Doutoramento em Geografia) Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – USP. São Paulo, 1948.

MONTEIRO, Carlos Augusto de F. **A Geografia no Brasil (1934-1977): avaliação e tendências**. São Paulo: Instituto de Geografia da USP, 1980. (Teses e Monografias, 37).

MORAES, Antônio Carlos R. **Geografia: pequena história crítica**. 6 ed. São Paulo: Hucitec, 1987.

MORIN, Edgar. **Cabeça Bem-Feita**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da Cultura brasileira (1933-1974)** 9 ed. São Paulo: Ática, 1994.

MÜLLER, Nice Lecoc. **Sítio e Sitiantes**. Tese (Doutoramento em Geografia) Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – USP. São Paulo, 1946.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Os Intelectuais e as Raízes da Ordem. In: D'ARAUJO, Maria Celina (Org.). **As Instituições Brasileiras da Era Vargas**. Rio de Janeiro: FGV, 1999. p. 83-96.

PLEKÂNOV, Guiorgui. O Papel do Indivíduo na História. In: **A Concepção Materialista da História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p. (Pensamento Crítico, 2)

PRADO JÚNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. 43 ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

SANTOS, Elina de Oliveira. **A Industrialização em Sorocaba: Bases Geográficas**. Tese (Doutoramento em Geografia) Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – USP. São Paulo, 1951.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, José Borzacchiello da. **Os Incomodados não se Retiram**. Fortaleza: Multigraf, 1992.

SILVEIRA, João Dias da Silveira. **Estudo Geográfico dos Contrafortes Ocidentais da Mantiqueira**. Tese (Doutoramento em Geografia) Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – USP. São Paulo, 1946.

SILVEIRA, Renato da. **Paisagens Culturais da Baixada Fluminense**. Tese (Doutoramento em Geografia) Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – USP. São Paulo, 1948.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Síntese da História da Cultura no Brasil**. 4 ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1976.

SOLA, Lourdes. O Golpe de 37 e o Estado Novo. In: MOTA, Carlos Guilherme. **Brasil em Perspectiva**. 8. ed. São Paulo: Difel, 1977. (Corpo e Alma do Brasil). p. 256-282.

Dissertações e Teses sobre História do Pensamento Geográfico

AMARAL, Raquel Maria Fontes do. **A Geografia e as bases da Formação Nacional Brasileira: uma interpretação fundamentada nas idéias de Ignácio Rangel**. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Geografia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. São Paulo, 1997.

ANSELMO, Rita de Cássia M. de S. **Geografia e Geopolítica na Formação Nacional Brasileira – Everardo Adolpho Backheuser**. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Geografia) Instituto de Geociências e Ciências Exatas – UNESP. Rio Claro, 2000.

_____. **Oliveira Vianna e a Unidade-Identidade do Espaço Brasileiro**. Dissertação (Mestrado) Instituto de Geociências e Ciências Exatas – UNESP. Rio Claro, 1995.

ANTONIO FILHO, Faél D. **O Pensamento Geográfico de Euclides da Cunha**. Dissertação (Mestrado) Instituto de Geociências e Ciências Exatas – UNESP. Rio Claro, 1990.

CONCEICÃO, Alexandrina Luz. **Às Margens do Beberibe e do Capibaribe: a crítica de Tobias Barreto nos meandros da geografia**. Tese de Doutorado (Programa de Pós-

Graduação em Geografia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. São Paulo, 2001.

ETGES, Virgínia Elisabeta. **Geografia Agrária**: a contribuição de Leo Waibel. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Geografia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. São Paulo, 1997.

FERRAZ, Cláudio Benito O. **O Discurso Geográfico: a Obra de Delgado de Carvalho no Contexto da Geografia Brasileira – 1913 a 1942**. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. São Paulo, 1989.

GUIDI, Eduardo Zons. **Considerações sobre a Gênese da Geografia Humana Moderna: Friederich Ratzel e Paul Vidal de La Blache**. Dissertação (Mestrado) Centro de Filosofia e Ciências Humanas – UFSC. Florianópolis, 1995.

MARTINS, Luciana de Lima. **Friedrich Ratzel: através de um prisma**. Dissertação (Mestrado) Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza – UFRJ. Rio de Janeiro, 1993.

MEGALE, Januário Francisco. **Geografia e Sociologia**: introdução ao estudo de Max Sorre. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Geografia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. São Paulo, 1980.

MORAES, Antonio Carlos Robert de. **Contribuição para uma História Crítica do Pensamento Geográfico**: Alexander von Humboldt, Karl Ritter, Friedrich Ratzel. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. São Paulo, 1983.

OLIVA, Terezinha A. de. **O Pensamento Geográfico em Manoel Bonfim**. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Geografia) Instituto de Geociências e Ciências Exatas – UNESP. Rio Claro, 1999.

SANTIAGO, João Phelipe. **A Geografia no Brasil**: a contribuição de Manuel Correia de Andrade. Dissertação (Mestrado) Centro de Filosofia e Ciências Humanas – UFPE. Recife, 1990.

SANTOS, Wilson dos. **A Obra de Arolde de Azevedo**: uma avaliação. Dissertação (Mestrado) Instituto de Geociências e Ciências Exatas – UNESP. Rio Claro, 1984.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. **Senador Pompeu**: um geógrafo do poder no império do Brasil. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. São Paulo, 1997.

Vídeo

Josué de Castro – Cidadão do Mundo. Vídeo Documentário. Direção de Sílvio Tandler. Rio de Janeiro: Bárbaras Produções /Verj Vídeo, 1995.

Entrevistas

Entrevista com a Professora Maria Yedda Linhares. Entrevista conduzida por Antônio Alfredo Teles de Carvalho. Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1999.

Entrevista com o Professor Orlando Valverde. Entrevista conduzida por Antônio Alfredo Teles de Carvalho. Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1999.

Documentos

FACULDADE NACIONAL DE FILOSOFIA. Portaria nº 172 do Reitor Ignácio M. Azevedo do Amaral Designando o Professor Josué de Castro Responsável pelo Departamento de Geografia. Rio de Janeiro, 17 de dezembro de 1946. (CJCEP. Arquivo Pessoal de Josué de Castro. Armário 2 – Documentos. Recife).

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Ofício de José Carlos de Macedo Soares (Presidente do Instituto) ao Presidente Eurico Gaspar Dutra, Solicitando a Designação da Delegação Brasileira à I Reunião Panamericana de Consulta sobre Geografia. Rio de Janeiro/DF, 31 de agosto de 1949. (CJCEP. Arquivo Pessoal de Josué de Castro. Armário 2 – Documentos. Recife).

UNIVERSIDAD NACIONAL MAYOR DE SAN MARCOS. FACULTAD DE CIÊNCIAS. DECANATO. Ofício n. 146. Comunicado a Josué de Castro da sua Eleição para Professor Catedrático Honorário desta Faculdade. Lima, 20 de Julio de 1951.

Música

Da Lama ao Caos. Chico Science & Nação Zumbi. CD *Da Lama ao Caos*. 1994.

Bibliografia Complementar

ALMEIDA, Maria das Graças A. Ataíde de. **A Construção da Verdade Autoritária**: palavras e imagens da interventoria Agamenon Magalhães em Pernambuco (1937-1945). Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em História) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. São Paulo, 1995.

ANDRADE, Manuel Correia de. O Pensamento Geográfico e a Realidade Brasileira. In: **Boletim Paulista de Geografia**. n 54, São Paulo: AGB, 1977. p. 5-28.

ARAÚJO, Tânia Bacelar de. Relendo a Geografia da Fome. In: **Ensaio sobre o Desenvolvimento Brasileiro**: heranças e urgências. Rio de Janeiro: Revan, 2000. p. 197-202.

AZEVEDO, Fernando de. **A Transmissão da Cultura**. São Paulo: Melhoramentos/Brasília: INL, 1976.

BARROS, Nilson Cortez C. de. **Introdução a Geografia**: uma introdução às suas idéias. Recife: Universitária, 1993.

BERDOULAY, Vicent. Perspectivas Actuales Del Posibilismo: de Vidal de La Blache a la Ciência Contemporânea. In: **Geocritica**, n. 47, Barcelona, 1983. 26 p.

BOBBIO, Norberto. **Os Intelectuais e o Poder** – dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. São Paulo: Ed. da Unesp, 1997.

CAPEL, Horácio. **Filosofia y Ciencia en la Geografia Contemporânea**. Barcelona: Barcanova, 1981.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e Organização Espacial**. 5 ed. São Paulo: Ática, 1995.

ESTEBANEZ, José. **Tendencias y Problemática Actual de La Geografia**. Madrid: Cincel, 1982.

FEBVRE, Luciano. **La Tierra y La Evolución Humana**: introducción geográfica a la historia. Barcelona: Editorial Cervantes, 1925.

GOMES, Horieste. A Geografia e as suas Implicações no Subdesenvolvimento do Terceiro Mundo. In: **Boletim Paulista de Geografia**. n. 59. São Paulo: AGB, 1982. p. 43-58.

GOMES, Paulo César da C. Geografia *fim-de-século*: o discurso sobre a ordem espacial do mundo e o fim das ilusões. In: CORRÊA, Roberto Lobato et al (Orgs.). **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 13-42.

_____. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. 9 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

HIGGINS, José Consuegra (Dir.) **Mensajes – Josué de Castro**: antología del pensamiento económico y social de américa latina. v. 1. Bogotá: Colibri, 1980.

MACHADO, Lia Osório. Origens do Pensamento Geográfico no Brasil: meio tropical, espaços vazios e a idéia de ordem (1987-1930). In: CORRÊA, Roberto Lobato et al (Org.) **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995. pt. II, p. 309-353.

MAMIGONIAN, Armen. A Geografia e "a Formação Social como Teoria e. como Método". In: SOUZA, Maria Adélia A. de. (Org.) **O Mundo do Cidadão, um cidadão do Mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996, pt. 2, p. 198-206.

MENEZES, Djacir (Org.) **O Brasil e o Pensamento Brasileiro**. Rio de Janeiro: MEC/Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1957.

RACINE, Jean Bernard. Discurso Geográfico y Discurso Ideológico: Perspectivas Epistemológicas. In: **Geocrítica** n. 7, Barcelona, 1977. 42 p.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**: da crítica da geografia a uma nova geografia. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

SCHWARTZMAN, Simon (Org.) **Estado Novo, um Auto-Retrato** (Arquivo Gustavo Capanema). Brasília: UNB, 1983 (Temas Brasileiros, 24).

SILVA, Tânia Elias M. da. Josué de Castro: marcas geográficas e geopolíticas da fome. In: **Geonordeste**. Ano X, n. 01. Aracaju: UFS/NPGeo, 1999. p. 39-63.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Introdução à Geografia**: geografia e ideologia. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

Anexo 01

Curriculum Vitae de Josué de Castro

(Apresentado a Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil para submeter-se ao concurso público da Cátedra de Geografia Humana em 1948).

JOSUÉ DE CASTRO

CURRICULUM VITAE

1948

- JOSUÉ DE CASTRO -

CURRICULUM VITAE

Apresentado em obediência à legislação em vigor
para candidatar-se a concurso da Cadeira de Geo-
grafia Humana, na Faculdade Nacional de Filoso-
fia da Universidade do Brasil.

- 1948 -

JOSÉ DE CASTRO

Nascido em 5 de setembro de 1908, na cidade do Recife, Estado de Pernambuco.

I. ATIVIDADES UNIVERSITÁRIAS

- 1) - Formado em Medicina pela Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil - 1929.
- 2) - Presidente do Centro Universitário Latino-Americano - 1929
- 3) - Presidente da Embaixada de Universitários que visitou o México - 1930
- 4) - Livre Docente de Fisiologia da Faculdade de Medicina do Recife por concurso realizado em novembro de 1932.
- 5) - Representante dos Docentes na Congregação da Faculdade de Medicina do Recife - 1933
- 6) - Professor Catedrático de Geografia Humana da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais do Recife - 1933 a 1935.
- 7) - Vice-Diretor da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais do Recife, de 1933 a 1935
- 8) - Professor Catedrático de Antropologia da Universidade do Distrito Federal - 1935 a 1938
- 9) - Convidado oficial para realizar um curso de conferências nas Universidades de Roma e Nápoles, sobre "Os Problemas da Adaptação Humana nos Trópicos" - 1939.
- 10) - Prof. Catedrático-Interino da Cadeira de Geografia Humana da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil - Decreto de 2 de julho de 1940
- 11) - Professor do Curso de Extensão Universitária, sobre Alimentação e Nutrição, da Universidade do Brasil, durante os anos de 1940 e 1941
- 12) - Convidado oficial do Governo da Argentina para estudar problemas de Alimentação e Nutrição - 1942
- 13) - Convidado oficial do Governo dos Estados Unidos da América (Coordinator of Interamerican Affairs), para estudar na aquele país, problemas de Nutrição - 1943
- 14) - Professor Catedrático da cadeira de Nutrição do Curso de Sanitaristas do Departamento Nacional de Saúde, desde 1943
- 15) - Convidado oficial do Governo da República Dominicana para realizar um curso de conferências na Universidade de Santo Domingo - 1945
- 16) - Convidado oficial do Governo do México para realizar um curso de conferências na Universidade Nacional do México - 1945

- 17) - Diretor do Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil 1946
- 18) - Membro do Conselho Universitário da Universidade do Brasil
- 19) - Chefe do Departamento de Geografia da Faculdade Nacional de Filosofia (Portaria do Reitor da Universidade do Brasil de 17 de dezembro de 1946)
- 20) - Membro da Comissão Organizadora do Plano de Criação da Universidade do Recife (Portaria do Ministro da Educação de 12 de fevereiro de 1946)
- 21) - Convidado oficial do Governo da França (Centre National de Recherche Scientifique), para realizar um curso de conferências sobre "Os problemas de alimentação nas regiões tropicais" - 1947

II - CARGOS E FUNÇÕES PÚBLICAS DESSEMPENHADAS

- 1) - Chefe de Clínica das Doenças do Aparêlho Digestivo e da Nutrição da Brigada Militar do Estado de Pernambuco - 1933
- 2) - Designado pelo Governo de Pernambuco para realizar um curso de especialização em Nutrição, no Instituto de Nutrição da República Argentina - 1933
- 3) - Chefe da Comissão que realizou o Inquérito sobre as Condições de Vida das Classes Operárias do Recife - (Primeiro inquérito desta natureza levado a efeito no país) - 1933
- 4) - Membro da "Comissão de Inquérito para Estudo da Alimentação do povo Brasileiro", realizado pelo Departamento Nacional de Saúde - 1936
- 5) - Organizador e primeiro Diretor do Serviço Central de Alimentação, depois transformado no atual Serviço de Alimentação da Previdência Social (S.A.P.S.) - 1939 a 1941
- 6) - Membro do Congresso Médico da Amazonia, realizado em Belém, em Agosto de 1939
- 7) - Chefe do Serviço Técnico da Alimentação Nacional, órgão de Coordenação da Mobilização Econômica (Portaria do Coordenador da Mobilização Econômica, de 19 de outubro de 1940)
- 8) - Membro de Honra das "Primeras Reuniones Reumatológicas", realizadas em Montevideo, dezembro de 1942.
- 9) - Presidente da Sociedade Brasileira de Alimentação - 1942 a 1944
- 10) - Diretor Técnico do Instituto de Tecnologia Alimentar (Fundação de pesquisas sobre o problema da Alimentação e Nutrição no país) - 1944
- 11) - Membro do Primeiro Congresso Brasileiro dos Problemas Médico-Sociais, realizado na Bahia em Junho de 1945
- 12) - Membro da Comissão Nacional de Alimentação, na qualidade de representante do Ministério de Educação e Saúde, constituído o desempenho da respectiva função, serviço relevante de interesse público, conforme reza o decreto de designação do Sr. Presidente da República, de 16 de agosto de 1945

- 13) - Membro da "Comissão de Alimentação do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura" (I.B.E.C.C.) - 1946
- 14) - Presidente da Socção de Tecnologia Alimentar das "Primeiras Jornadas Bromatológicas", reunidas em São Paulo - 1946
- 15) - Presidente da "Subcomissão de Alimentação", da "Comissão elaboradora do Código Nacional de Alimentação" - 1946
- 16) - Delegado do Brasil na "Conferência de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas", convocada pela F.A.O. (Food and Agriculture Organization) em Genebra, agosto de 1947
- 17) - Membro do "Comitê Consultivo Permanente da Nutrição" da F.A.O. - 1947
- 18) - Diretor da "Biblioteca de Investigação e Cultura", editada pela Livraria do Globo
- 19) - Diretor dos "Arquivos Brasileiros de Nutrição"
- 20) - Diretor da coleção de obras científicas intitulada "Problemas d'Ecologie Tropicale", edição de "Revue des Sciences et Industrielles" - Herman et Comp. Editeurs - Paris - France
- 21) - Diretor dos cursos técnicos do S.A.P.S. para formação de nutrólogos nutricionistas e auxiliares de alimentação em 1944

III - DIPLOMAS CIENTÍFICOS E DISTINÇÕES ACADEMICAS

- 1) - Professor Honoris-Causa da Universidade de Santo Domingo - Rep. Dominicana - 1945
- 2) - Membro Honorário da "Sociedade Médica Dominicana" - 1945
- 3) - Membro Honorário da "Sociedade Acadêmica de Medicina do Recife" - 1939
- 4) - Membro Honorário da "Liga Uruguia contra el Roubadismo" - 1945
- 5) - Membro Honorário da "Sociedade Brasileira de Zoologia" - 1945
- 6) - "Prêmio Alberto Torres" - Concedido pela Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, ao livro "Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana" - 1936
- 7) - "Prêmio Pandiá Calógeras", concedido pela "Associação Brasileira de Escritores", ao livro "Geografia da fome", 1945
- 8) - Membro-correspondente do "Comitato Italiano per lo Studio dei problemi della Popolazione" - Roma - 1939
- 9) - Membro da "Interamerican Society of Anthropology and Geography"
- 10) - Membro da "American Academy of Political and Social Science"
- 11) - Membro da "Société Scientifique d'Hygiène Alimentaire" - Paris
- 12) - Membro do "Instituto Brasileiro de Cultura"
- 13) - Membro da "Sociedade de Medicina e Cirurgia" do Rio de Janeiro
- 14) - Membro da "Sociedade Brasileira de Medicina Social do Trá-

Balho".

- 15) - "Membro titular do "Instituto Brasileiro de Direito, Medicina e Seguro Sociais".

IV - EXCURSÕES DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS A DIFERENTES ZONAS DO

PAÍS

- 1) - "Visita ao Núcleo Colonial Barão de Irapuranga, no estado de S. Paulo a convite da Diretoria de Colonização do Estado, para estudar os moldes de colonização naquela zona - 1936
- 2) - "Visita às obras de saneamento da Baixada paulista para o estudo dos processos de recuperação natural após o sismo de 1944
- 3) - "Visita à cidade de Rio Preto e arredores, a convite das autoridades locais para estudar os problemas de colonização do Centro paulista, em fevereiro de 1945
- 4) - "Visita ao Sertão do Nordeste: Estado da Paraíba, Ceará, Pernambuco a convite do Departamento Nacional de Obras contra as Secas", em junho de 1947
- 5) - "Visita à zona agreste do Estado de Pernambuco a convite do Secretário de Educação e Saúde do Estado, para estudo das bases geográficas do problema sanitário da zona agreste, em julho de 1947
- 6) - "Visita ao Pará, tendo estudado as condições de alimentação da capital do Estado, em agosto de 1949

V-CONFERÊNCIAS REALIZADAS A CONVITE DE INSTITUIÇÕES CULTURAIS NO

PAÍS E NO EXTERIOR

- 1) - "Encontro Universitário" - discurso da sociedade brasileira da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais do Recife, em 22 de agosto de 1935
- 2) - "Aspectos sociológicos da Alimentação Brasileira" - A convite da Sociedade de Etologia e Psicologia - São Paulo, 5-2-1936
- 3) - "Fisiologia dos Tabus" - Conferência realizada na Faculdade de Medicina do Recife, a convite da Sociedade Acadêmica de Medicina em 26 de abril de 1938
- 4) - "Deficiências Minerais na Alimentação Brasileira" - A convite da Soc. de Biologia do Rio de Janeiro, outubro - 1938
- 5) - "Aspectos biológicos da Imigração e da Colonização no Brasil" - Realizada no Trocadero, a convite do Centro de Estudos dos Problemas Brasileiros - S. Paulo, 12 de julho - 1938
- 6) - "Curso intensivo de conferências sobre alimentação e nutrição realizado no Recife, por convite simultâneo do Departamento Nacional de Saúde e do Departamento de Saúde Pública do Estado de Pernambuco - maio de 1939
- 7) - "A Formação de Técnicos em Alimentação" - A convite do Governo de S. Paulo para inaugurar o curso de Dietética da Superintendência do Ensino Profissional - S. Paulo, 17 de maio de 1939
- 8) - "Os mscumbos do Nordeste" - A convite do Centro de Estudos Biológicos de S. Paulo, em junho de 1949
- 9) - "Curso de várias conferências sobre Alimentação e nutrição nos Trópicos realizado nas Universidades de Bonn e Berlim a

convite do Ministério da Cultura em Itália, em Fevereiro a Março de 1939

- 10) "Os Fatores Biológicos na Murcha das Culturas" - A convite do Departamento de Cultura da Municipalidade de São Paulo - 6 de Julho de 1939
- 11) "Problemas Demográficos da Amazônia" - Discurso oficial de encerramento do Congresso Médico de Amazônia, realizado em 15 de Agosto de 1939
- 12) "A Política Nacional de Alimentação" - A convite do Ministro da Educação e Saúde, realizado no Estádio Municipal em 2 de Julho de 1940
- 13) "A Cantina do Pará" - Conferência realizada na inauguração da Semana da Cantina do Pará, a convite do Ministro da Agricultura, em São Paulo, Agosto de 1940
- 14) "Clima e Metabolismo" - no Instituto de Endocrinologia de Montevideo - em 29 de Dezembro de 1942
- 15) "A Política de Alimentação no Brasil" - A convite do Ministro de Saúde Pública do Uruguay - Montevideo, 28 de Dezembro de 1942
- 16) "Alimentação e Defesa Nacional" - realizado na A.R.L., a convite do Coordenador da Mobilização Nacional - Rio, 24 de Fevereiro de 1944
- 17) "Deficiências Alimentares no Brasil" - A convite do Senador Osvaldo Cruz da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, para encerramento do Curso de Patologia Digestiva, Nutrição e Dietética, realizado na sala de aula da Faculdade de Medicina e Cirurgia da Universidade em 29 de Maio de 1944
- 18) Curso de várias conferências sobre o tema: "Fatores Biológicos da Civilização Brasileira", a convite da Universidade de Santo Domingo, realizado durante o mês de Abril de 1945
- 19) Curso de conferências realizadas no México em Maio de 1945 - a convite do Governo Mexicano e obedecendo ao seguinte programa:
 - I - "Fisiopatologia da Alimentação nos Trópicos".
 - II - "El Problema de Alimentación en Brasil".
 - III - "Geografía del Hambre".
 - IV - "Fundamentos Biológicos de la Civilización Brasileña".
- 20) "Duas Áreas do Fome: A Amazônia e o Nordeste" - na Biblioteca Municipal de São Paulo, a convite da Comissão Organizadora das Primeiras Jornadas Bromatológicas, em 14 de Abril de 1946
- 21) "A Fome no Brasil" - Discurso Inaugural do Congresso Brasileiro dos Problemas Médico-Sociais, realizado na Bahia, em 26 de Junho de 1945
- 22) "Biologia e Cultura" - discurso de recepção ao Prof. Julian Huxley, diretor geral da UNESCO, em nome da Assembleia Universitária, da Universidade do Brasil - 11 de Maio de 1946
- 23) "As Universidades na América" - Discurso de recepção ao Prof. Ortega y Gasset, Reitor da Universidade de Santo Domingo, em nome da Assembleia Universitária da Universidade do Brasil, em Maio de 1946
- 24) "A Escola Antropológica Brasileira" - Discurso de recepção ao Prof. Arthur Rassen, na sua nome de Gratificação na Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, em nome da sua congregação - em 18 de Maio de 1946

- 25) - "Fundamento Geográfico do Problema Alimentar" - A convite da União Nacional dos Estudantes em 20 de novembro de 1946.
- 26) - "O Brasil precisa de imigrantes" - Debates em mesa redonda, organizada pela Revista do Comércio e Revista Brasileira de Medicina Pública para debater este importante problema nacional, em 1946 - (Rev. do Comércio, nº 8 de Julho de 1946).
- 27) - "Alimentação e Civilização" - Discurso de recepção ao Prof. John A. Orr, Diretor Geral da F.A.O. (Food and Agriculture Organization), na Comissão Nacional de Alimentação em 3 de Maio de 1947.
- 28) - "Fatores Biológicos da Civilização" - na Faculdade de Direito do Recife, a convite do seu Director Acadêmico, 22 de Junho de 1947.
- 29) - "Carência Alimentar no Brasil" - A convite da Sociedade de Medicina, do Pernambuco, em 21 de Junho de 1947.
- 30) - Curso de Conferências realizado em Paris a convite oficial do "Centre National de Recherche Scientifique" sobre o tema "Problemas d'Alimentation Tropicale" em Outubro de 1947.

VI - BIBLIOGRAFIA

(a) - Livros publicados no Brasil:

- 1) - "O Problema da Alimentação no Brasil" - Comp. Editora Nacional, 1a, 2a e 3a. edições - 1935, 1936 e 1938.
- 2) - "Alimentação e Raça" - Civilização Brasileira - 1936.
- 3) - "Documentário do Nordeste" - Livreria José Olímpio Editora, 1937.
- 4) - "Alimentação Brasileira à luz da Geografia Humana" (Prêmio Alberto Torres) - 1937.
- 5) - "Science et Technique" - Edição do Ministério da Educação para a Exposição Internacional de Paris - 1937.
- 6) - "A Festa das Letras" - (Em colaboração com Cecília Meireles) - Livreria do Globo, 1938.
- 7) - "Fisiologia dos Tabus" - 1a. ed., 1939 e 2a. edição, 1941.
- 8) - "Geografia Humana" - Livreria do Globo - 1939.
- 9) - "Geografia da Fome" - (Prêmio Parahyba Calógeras, 1946, concedido pela Associação Brasileira de Escritores) - 1946.

(b) - Livros publicados no Estrangeiro:

- 10) - Francês - "La Physiologie des Tabous" - Edição "Gonus" Roma, 1939.
- 11) - Espanhol - "La Fisiología de los Tabous" - Buenos Aires - 1940.
- 12) - Espanhol - "La Alimentación en los Tropicos", México, 1946.
- 13) - Italiano - "Alimentazione e Acclimatazione Umana nei Tropici" - Milano, 1946.

(c) - Prefácios e trabalhos publicados em forma de simpósio:

- 1) - Prefácio à tradução brasileira do livro de Giuseppe Mariani - "A Questão Sexual" - 1936.

2) - Prefácio ao livro de Arthur Renna - "Lentura e Crises" - da Biblioteca de Investigação e Cultura - 1947

3) - Prefácio ao livro de José Américo de Almeida "A Pecuária e seus problemas" - Biblioteca de Investigação e Cultura -

4) - Prefácio ao livro de João de Barros Barreto - "Mortalidade Infantil" - da Biblioteca de Investigação e Cultura - 1938

5) - Prefácio ao livro de J. Zerbini - "Condições Vitamínicas e Alcoólicas" 1942

6) - "Deficiências alimentares no Brasil as carências proteicas e minerais" - Capítulo do Livro "Problemas de Medicina Prática e Preventiva no Brasil", editado sob a orientação da Dra. Beatriz de Barro - 1946

7) - "Terapêutica Dietética de Diabetes" - Capítulo do Livro "Diabetes", do prof. Azeis Dias - 1936

(d) - Principais artigos publicados em revistas científicas, em livros e publicações periódicas, e da matéria das quais foram destacadas separadas:

1) - "Metabolismo Basal do Clima" - Rev. Médica de Pernambuco - Nº 11 - Nov. 1932

2) - "As Condições de Vida das Classes Operárias no Recife" - Bol. do Ministério do Trabalho Indústria e Comércio - Nº 5 - Junho de 1935

3) - "A questão do Salário Mínimo" - Bol. do Ministério do Trabalho Indústria e Comércio - Nºs. 14 e 15 - Outubro e Novembro de 1935

4) - "Geografia Científica e Filosófica" - Universidade, Nº 1 - Recife, Junho de 1938

5) - "Resistência Bacteriana e Pater Kiesel" (na colaboração com D. I. F. Silva) - Arquivos Bras. de Medicina, Janeiro de 1938

6) - "La Scienza della Nutrizione e l'Antropologia Alimentare" - L'Antropologia Alimentare - Ano 11 - Nº 2 - Roma, Fevereiro de 1939

7) - "Alimentação Nacional" - O Observador Econômico e Financeiro - Nº 47 - Dezembro de 1939

8) - "Vitaminas para o Brasil" - O Observador Econômico e Financeiro - Nº 68, Setembro de 1941

9) - "A desidratação dos Alimentos" - O Observador Econômico e Financeiro - Nº 106 - Novembro de 1942

10) - "A Política Alimentar no Pós-guerra" - O Observador Econômico e Financeiro - Nº 116 - Setembro de 1945 e Revista Brasileira de Medicina Pública, Nº 3 - Setembro e Outubro de 1945

11) - "Pela boca morre o peixe..." - "Pasteur" - Março de 1944

12) - "Marcas Alimentares do Brasil" - América Indígena, Vol. V, Nº 3 - México - Julho de 1945 e Revista Clínico-Científica, Ano XIV, Nº 4 - São Paulo - Abril, 1945

13) - "Metabolismo das Sais Minerais nos Trópicos: Carências minerais no Brasil" - Medicina, Cirurgia e Farmácia, Nº 114 - Outubro de 1945

14) - "Metabolismo das Vitaminas nos Trópicos" - Revista Clínico-Científica, Ano XIV, Nº 11 - Novembro de 1945

- 15) - A Iodetação do Sal na Profilaxia do Bocio endêmico (em colaboração com o Dr. Italo Maloso) - Resenha Clínico-Científica - ano XV Nº 8, Agosto de 1946
- 16) - "Pão de Guerra" - Resenha Clínico Científica, ano XII, Nº 10 - Outubro de 1943, e The Journal of the American Medical Association, Vol. 125, Nº 12 - Junho de 1944
- 17) - "Geografia do Hambro" - La Prensa Médica Mexicana, Nº 6, Junho de 1945
- 18) - "The Food Problems of Brazil" - Nutrition Reviews, Vol. 2, Nº 3 - Março de 1944
- 19) - "Profilaxia do Bocio Endêmico" - América Clínica - Vol. II, Nº 2, New York, Agosto de 1947
- 20) - "Os alimentos bárbaros dos sertões do Nordeste" - Arquivos Brasileiros de Nutrição - Tomo 3 - Nº 2 - Fevereiro 1947
- 21) - "Recife, cidade desigual" - Carioca, 15 de fevereiro de 1936

Anexo 02

Saudação de Arthur Ramos ao Professor Josué de Castro

(em nome da Congregação da Faculdade Nacional de Filosofia na sua posse como Catedrático de Geografia Humana, em 14 de julho de 1948).

Saudação ao Professor Josué de Castro, em nome da Congregação da Faculdade Nacional de Filosofia, no dia da sua posse como Professor Catedrático de Geografia Humana, e 14 de junho de 1948.

Constitui para mim um motivo de grande desvanecimento o de saudar, em nome da congregação desta casa, seu novo catedrático, o Prof. Josué de Castro. Não se trata, na realidade, de recebê-lo, em nosso seio — ele já era dos nossos, e dos mais brilhantes mestres, que desde 1940, vêm honrando a nossa Faculdade — mas de oficializar um momento de re-encontro, pretexto de lhe dizermos, ao ilustre professor, dos nossos agradecimentos pelo que já tem feito, e da nossa alegria em tê-lo definitivamente entre nós.

Por uma feliz circunstância, coube-me também o privilégio de ter feito parte da banca examinadora do seu concurso, e pude ver confirmado, naquela ocasião, o juízo que já havia formado sobre as extraordinárias capacidades científicas e didáticas do novo professor. Jamais esquecerei o raro brilhantismo com que se portou o candidato nas suas provas. Permitam-me repetir, ^{sobre que} tão sou em elogiar, dentro desta aspeceza de conceitos que julgo ser uma herança do nosso nordeste, permitam-me repetir que nunca presenciei tanto brilho quanto o que revelou o professor Josué de Castro, em todas as provas, mas especialmente na sua defesa de tese, com a réplica pronta, com a sua invulgar capacidade dialética, com a sua ductilidade de expressão, ou por vezes, a sua agressividade superior, a sua mordacidade universitária, a argúcia e a presteza nas respostas aos que o arguíam.

Sr. Professor Josué de Castro:

Quero exprimir-vos mais uma vez, meu caro professor e colega, os sentimentos de alto louvor, nesse novo encontro que marcamos em nos-

As preferências que desde cedo revelastes, para os estudos do vasto campo da nutrição, não vos fizeram estiolar na fase puramente química ou fisiológica da especialidade. Quebrastes cedo as amarras que vos mantinham prêso à formação ~~medica~~ médica que tivestes, o que foi também o meu caso noutra série de estudos. Verificastes a necessidade de experimentar os vossos conhecimentos no campo social. É um dos vossos primeiros trabalhos, "As condições de vida das classes operárias do Recife", publicado em 1935, continha em germen o que havissem de realizar numa tarefa não apenas científica, mas de grande significado humano, que culminou nesta obra cíclica que é o vosso "Geografia da Fome", cujo primeiro volume é de 1947. O homem de laboratório se completa nesta obra com o do reformador social, apontando à nossa geração estarecida, os males que afligem a humanidade, os males da fome, no seu cortejo apocalíptico de misérias, geradoras de inquietações, desajustamentos, revoluções e guerras.

Compreendestes que nada se poderá fazer, no sentido de educar o homem, sem o cuidado básico e prévio das suas condições orgânicas deficientes ou enfermigas. E fizestes câro, já agora armado daquele sadio empirismo que vos tem dado o contacto com o laboratório, às vozes daqueles que, no Brasil, à frente o nosso insigne mestre Roquette-Pinto, vêm clamando que os males do nosso povo não são males advindos da raça ou do meio climático, mas das condições deficitárias de alimentação e de cultura.

O estudo dos aspectos sociais e culturais da alimentação alargou desta maneira o campo das vossas investigações. E o mestre da ciência da nutrição — que iniciou a sua campanha numa época em que praticamente nada havia neste setor — se tornou professor de Antropologia e de Geografia Humana. O homem e o meio tornam-se então os objetos principais da verificação dos fenômenos de nutrição. O condicionamento geográfico das áreas de alimentação passam a constituir toda uma série de estudos, que vos conduzem à cátedra, que hoje conquistais oficialmente.

Poderíamos dizer, se isso não fôsse uma redundância, que humanizas-

prudentemente ao lado dos que aceitam ser o ambiente geográfico simples condicionador dos fenômenos da cultura. A geografia, nos estudos em que vos tornastes mestre, evidenciará obviamente a extensão desses fenômenos no espaço, mas a preocupação última será a da compreensão e valorização do Homem, certamente o mais denso, o mais empolgante, o mais complexo, o mais nobre de todos os acontecimentos vitais.

E o Homem, este acontecimento, objeto comum dos nossos estudos, assinala o encontro definitivo que temos sempre marcado em nossas vidas, meu caro colega, Professor Josué de Castro. O ambiente universitário, em nossa Faculdade é o palco atual desse encontro. Ele vai nos dar esta serenidade e esta objectividade de observação que os azares do nosso autodidatismo e de outras contingências da vida não nos haviam permitido até então. Na Universidade, ao tempo que vamos corrigindo certas generalizações apressadas, teremos a atmosfera de proteção, se não material, que os nossos recursos são ainda extremamente pobres, ao menos espiritual. A alma mater será uma geografia psicológica, deixemos passar uma imitação de Hardy, que condicionará os nossos passos e atitudes.

Sabemos todos o que podemos esperar do vosso concurso, com a grande demonstração que já nos tendes dado. E este concurso será também o do estudioso do homem, preocupado em traçar normas para o seu melhoramento no ambiente social. O vosso passado de cientista empolgado pelos problemas sociais de nosso tempo, autoriza-nos a julgar que podemos contar com a vossa indispensável colaboração nesta obra comum de paz e de progresso, sem a qual não é possível o trabalho científico.

Novamente as sombras do medo, da covardia e da corrupção estão a rodear certos homens e grupos que voltam a falar em agressão e guerra, pela terceira vez em nosso século conturbado. Será a Universidade que lhes há de apontar o verdadeiro caminho dos ajustamentos pacíficos entre os homens. Reintegremos, meu caro amigo, a imagem da liberdade periclitante, recolhamos o facho que bruxoleia, e o mantenhamos aceso em

Anexo 03

Programa e Ementa da Disciplina Geografia Humana

(ministrada pelo Professor Josué de Castro na Faculdade Nacional de Filosofia na Universidade do Brasil no ano letivo de 1942).

EXMO. SNR. DIRETOR DA FACULDADE NACIONAL DE FILOSOFIA

Em resposta à circular número 1, expedida por V. Excia. , tenho a honra de prestar as seguintes informações:

1ª Como se encontra organizado o programa da disciplina que leciono, com a matéria dividida em temas de categorias as mais diversas e de extensão variável não é possível estabelecer um número fixo de aulas que satisfaça a exposição de cada ponto deste programa. Para atender, porém, às finalidades visadas pelo inquérito didático que realiza esta Diretoria, procedi à uma análise global do programa, verificando o número total de aulas que exige a sua perfeita exposição. O programa da matéria está dividido em duas partes, que são lecionadas respectivamente à 1a. e 2a. série do Curso de Geografia e História. Cada uma destas partes pode ser explicada num total de 50 aulas teóricas e 25 aulas de caráter prático para ilustração viva da matéria exposta teoricamente. Desta forma deverá ser reservado para o ensino das duas séries cerca de 100 aulas teóricas e 50 aulas práticas. Dentro da sugestão emanada desta Diretoria pretendo elaborar oportunamente um novo programa com a matéria já distribuída por tal número de aulas.

2ª - Considerando o número de dias de aula disponíveis no ano letivo, torna-se esse programa de fr. 1 exequibilidade.

3º - No ano letivo de 1941 dispunha para os trabalhos da Cadeira de Geografia Humana de 12 horas por semana. No atual ano letivo pode ser conservado o mesmo número de horas, distribuídas do seguinte modo:

4 horas de aulas teóricas

4 horas de aulas práticas (demonstrações, projeções e trabalho de campo)

4 horas para preparação previa de trabalhos e para atender e orientar os alunos em suas pesquisas e investigações bibliográficas.

4º - Durante o ano letivo de 1941 foram executados 3 trabalhos coletivos acerca dos seguintes temas:

- 1) Estudo geográfico da alimentação no Brasil
- 2) Estudo geográfico da habitação no Brasil
- 3) Estudo das regiões econômicas norte-americanas.

5º - Para 1942 projeto a realização de um só trabalho minucioso, em cuja execução deverão os alunos trabalhar durante todo o ano letivo. Esta limitação quantitativa visa elevar o nível qualitativo dos trabalhos apresentados. Durante todo o ano letivo os alunos deverão colaborar na organização de um fichário de resumos e indexação bibliográfica de assuntos de Geografia Humana.

6º - Será de grande alcance didático a organização de um seminário para o ensino da Geografia Humana. A sua realização deverá dispor de uma parte das horas destinadas às aulas de caráter prático já previstos no item número 3

7º - São imprescindíveis ao estado desta disciplina as excursões e os trabalhos de campo, dando-lhe destino no seu programa de trabalhos um dia por mês para tais fins. Julgo também de grande alcance ser organizada em meio do ano letivo, aproveitando o período de férias regulamentares, uma viagem mais longa que permitirá um estudo mais lento e aprofundado de uma paisagem regional em seus diferentes detalhes geográficos e traços culturais. É claro que a organização do programa desta viagem depende, principalmente, das possibilidades econômicas desta Faculdade.

Dentro do plano de perguntas formuladas pela circular que me foi enviada são estas as sugestões que julgo oportuno formular a esta Diretoria.

Com a mais alta consideração

FACULDADE NACIONAL DE FILOSOFIA

CADERNO DE GEOGRAFIA LOMANA

PROGRAMA DE EXCURSÕES E ESTUDOS EXTERIORES

- 1- Inspetoria de Obras Contra as Secas.
- 2- Instituto do Açúcar.
- 3- Instituto do Fete.
- 4- Departamento de Cinema Educativo.
- 5- Instituto Nacional de Geografia.
- 6- Imagem Oficial.
- 7- Obras da Baixada Fluminense.
- 8- Departamento Nacional de Desenvolvimento.
- 9- Zona de Açúcar do Campos.
- 10- Cidade Light.

ESCOLA NACIONAL DE FILOSOFIA

CADERNOS DE FILOSOFIA

1a. Série

1a. Parte: Notas essenciais de Geografia humana

- 1- O domínio da Geografia. Evolução dos estudos geográficos. Geografia física e geografia humana. /
- 2- Métodos de estudo e princípios básicos da ciência geográfica. 3
- 3- A geografia humana como disciplina científica. Sua origem e seu conceito. A paisagem natural e a paisagem cultural. 1. /
- 4- A noção de meio geográfico. A ecologia e o ambiente do homem na terra. Os conceitos de influências e de correlações geográficas. 2
- 5- Distribuição do elemento humano na superfície da terra. Formação, localização e evolução dos núcleos geográficos.
- 6- O conceito de região. Distribuição geográfica das concentrações.
- 7- Estudo geográfico das línguas: sua classificação e distribuição geográfica.
- 8- Estudo geográfico da habitação. O meio geográfico e a habitação. A expansão geográfica do elemento humano. 1. /
- 9- Estudo geográfico dos estabelecimentos humanos. A dispersão rural e o aglomeramento urbano.
- 10- Estudo das cidades. Tipos funcionais e evolução das cidades.
- 11- O problema da circulação: estudo dos meios de transporte e das vias de comunicação.

14- O problema das migrações humanas. A colonização. 15- A
colonização.

2a. Parte: Geografia Económica

1- Objectivos da Geografia Económica. As suas funções e a sua importância
na civilização pela homem.

2- Factos de conquista vegetal e animal. A origem das actividades
económicas: a agricultura e a pecuária.

3- O problema da alimentação e as suas respectivas consequências. A
produção e a distribuição.

4- Estudo geral das principais culturas alimentares: trigo, milho,
arroz, etc.

5- Geografia económica do arroz.

6- Geografia económica do milho.

7- Geografia económica do trigo.

8- Geografia económica do açúcar.

9- Geografia económica do batata e do mandioca.

10- Geografia económica do feijão.

11- Geografia económica do chá e do mate.

12- A horticultura e a fruticultura. Sua importância na produção
alimentar e na economia urbana.

13- Estudo económico dos produtos alimentares de origem animal:
o consumo de carne, leite e ovos.

14- A produção industrial e seus factores geográficos. As zonas
industriais.

15- O problema das matérias-primas. Suas fontes vegetais e minerais.

- 28- Geografia económica da produção e de consumo agrícolas, florestais.
- 29- Geografia económica da barrocha.
- 30- Exploração económica dos minerais. O petróleo.
- 31- Geografia económica da extração de madeira.
- 32- Geografia económica do petróleo.
- 33- Geografia económica das fontes de energia. O aproveitamento humano das forças da terra.
- 34- As grandes áreas cultivadas. Conceito de culturas e civilização. Estudo da evolução das culturas e das zonas agrícolas geográficas.

2a. Série

3a. Parte: Utilização humana das regiões naturais

- 1 - As regiões polares e seus fundamentos geográficos. Distribuição, limites e características climáticas.
- 2 - Ocupação humana das regiões polares. A Tundra e a cultura esquimó. A ocupação das franjas polares euro-asiáticas por povos de outras culturas. O aproveitamento das regiões polares pelos povos de cultura ocidental.
- 3 - As regiões dos bosques boreais e seus fundamentos geográficos: Distribuição, limites, clima e vegetação. A Taiga e seus recursos naturais.
- 4 - A ocupação humana dos bosques boreais. Os povos euro-asiáticos da taiga e sua organização econômica. A cultura ocidental e a taiga.
- 5 - As regiões de floresta. Classificação e distribuição geográfica dos vários tipos de florestas.
- 6 - A floresta temperada das latitudes médias. Seus fundamentos geográficos. Clima e revestimento vivo.
- 7 - A ocupação humana das regiões de floresta temperada. A floresta temperada como centro ^{teve} vegetacional da cultura ocidental.
- 8 - Características da ocupação das florestas temperadas pelas culturas orientais. A sua exploração agrícola na China.
- 9 - As florestas equatoriais úmidas ou "selvas" e seus fundamentos geográficos. Climatologia e biogeografia. Sua distribuição e limites.
- 10 - A ocupação humana das florestas equatoriais. A sua exploração pelas culturas nativas.
- 11 - A colonização das florestas equatoriais pelos povos de cultura

ociden. . Estudo de paisagens típicas: A bacia Amazônica e a bacia do Congo.

12- As regiões de florestas tropicais, semi-úmidas. A floresta semi-decidual ou "jungle" e a floresta de espinhos (scrub-floresta). Estudo de paisagens típicas: As florestas de bambús e a "caatinga" do nordeste brasileiro.

13- A ocupação humana das florestas tropicais pelos povos nativos e de cultura ocidental.

14- As regiões de campos abertos: prados, estepes (atopaea) e savanas. Características fundamentais. Clima e hidrografia.

15- A ocupação humana das regiões de campos abertos. As culturas primitivas: a proto-agricultura e a economia dos povos nômades. A técnica ocidental no aproveitamento destas regiões. Estudo de paisagem típica: o "corn belt" norteamericano e a savana serengeti.

16- As regiões desérticas. Sua classificação e distribuição geográfica. Características fundamentais dos desertos.

17- Os desertos tropicais. Fundamentos fisiográficos. Clima, flora e fauna dos desertos. Os oásis e o problema da água nas regiões desérticas.

18- A ocupação humana dos desertos. Sedentarismo e nomadismo na economia dos povos nativos do deserto. Estudo de paisagem típica: os Tuaregs no Saara ocidental e os oásis de Souf e Mzab.

19- Regiões semi-áridas. Características geográficas. Estudo de paisagem típica: o sertão do nordeste brasileiro.

20- As regiões montanhosas. Características fundamentais. Climatologia e biogeografia. A montanha como habitat humano. A influência das montanhas sobre a distribuição e concentração humana.

Anexo 04
Cronologia Bibliográfica de Josué de Castro no período 1934-1956

Registro Cronológico das principais Produções Científicas e Literárias de Josué de Castro no período 1934/1956

Com base nos levantamentos de informações contidas nos diversos currículos do próprio Josué de Castro¹, bem como as pesquisadas no trabalho de Giuseppe di Taranto (Op. Cit), foi montado esse quadro de referência dos principais registros² da produção castrista³.

Esses registros estão aqui documentados sob a ordem cronológica, essa opção atém-se ao fato de que muitas das colaborações, como prefácios, artigos e discursos, conforme relatado ao longo deste trabalho, tiveram importâncias distintas, e às vezes geraram inovações e suscitaram polêmicas de maneira mais palpitante do que obras completas que as entreamearam.

No cômputo geral, estão aqui apostas, 15 livros, 9 prefácios, 70 artigos, ensaios, e textos resultantes de discursos. Verifica-se a predominância da produção nos anos de 1930 e 1940. É possível que se prenda a própria trajetória do autor, envolvido, como já apresentado nos afazers múltiplos acadêmicos, políticos e técnicos.

O Problema da Alimentação no Brasil. 2. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1934.

As Condições de Vida das Classes Operárias do Recife. In: Bol. do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. n. 5. 1935.

A Questão do Salário Mínimo. In: Bol. do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. ns. 24 e 25. 1935.

Sociologia Pitoresca. In: Arquivo Municipal de São Paulo. n. 2, 1935.

Alimentação e Raça. Rio de Janeiro, 1936.

¹ Entretanto, é válido ressaltar que mesmo nestas fontes, as referências no que diz respeito a editora ou a cidade dos veículos de publicação utilizados por Josué, são quase sempre inexistentes.

² Certamente, esta relação não cobre toda a produção do cientista dentro do recorte temporal estudado (1934-1956), estando assim sujeita a incorreções. Acrescente-se ainda, que a relação não contempla as traduções que teve início em 1939 com *Fisiologia dos Tabus* (*La Physiologie des Tabous*) traduzido para o francês. Ao término de 1956 a obra de Josué já estava disponível em mais de uma dezena de idiomas.

³ Face as contradições encontradas entre as duas principais fontes de pesquisa optei por considerar sempre, as informações contidas nos documentos do próprio Josué.

A Questão Sexual (Prefácio do livro de Giuseppe Mariani) Rio de Janeiro, 1936.

Terapêutica do Diabetes. (em parceria com O. Coutinho) In: DIAS, Anes. (Org.) *Diabetes*. Rio de Janeiro, 1936.

Recife, Cidade Desigual. In: **O Carioca**. n. 15, Rio de Janeiro, 1936.

Loucura e Crime (Prefácio ao livro de Arthur Ramos). Rio de Janeiro, 1937.

A Paraíba e seus Problemas (Prefácio ao livro de José Américo de Almeida). Rio de Janeiro, 1937.

Science et Technique. Rio de Janeiro, 1937.

A Alimentação Brasileira à luz da Geografia Humana. Porto Alegre, 1937.

Documentário do Nordeste. Rio de Janeiro, 1937.

_____, MEIRELLES, Cecília. **A Festa das Letras**. Porto Alegre, 1938.

_____, BARRETO, J. de Barros, CASTRO, A. *Inquérito sobre as Condições da Alimentação Popular no Distrito Federal*. Rio de Janeiro, 1937.

Recenseamento Torácico (Prefácio ao livro de M. de Abreu). Rio de Janeiro, 1938.

Mortalidade Infantil (Prefácio ao livro de João de Barros Barreto). Rio de Janeiro, 1938.

Geografia Científica e Filosofia. In: **Universidade**. n. 1, Rio de Janeiro, 1938.

Basal Metabolis in Tropical Climates. In: **Arquivos de Medicina Legal e Identificação**. n. 16. Rio de Janeiro, 1938.

Fisiologia dos Tabus. Rio de Janeiro, 1939.

La Scienza della Nutrizione e l'Autarchia Alimentare. In: **L'Autarchia Alimentare**. Ano II, n. 2, Roma, 1939.

Resistência Dentária e Fator Racial (em colaboração com D. Irene Silva) In: **Arquivos Brasileiros de Medicina**. Rio de Janeiro, 1938.

A Colonização Alemã no Brasil. In: **Observador Econômico e Financeiro**. n. 33, 1938.

Namoros com a Medicina (Prefácio ao livro de M. de Andrade). Rio de Janeiro, 1939.

Alimentação Racional. In: **Observador Econômico e Financeiro**. n. 33, Local ignorado, 1939.

Alimentazione ed Acclimazione Umana nei Tropici. Milão, 1939.

Geografia Humana: estudo da paisagem cultural do mundo. Porto Alegre, 1939

Vitamina para o Brasil. In: **Observador Econômico e Financeiro**. n. 41. Local ignorado, 1941.

Pão de Guerra. In: **Resenha Clínica Científica**. Ano XII, n. 10. 1943. (republicado em *The Journal of the American Medical Association*. v. 125, n. 12, junho de 1944).

Coquetéis Vitamínicos e Alcoólicos (Prefácio ao livro de J. Zarattini). Rio de Janeiro, 1944.

Pela Boca Morre o Peixe. In: **Pasteur**. Março de 1944.

Indústria de Desidratação de Alimentos. In: **Estudos Econômicos**. n. 3, 1944.

A Desidratação dos Alimentos. In: **O Observador Econômico e Financeiro**. n. 106, 1944.

O Uso Obrigatório do Sal Iodetado como Profilaxia do Bócio Endêmico. In: **Arquivos Brasileiros de Nutrição**. vol. III, 1944.

The food Problems of Brazil. In: **Nutrition Reviews**. Vol. II, n. 3, 1944.

As Áreas Alimentares do Brasil. In: **América Indígena**. vol. V, n. 3. México, 1945. (republicado em *Resenha Clínico-Científica*, ano XIV, n. 4, São Paulo, abril de 1945 e também no *Boletim Geográfico*, n. 65. Rio de Janeiro, 1949. Acrescentado com um mapa geográfico-alimentar).

Um Relato Brasileiro: Juan Paulo. In: **tricolor**, n. 8. Local ignorado, 1945. (Tratto da Documentário do Nordeste)

O Primeiro Congresso Brasileiro de Problemas Médico-Sociais de Após-Guerra. In: **Revista do Serviço Social**. n. 1, 1945.

Metabolismo dos Sais Minerais nos Trópicos: carências minerais no Brasil. In: **Medicina, Cirurgia e Farmácia**. n. 114, outubro de 1945.

A Política Alimentar no Após-Guerra. In: **Observador Econômico e Financeiro**. n. 116. 1945 (republicado na revista Brasileira de Medicina Pública n. 3, set. e out. de 1945).

Metabolismo das Vitaminas nos Trópicos. In: **Resenha Clínico-Científica**. n. 11. Local ignorado, 1945.

Metabolismo dos Sais Minerais nos Trópicos: carências minerais no Brasil. In: **Medicina, Cirurgia e Farmácia**. n. 114. Local ignorado, 1945.

Geografía del Hambre. In: **La Prensa Médica Mexicana**. n. 6, Ciudad de Mexico, junho de 1945.

Deficiências Alimentares no Brasil. carências protéicas e minerais. In: BERLE, Beatrice. (Coord.). **Problemas de Medicina Prática e Preventiva no Brasil**. Rio de Janeiro, 1946.

Um Livro que não foi Editado. In: **Leitura**. n. 38, 1946.

O Olho de Deus. In: **Pensamento da América** (Suplemento Panamericano de 'A Manhã'), n. 13, 1946.

La Alimentación en Los Trópicos. México, 1946.

Geografia da Fome. Rio de Janeiro, 1946.

Iodetação do Sal na Profilaxia do Bócio Endêmico (em colaboração com o Dr. Ítalo Matoso). In: **Resenha Clínico-Científica**. Ano XV, n. 8, 1946.

Os Alimentos Bárbaros dos Sertões do Nordeste. In: **Arquivos Brasileiros de Nutrição.** Tomo 3, n. 2, fevereiro de 1947.

Profilaxia do Bócio Endêmico. In: **América Clínica.** v. II, n. 2. New York, 1947.

Lês Problèmes de L 'alimentation dans lês Régiones Tropicales. In: **Bulletin de la Société Scientifique d'Hygiène Alimentaire et d 'Alimentation Rationnelle.** vol. XXXVI, nn. 1-2-3, 1948.

Alimentação e População. In: **Revista de Imigração e Colonização.** n. 1, 1948.

Função Social da Ciência. In: **Revista Universitária.** n. I, Local ignorado, 1948,

Terre des Hommes, Terre de la Faim. In: **Economie et Humanisme.** n. 38. Local ignorado, 1948.

Função Social das Universidades. Rio de Janeiro: Sauer, 1948.

Fatores de Localização da Cidade do Recife. Rio de Janeiro, 1948. (Tese de Cátedra publicada no mesmo ano pela Imprensa Oficial)

_____, LUZ, H. de Souza, BORGES, P. *Pesquisa sobre Estado Nutritivo dos Escolares no Distrito Federal.* In: **Arquivos Brasileiros de Nutrição.** n. Local Ignorado, 1949.

A Luta contra a Fome. In: **Revista das Nações Unidas e Boletim Diplomático.** n. 3, 1949.

A Fome Mundial e o Neo-Malthusianismo. In: **Sexto Continente.** n. 2, 1949.

O Problema da Alimentação na China. In: **Patologia Geral.** n. 9-10, 1949.

Perspectiva Ideal da Cidade do Recife. In: **Boletim da Cidade e do Porto do Recife.** n. 1 a n. 34. Recife, 1946-1949.

_____, LUZ, H. de Souza, PECHNIK, E. *Novas Pesquisas sobre a Mucunã.* In: **Trabalhos e Pesquisas do Instituto de Nutrição.** v. II, 1949.

_____, BORGES, P. *Alimentação e Colonização no Brasil Central.* Trabalho apresentado ao Congresso de Imigração, 1949 (Republicado em *Ensaio de Biologia Social*, Rio de Janeiro, 1951)

Os Problemas de Alimentação na América do Sul. In: **Trabalhos e Pesquisas do Instituto de Nutrição.** v. II, 1950.

La Alimentación en el Área Amazónica. In: **América Indígena.** vol. IX, n. 2, 1950.

Geopolítica da Fome. São Paulo, 1951.

Atualidades em Vitaminologia (Prefácio ao volume do Instituto Italiano de Vitaminologia G. Lorenzini) São Paulo, 1951.

_____, PECHNIK, E. *Valor Nutritivo de la Mezcla del Maiz con la Leche.* In: **Archivos Venezolanos de Nutrición.** v. II, n. 2. Caracas, 1951.

O Espírito Filosófico da Geografia Moderna. In: **Formação**. n. 15, 1951. (Posteriormente republicado no Boletim Geográfico)

Problème D'Écologie Tropicale (Prefácio ao livro de A. Ramos, Métissage au Brésil). Paris, 1952.

Trois Milliards de Bouches à Nourrir. In: **Constellation**, n. 45, 1952.

The Fertility of Hunger. In: **Collier's** – USA. 1952.

_____, REIS, F. *Food Problems in Amazon Area*. In: **Symposium on World Food Supply**. Washington, 1952.

Can Chemicals Feed the Worlds ? In: **Organic Farmer**. v. III, n. II, 1952.

A Influência Holandesa na Paisagem Urbana do Recife. In: **Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 1952.

Alimentos-Composição-Valor Nutritivo e Dietético. (Prefácio ao livro de R. D. de Garcia Paulo. Rio de Janeiro, 1953).

Frente Mundial contra a Fome. In: **Boletim da FAO**. n. 3. Roma, 1953.

A Seca. In: **Presença**. v. III, n. 14, 1953

_____, SANTOS, W. *Carência Alimentar e Verminose na América Latina*. In: **América Indígena**. v. XIII, n. 3, 1953.

La Faim dans le Monde. In: **Les Cahiers Albert le Grand**. Oct-déc. Paris, 1953.

Pax et Libertas. In: **Japan Women's University**. 1954.

Declarações sobre o Problema do Salário Mínimo. In: **Panfleto**. n. 33, 1954

Hunger and World Economic Inequality. In: **Peace**. v. I, n. 12, 1954.

A Cidade do Recife: ensaio de geografia urbana. Rio de Janeiro, 1954.

Aos Pobres Pertence o Reino da Terra. Estocolmo, 1954 (Discurso pronunciado no Conselho Mundial da Paz).

A Coexistência Política e a Paz. *Helsinki*, 1954 (Discurso pronunciado ao receber o Prêmio Mundial da Paz).

O Mercado Mundial de Cereais. (Prefácio ao livro de O. D'Herouville). Paris, 1955.

El Camino de la Supervivencia de Nuestra Civilización. In: **Juventude del Mundo**. enero-febrero, 1955.

La Terre des Hommes. In: **Horizonts**, n. 45, 1955.

Ensaios de Biologia Social. Rio de Janeiro, 1956.

The Gamut of Hunger. In: **A. A. V. V.** – *Adventures in Moderne Literature*. New York, 1956.